

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Departamento de História

**ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL CENTRAL DE SANTA
CATARINA: ESTUDO DE CASO DO SÍTIO TRAVESSÃO DO RIO
VERMELHO (TRV)**

Isabela da Silva Müller

Campus Trindade, Santa Catarina

Dezembro de 2015

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)

Departamento de História

**ARQUEOLOGIA GUARANI NO LITORAL CENTRAL DE SANTA
CATARINA: ESTUDO DE CASO DO SÍTIO TRAVESSÃO DO RIO
VERMELHO (TRV)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a avaliação da disciplina *HST 7801 – Trabalho de Conclusão de Curso*, sob a coordenação da Professora Dra. Renata Palandri Sigolo Sell.

Por **Isabela da Silva Müller**. Professores Orientador e Co-orientadora: **Lucas de Melo Reis Bueno** e **Juliana Salles Machado**.

Campus Trindade, Santa Catarina

Dezembro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos dezoito dias do mês de novembro do ano de dois mil e quinze, às oito horas e trinta minutos, no Auditório do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE/UFSC), Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor **Lucas de Melo Reis Bueno**, Orientador e Presidente, Professora **Juliana Salles Machado**, Coorientadora, a Antropóloga **Maria Dorothea Post Darella**, Titular da Banca, e a Arqueóloga **Luciane Zanenga Scherer**, Suplente, designados pela Portaria nº92 /TCC/HST/15 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Isabela da Silva Müller**, subordinado ao título: “**Arqueologia Guarani no Litoral Central de Santa Catarina: estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV)**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido do Professor **Lucas de Melo Reis Bueno** e da Professora **Juliana Salles Machado**, a nota final **1,0**, da Antropóloga **Maria Dorothea Post Darella**, a nota final **1,0**, e da Arqueóloga **Luciane Zanenga Scherer**, a nota final **1,0**; sendo aprovada com a nota final **1,0**. A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia onze de dezembro de dois mil e quinze. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 18 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. **Lucas de Melo Reis Bueno** *Lucas B*

Prof. **Juliana Salles Machado** *Juliana Salles Machado*

Maria Dorothea Post Darella *Maria Dorothea Post Darella*

Luciane Zanenga Scherer *Luciane Zanenga Scherer*

Candidata **Isabela da Silva Müller** *Isabela da Silva Müller*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Isabela da Silva Muller, matrícula n.º 11101947, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Arqueologia Guaraní no litoral central de Santa Catarina: estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV) com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 10 de dezembro de 2011.

Lucas B.

Orientador(a)

Resumo

A pesquisa denominada *Arqueologia Guarani no Litoral Central de Santa Catarina: estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV)* propõe iniciar uma discussão acerca das pesquisas em Arqueologia Guarani na região em perspectiva regional do litoral e macrorregional do sul do país. Enquanto pesquisa inédita na região, e por meio de posicionamento que compreende a Arqueologia enquanto História de longa duração, o sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho é inserido nesse panorama e questionado perante as demais informações disponíveis para a ocupação Guarani na Ilha de Santa Catarina especialmente – dentre elas, registros etnográficos e etnohistóricos. O sítio arqueológico localiza-se no bairro Rio Vermelho, no município de Florianópolis, e foi alvo de pesquisas pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA/UFSC) entre os anos de 2013 e 2014. Atualmente os vestígios provenientes da pesquisa em campo passam por análises laboratoriais. Nesse ínterim, possibilidades são trabalhadas de forma a empreender novas perspectivas para a construção de uma história Guarani de longa duração.

Palavras-chave: Arqueologia Guarani - Travessão do Rio Vermelho - Arqueologia, Etnografia e Etnohistória – Longa Duração.

Abstract

The research named *Arqueologia Guarani no Litoral Central de Santa Catarina: estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV)* propose the beginning of a discussion on the researches in Guarani archaeology in the area using the perspective that studies the coast region and South of the country macro region. As an inedited study for the area, and having the pretext that comprehends Archaeology as history of long duration, the archaeological site *Travessão do Rio Vermelho* is introduced in this broad view and it is questioned in the presence of other information available for Guarani occupation especially on the Island of Santa Catarina – among them, ethnographic and ethnohistorical registers. This archaeological site is nestled in the location of Rio Vermelho in the city of Florianópolis, and it was the subject of research by *Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA/UFSC)* between the years of 2013 and 2014. Today, the material evidences of this research are been analyzed in laboratory. In this meantime, possibilities are analyzed to undertake new perspectives to building a Guarani history in the long duration.

Key words: Guarani archaeology – Travessão do Rio Vermelho – Archaeology, Ethnography and Ethnohistory – Long duration.

Agradecimentos

Quero agradecer a todos os envolvidos neste trabalho, direta ou indiretamente, pois sabemos ser este um trabalho coletivo por se relacionar à Arqueologia, por se relacionar a diversas partes de nossas vidas, não somente a acadêmica, mas envolver um todo. Certamente, não terei como citar todos os envolvidos, mas gostaria de mencionar algumas pessoas nessa tarefa. Então, de antemão, gratidão!!

Agradeço à Deus; à minha família que não poupou esforços para me apoiar de diversas maneiras nos estudos e não poupa até hoje, agradeço às energias, orações, aos pensamentos e forças dadas; à meu pai, mesmo distante está comigo sempre; à minha mãe, incentivadora e companheira; ao meu companheiro Joab, luz em minha vida, amor, alegria e força; aos meus avós inspiradores. Aliás, dedico este trabalho a eles, aos meus avós: Izabel Suarez, Antonio de Melo Soares de Ferraz, Karl Müller, e Maria Mathias da Silva, e Antonio da Silva.

Agradeço à orientação iniciada há quatro anos e base de minha formação pelo Professor Lucas (Lucas Bueno) e a Ju (Juliana Machado), por me darem os subsídios de tal formação e me ampararem com ternura aos desafios do percurso. Agradeço à banca da defesa deste TCC, à Maria Dorothea e Luciane Scherer (Lu), por aceitarem o convite e contribuírem valorosamente com suas presenças, experiências e conhecimentos!

Ao LEIA e ao antigo NAU!! Aos colegas do LEIA que participaram comigo dos projetos desenvolvidos pelo laboratório (de extensão, iniciação científica,...). À Fernanda, à Stela, ao Lucas Bond, à Gabi, Bruno, Angela, Simón, Leticia, Fernando, Milene, Thiago, Juliana Betarello... Aos colegas e parceiros que participaram da escavação do TRV e seus desdobramentos! Foram eles: Beatriz, Bruno, Stela, Milene, Andressa, Jefferson, Romeine, Thayla, Gabi, Juliana Burger, Kal, Thiago (Garganta).

À Gabi e aos Lucas, pelas conversas e opiniões, e pelas grandes ajudas com tudo aquilo que se refere às T.I.s!! À Lu, também pelas sugestões e orientações, conversas sinceras e diretas, pelo carinho!! Às minhas queridas Dani e Flávia,

companheiras desde nosso primeiro ano de faculdade e amigas! Ao MARquE e seu corpo de profissionais dedicados, ao Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr nas pessoas do Ir. Vanderlei e Jefferson, por me acolherem tão bem!

Àqueles que dedicaram seu tempo, sua manhã, para participarem comigo da defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso presencialmente ou com suas boas energias e carinho!! Sei de cada um!!

Gratidão,

Isabela da Silva Müller.

Sumário

Lista de Figuras.....	11.
Lista de Gráficos.....	13.
Lista de Mapas.....	14.
Lista de Tabelas.....	15.
Introdução	16.
Capítulo 1. Arqueologia Guarani	18.
1.1. É possível falar de uma Arqueologia Guarani?	18.
1.2. Quais as principais questões de pesquisa trabalhadas na Arqueologia Brasileira sobre este tema?	22.
1.3. Arqueologia, Etnografia, Etnohistória: como pensar a ocupação guarani na longa-duração?	35.
Capítulo 2. Arqueologia Guarani no Litoral de Santa Catarina.....	40.
2.1. Principais pesquisas sobre o tema.....	40.
2.2. Localização dos sítios arqueológicos e cronologia.....	47.
2.3. Ocupação Guarani na Ilha de Santa Catarina: Arqueologia e Etnohistória.....	63.
Capítulo 3. O sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV).....	74.
3.1. Localização.....	74.
3.2. Atividades de campo.....	81.
3.3. Atividades de laboratório.....	96.
3.4. Datação.....	106.

Considerações Finais.....	108.
Lista de Fontes.....	110.
Referências Bibliográficas.....	111.
Anexo 1.....	118.
Anexo 2.....	127.

Lista de Figuras

- Figura 1:** Localização do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho em relação à Ilha. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. Mapa 1..... 75.
- Figura 2:** Sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho em relação à compartimentação topográfica (Dunas, serra, Lagoa da Conceição e nascente do Rio Vermelho). Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. Mapa 2..... 76.
- Figura 3:** Imagem de satélite com indicação dos três lotes, da rua e da área da madeireira. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. Mapa 3..... 80.
- Figura 4:** Croqui Geral de Intervenções na Área B. Por: Lucas Bond Reis..... 84.
- Figura 5:** Estrutura de combustão sendo coletada para análises em laboratório. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. P.6..... 88.
- Figura 6:** Estrutura de combustão evidenciada durante escavação. Observa-se que se trata de sítio raso. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. P.6..... 89.
- Figura 7:** Ampla área de escavação em B1 durante escavação. Nota-se a quantidade de vestígios cerâmicos evidenciados no nível número 2. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. P.7.....89.
- Figura 8:** Base de pote cerâmico fragmentado *in situ*. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. P.7.....90.
- Figura 9:** Área ampla de escavação B1. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014. P.8..... 90.
- Figura 10:** Croqui evidenciando perfil oeste da quadra N120W126 (área B1), contendo: camada de ocupação do sítio, estrutura de combustão com conchas, material cerâmico e carvão envoltos em mancha mais escura presentes na camada de ocupação..... 96.

Figura 11: Croqui do perfil sul da quadra N120W131 (área B1) apresentando camada de ocupação com vestígios materiais cerâmicos, carvão e macha escura com fragmentos de carvão nessa mesma camada.....	97.
Figura 12: Higienização de fragmentos cerâmicos.....	99.
Figura 13: Amostra cerâmica numerada.....	99.
Figura 14: Amostras cerâmicas numeradas.....	100.
Figura 15: Bolsista e integrante do LEIA utilizando a máquina para o procedimento de flotação em fevereiro de 2015.....	101.
Figura 16: Bolsista e integrante do LEIA coletando amostra de fração leve resultante da flotação.....	101.
Figura 17: Integrante do LEIA separando a fração leve, resultado do procedimento de flotação.....	102.
Figura 18: Conjunto 3, pertencente à área B3, em análise.....	104.
Figura 19: Conjunto 2, pertencente à área B2, em análise.....	104.
Figura 20: Conjunto 1, pertencente à área B1, em análise.....	105.

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Datações para sítios arqueológicos Guarani no litoral catarinense. Elaborado por: Lucas Bond Reis em dezembro de 2015..... 60.

Gráfico 2: Concentração dos vestígios cerâmicos nas superfícies das áreas A e B. Elaborado a partir de informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014..... 82.

Gráfico 3: Concentração de vestígios cerâmicos por nível estratigráfico na área de escavação B1. Elaborado a partir das informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014..... 93.

Gráfico 4: Concentração de vestígios cerâmicos por nível estratigráfico na área de escavação B2. Elaborado a partir das informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014..... 93.

Gráfico 5: Concentração de vestígios cerâmicos por nível estratigráfico na área de escavação B3. Elaborado a partir das informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014..... 94.

Lista de Mapas

Mapa 1: Representa graficamente a hipóteses de Brochado para as rotas de dispersão e expansão demográficas. Extraído de: NOELLI, 1993. P.71 *apud* Brochado, 1984, P.557.
.....27.

Mapa 2: Distribuição de sítios arqueológicos com ocupação Guarani. Retirado de: BONOMO, M., *et al.*, A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil. *In: Quaternary International*, 2014. P.4. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>..... 49.

Mapa 3: Sítios arqueológicos cerâmicos de ocupação Guarani na Ilha de Santa Catarina. Com dados adaptados de: BUENO, L., BOND, L., MENDES, R., OPPITZ, G., PEREIRA, T., BATISTA, J., BEE, B. Florianópolis Arqueológica. Relatório Final, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 120p. Por: Lucas Bond Reis em novembro de 2015..... 78.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Sítios arqueológicos com datação na região sul do litoral catarinense. Adaptado de: NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Tabela de sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. *In:* Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014. P.p.205-255..... 52.

Tabela 2: Sítios arqueológicos na região central do litoral catarinense. Adaptado de: NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Tabela de sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. *In:* Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014. P.p.205-255..... 53.

Tabela 3: Sítios arqueológicos Guarani na Ilha de Santa Catarina. Adaptado de: BUENO, L., BOND, L., MENDES, R., OPPITZ, G., PEREIRA, T., BATISTA, J., BEE, B. Florianópolis Arqueológica. Relatório Final, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 120p..... 57.

Tabela 4: Número de amostras de acordo com coleta e natureza do vestígio arqueológico..... 103.

Introdução

A pesquisa intitulada *Arqueologia Guarani no Litoral Central de Santa Catarina: estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV)* vem dissertar acerca das pesquisas realizadas em Arqueologia Guarani na região identificada, suas problemáticas e possibilidades. Conta com a análise do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho enquanto estudo de caso, inserido no panorama arqueológico do litoral do estado e na dinâmica regional do sul do país, no que conta a ocupação e expansão dos povos guarani pré-coloniais. A temática vem sendo pesquisada pela autora desde o ano de 2012 e a partir de 2013 com mais ênfase através de iniciação científica desenvolvida no Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA/UFSC), vinculado ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Iniciando a discussão que trata da Arqueologia Guarani, proposta inédita para a região litorânea central do estado, este estudo encontra-se disposto em três capítulos e considerações sobre o panorama abordado:

O *Capítulo 1* explora a temática da Arqueologia Guarani enquanto possibilidade de estudo, com relação a seus principais questionamentos na Arqueologia Brasileira e ao diálogo interdisciplinar com a Etnografia e a Etnohistória em uma perspectiva de longa duração. A partir de um posicionamento que apresenta como pressuposto a Ciência da Arqueologia enquanto uma História de longa duração, são realizadas a revisão e a discussão das pesquisas no litoral e no sul do país e seus embasamentos teóricos e metodológicos. Assim, são emprestadas as concepções de Fernand Braudel no que concerne à longa duração e interdisciplinaridade com as Ciências Sociais; de Marshall Sahlins sobre estrutura e História; e de María Nieves Zedeño sobre território para a discussão empreendida.

O *Capítulo 2* direciona o olhar em Arqueologia Guarani para o litoral catarinense – com ênfase na faixa costeira entre os municípios de Porto Belo e Garopaba -, elencando as principais pesquisas sobre o tema, e problematizando a localização e cronologia - quando existente - dos sítios arqueológicos com ocupação

Guarani identificados. Nesse momento, os registros etnográficos e etnohistóricos do “contato” europeu com os indígenas no litoral são confrontados às informações que a Arqueologia obtem para a região e, em especial, para a Ilha de Santa Catarina – como os relatos do navegante *Álvar Núñez Cabeza de Vaca* do ano de 1541. Sabe-se que no horizonte das datações arqueológicas, o litoral catarinense apresenta aquelas mais próximas ao período do “contato”, mas com particularidades. Tais particularidades merecem refinamento metodológico e teórico.

O terceiro capítulo (*Capítulo 3*) insere o sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV) no contexto regional das pesquisas realizadas no litoral central do estado - e macrorregional do sul do país - de acordo com metodologias adotadas durante pesquisa de campo e processamento laboratorial. São apresentadas informações referentes à localização, atividades de campo, de laboratório e cronologia. Esse sítio arqueológico foi alvo de pesquisas de campo do LEIA/UFSC entre os anos de 2013 e 2014, com apoio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Agora os vestígios provenientes da mesma passam por análises tecnológicas e físico-químicas. O TRV é, então, discutido perante os demais sítios identificados na região com relação a sua cronologia e localização. A partir desse sítio que características e considerações são levantadas sobre as pesquisas realizadas e o potencial metodológico alcançado, refletindo acerca dos desafios e possibilidades na Arqueologia para a região. É retomado novamente o diálogo entre Arqueologia, Etnografia e Etnohistória, de modo a perceber a presença e ocupação Guarani na região anteriormente à presença europeia e que coexistiu com a mesma por no mínimo cem anos.

Por fim, são lançadas considerações em cima do panorama pesquisado e apresentado, bem como sugestões para a continuação desta e de pesquisas vindouras na região, desafios para um refinamento teórico e metodológico a fim de que novas questões sejam abrangidas nas problemáticas pesquisadas. Apesar da vasta e conhecida bibliografia etnográfica sobre os Guarani do período do “contato” europeu e de saltos valorosos nas pesquisas em Arqueologia Guarani realizadas na América do Sul de modo geral, ainda urge a necessidade do trabalho voltado a contextos regionais, cronologia e tecnologia bem definidos para que se possa dispor e compreender permanências e mudanças no modo de viver das populações Guarani pré-coloniais.

Capítulo 1:

Arqueologia Guarani

1.1. É possível falar de uma Arqueologia Guarani?

A trajetória dos estudos em Arqueologia no Brasil enfrentou distintas rupturas, permanências e transformações¹, próprias das Ciências Humanas, cujas influências se realizam direta e indiretamente, regional e internacionalmente. Ao longo do século XX, conforme nos fala Lúcio Menezes², a Arqueologia Brasileira atravessou mudanças significativas ao pensar teoria e suas metodologias. Não cabe aqui realizar esse histórico. No entanto, é importante ressaltar que isso se refletiu nos estudos de ocupação das populações indígenas ascendentes dos povos Guarani, mais especificamente, nas teorias acerca de sua origem, expansão, difusão e migração no território sul-americano. Atualmente, é possível esboçar um panorama geral dessas teorias e propor modelos sobre a dimensão da expansão alcançada por essas populações pretéritas, o que será apresentado adiante.

A “Arqueologia Guarani”, assim denominada, propõe o estudo das populações indígenas ascendentes dos povos Guarani atuais e questões a elas pertinentes, - tendo assim como pressuposto uma continuidade indireta entre essas populações pré e pós contato europeu. Os estudos em Arqueologia sobre a temática hoje, versam, em grande parte, a partir de uma interface entre Arqueologia, História Indígena, Etnohistória, e Etnografia. Mais recentemente, tem crescido o número de estudos em Etnoarqueologia, entre esta população, que também pode ser entendida como a prática arqueológica realizada em território indígena e cujos objetivos e problemáticas trabalham com questionamentos pertencentes também às populações tradicionais, dialogando assim, com o conceito de multivocalidade. O termo “Arqueologia Guarani” deve-se à influência da tradição estadunidense de se fazer os

¹ Conceitos apropriados por Fernand Braudel em suas obras ao tratar de História.

² FERREIRA, Lucio. Vestígios de Civilização: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Construção da Arqueologia Imperial (1838-1870). In: *Revista de História Regional* 4(1): P.p.9-36. Verão de 1999.

estudos arqueológicos no Brasil baseados na identificação artefactual e classificação usando as categorias de semelhança, forma e função. Denominou-se na década de 1960 *tradição arqueológica tupiguarani* (grafada sem hífen para diferenciar-se da família linguística Tupi-Guarani), um conjunto material definido a partir de uma cerâmica pintada (policrômica, com decoração geométrica, em predomínio) e/ou com decoração plástica, de formas e funções variadas, encontradas em sítios rasos (manchas pretas) que ocorrem no litoral brasileiro e na bacia do rio Paraná (incluindo Argentina, Uruguai e Paraguai)³. É importante ressaltar, contudo, que esta denominação não deve ser confundida como correlata à ocupação do território pelos povos Guarani:

Inicialmente essa tradição foi subdividida nas subtradições: Corrugada, com predomínio deste tipo de decoração plástica na cerâmica que ocorria em sítios no sul do Brasil (litoral e bacias dos grandes rios), Pintada, com predomínio deste tipo de decoração que ocorria em sítios do litoral (Sudeste e Nordeste) e Escovada, com predomínio deste tipo de decoração plástica que ocorria em sítios com influência europeia (PROUS, 1992).⁴

Em publicação recente (2014), os pesquisadores Bonomo, Angrizoni, Apolinaire, e Noelli ampliam as pesquisas realizadas em contextos associados à ocupação Guarani na Bacia do Rio da Prata e no sul do Brasil desde o século dezanove (Ambrosetti, 1895; Lathrop, 1932; Menghín, 1956; Chmyz, 1968; Pronapa, 1970; Cigliano et al., 1971; Meggers and Evans, 1983; Brochado, 1984; Caggiano, 1984; Scatamacchia, 1990; Schmitz, 1991; Cabrera Perez, 1994; Sempe and Caggiano 1995; Noelli, 1998; Rogge, 2005; Kashimoto and Martins, 2008; Milheira, 2008; Prous and Lima, 2008; Rodríguez, 2009; Loponte et al., 2011; Costa Angrizani, 2012; Bonomo, 2013; Noelli et al., 2014; dentre outros)⁵. Sobre a metodologia acima da tradição arqueológica tupiguarani:

Many researchers included these archeological contexts in the Tupiguaraní Tradition defined for Brazil (Chmyz, 1966; Pronapa, 1970). This tradition comprises the archaeological

³ BANDEIRA, Dione da Rocha. Arqueologia Guarani em Santa Catarina: Litoral Norte. *In: Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil*/ Rafael Guedes Milheira, Gustavo Peretti Wagner (orgs.). Curitiba: Appris, 2014. P.15.

⁴ *Ibidem*, p.15.

⁵ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil, *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. P.1.

manifestations of polychrome, corrugated, or brushed pottery, tembetas, stone axes, and secondary urn burials. Inspired by Willey and Phillips (1958), the main objectives of this classification was to arrange in both time and space different sub-traditions and phases which had been defined through the variations in the temper material and surface treatment of pottery fragment assemblages (Evans and Meggers, 1965; Meggers and Evans, 1970), disregarding aspects such as vessel shapes or functions. More than seventy phases were proposed for the Guaraní area. These phases were defined by variable combinations of sherd surface treatments (Evans and Meggers, 1965), collected under questionable statistical criteria, lack of stratigraphic control in several excavations, and insufficient numerical dates (Dias, 1995; Noelli, 1998, 2008). In spite of being adopted, even today, by archaeologists from Brazil, Uruguay, and Argentina, the Tupiguaraní Tradition has received several criticism and revisions since the 1980s (Brochado, 1984; Dias, 1995; Noelli, 2008). Basically, this scheme was questioned for being too broad and arbitrarily compressing under the same archaeological category, the material culture (especially the pottery) of different Tupí speaking people or other cultural traditions. Moreover this line of thought was indifferent to the incorporation of ethnohistoric or ethnographic data, and thus failed to generate conceptual tools or methodologies to deeply investigate the historical processes throughout their complete duration.⁶

Essa denominação, então, classificava a cerâmica encontrada em sítios arqueológicos de provável ocupação Tupi e família linguística Guaraní enquanto tradição tupiguarani. Atualmente, essa denominação é mantida por uma parcela dos pesquisadores. Porém, uma vez que os objetivos das pesquisas em Arqueologia vêm tomando rumos distintos, novos contextos e outras possibilidades são visíveis.

Neste sentido, hoje, alguns pesquisadores compreendem a ciência da Arqueologia enquanto “história de longa duração” e enquanto Ciência Humana, na qual faz-se necessário pensar e articular diversas áreas do conhecimento, conforme já propunha Fernand Braudel⁷. Neste trabalho, aliarmos tais pressupostos às noções de Marshall Sahlins⁸ sobre *estrutura e História*, bem como à concepção e diferenças entre

⁶ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil, Quaternary International (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. P.1.

⁷ BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. In _____ *Annales* E.S.C, n.4, out.-dez 1958, Débats et Combats, 1992. P.725.

⁸ SAHLINS, Marshall. Estrutura e História. In. _____. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1989. Cap. 5. P.p.172-194.

território e territorialidade, conforme proposto por María Nieves Zedeño⁹. Com base nestes pressupostos teóricos, esta pesquisa buscou compreender *continuidades e rupturas* na dinâmica cultural da ocupação das populações Guarani na região destacada, o litoral central de Santa Catarina.

Na maior parte do continente americano há um descompasso entre os estudos arqueológicos e a construção de uma história que contemplaria a agência da ascendência dos grupos indígenas¹⁰. Assim,

[...] O termo *pré-histórico* ou *pré-história* vem sendo substituído pelo termo *pré-colonial*, reflexo das críticas modernas, que advogam a favor de uma arqueologia menos colonizadora, identificando os vestígios arqueológicos americanos com antepassados das sociedades atuais.¹¹

“[...] Entendemos os trabalhos que utilizam os pressupostos da *longue duree* em arqueologia como inseridos em um movimento ainda maior, denominado por alguns como história indígena (14)”¹².

Com essa perspectiva acerca da proposta de construção de histórias indígenas de longa duração, é possível inserir na discussão a conceituação de *território e territorialidade*, designação de “espaço” intrínseca às propostas dessa construção. María Nieves Zedeño¹³, anteriormente citada, realiza uma apresentação da história de vida de um território enquanto unidade empírica que envolve o registro de interações de uma sociedade com a terra (tomando como sociedade um grupo particular de pessoas). Esta autora parte de uma breve história do território aborígine Hopi¹⁴, para então tratar de como deve ser compreendido o estudo referente à temática em Arqueologia. Para Zedeño:

⁹ ZEDEÑO, María Nieves. Landscapes, Land Use, and the History of Territory Formation: An Example from the Puebloan Southwest. In: *Journal of Archaeological Method and Theory*. Plenum Press, v.4, n.1, new York and London. P.p.67-103, march 1997.

¹⁰ CORREA, Ângelo Alves. Longue durée: história indígena e arqueologia. In: *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 65, n. 2, Junho 2013. P.27. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Nov. 2014.

¹¹ *Ibidem*, P.26.

¹² *Ibidem*, P.27.

¹³ ZEDEÑO, María Nieves. Landscapes, Land Use, and the History of Territory Formation: An Example from the Puebloan Southwest. In: *Journal of Archaeological Method and Theory*. Plenum Press, v.4, n.1, new York and London. P.p.67-103, march 1997. P.70.

¹⁴ ZEDEÑO, 1997, *op cit*, P.69.

Theoretical approaches to the study of territoriality in living society worldwide have concentrated almost exclusively on the analysis of boundary-reinforcing behaviors and attitudes toward the possession and defense of vital resources (Ingold, 1986, p.135). These approaches include the analysis of instinctive territorial demarcation (Malmberg, 1980, p.47ff), competition for resources (Harner, 1977; Smith, 1983, p.61), political aggression (Wilmsen, 1973, p.4), and cognitive affirmation of membership (Casimir, 1992, p.20). In these studies, the territories themselves are rather poorly defined, being treated as implicit backgrounds for human action. [...] These disparate views about the nature and scale of territory provide neither adequate analogues nor material correlates for archaeological reconstructions. We need, therefore, to formulate a definition of territory that encompasses material and historical dimensions, one that can be explicitly applied to the archaeological record. Documentary information on aboriginal land use and territory formation gathered through the North American Indian land claims process provides a solid empirical foundation for identifying the necessary and sufficient conditions of such definition¹⁵

1.2. Quais as principais questões de pesquisa trabalhadas na Arqueologia Brasileira sobre este tema?

Nas décadas de 1970 e 1980, novos trabalhos surgiram renovando a pesquisa em Arqueologia no Brasil, problematizando a forma com que eram construídas narrativas acerca de populações no passado por meio dos vestígios materiais até então. Em especial, estas pesquisas questionavam a forma de se fazer arqueologia pautada, em grande parte, na missão estadunidense no Brasil na década de 1960, que tinha seus aportes teóricos baseados em literatura como aquela de Willey e Philips (1958), tomando para si as bases teóricas e conceituações brevemente apresentadas nos parágrafos anteriores (ou similares), e deram aporte aos trabalhos seguintes nessa perspectiva de história indígena de longa duração.

Fausto (2000)¹⁶ ao apresentar sua obra *Os índios antes do Brasil* (editada em linguagem para alcance de público mais amplo e não estritamente acadêmico), diz:

¹⁵ ZEDEÑO, 1997, *op cit.* P.70.

¹⁶ Carlos Fausto, etnólogo e Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social no Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Imagine-se nas Américas no momento de sua ‘descoberta’. Imagine-se um membro da expedição de Colombo deixado, em 1492, na ilha de Hispaniola. Imagine que, trazido ao continente, você teve tempo de conhecer a América do Sul, de ponta a ponta, antes de Cabral aportar aqui. O que teria visto? Como viveriam os índios? Quantos eram? Como se organizavam? Como eram suas aldeias? Quem eram seus chefes e especialistas religiosos? Como conduziam a guerra e cultivavam a paz? Estas são algumas das perguntas que este livro pretende enfrentar. [...] Para conhecer os índios antes do Brasil temos que recorrer às evidências fornecidas pela arqueologia e pela linguística histórica, conhecer as descrições legadas pelos colonizadores e missionários dos séculos XVI e XVII e estudar as populações indígenas contemporâneas. Mas, nem assim estamos em terreno seguro. As áreas tropicais colocam obstáculos consideráveis à arqueologia¹⁷. [...] devemos considerar o que os grupos indígenas contemporâneos podem nos dizer sobre as populações do passado¹⁸. (...) Todavia, sugiro que a etnologia pode fornecer um olhar crítico às interpretações históricas e arqueológicas. Para isso, no entanto, deve-se explorar um plano de continuidades entre o passado e o presente que nem sempre é evidente.¹⁹

A forma de se fazer Arqueologia adotada nesses novos trabalhos das décadas de 1970 e 1980 vêm, então, corroborar o uso de diferentes olhares, como disse Fausto, para explorar esse plano de continuidades entre o passado e o presente que nem sempre é evidente. Mariano Bonomo *et al*²⁰ realizam uma síntese desse processo:

The shift of perspectives started in the 1970s, when Donald Lathrap inaugurated a new interdisciplinary line of research for Amazonian archaeology (Lathrap, 1970; Oliver, 1991, 2008). He adopted the linguistic hypothesis of Aryon Rodrigues -who had begun to demonstrate the genetic relations among languages, define families, and order the Tupí stock-, thus enabling a course to study past geographic dispersion processes. According to linguistic research, this stock had its origin in the Proto-Tupí ancestral tongue, dating back to around four or five thousand years ago (Urban, 1992; Storto and Moore, 2001; Rodrigues and Cabral, 2012). The study of languages through the historic-comparative method paved the way for the reconstruction of the original Proto-Tupí sounds, lexicon and part of the grammar of this mother tongue (Correa da Silva, 2010). Two significant aspects were proposed through this

¹⁷ FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. P.

¹⁸ *Ibidem*, P.8.

¹⁹ *Ibidem*, P.9.

²⁰ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone of southern Brazil, *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>.

method: the existence of pottery and agriculture at the time when the Proto-Tupí language emerged (Rodrigues, 2007a,b, 2010). The acknowledgement of the Proto-Tupí and the genetic criteria shared by the languages comprising the stock families provided a scientific model through which it was possible to start explaining the patterns of material culture shared by them. Based on the common origin hypothesis, meaning that the different languages within a family are manifestations of the same original language altered by time (Rodrigues, 1986:29), it was possible to explain the similarities found among surface treatments and vessel profiles in the Tupí pottery. This had been already indicated by Alfred Metraux (1928), for a statistical analysis of Metraux's data cf. Klimek and Mielke, 1935), who exposed similarities among other materials, in addition to their labels and functions.²¹

Com esse espírito é que os trabalhos em Arqueologia das décadas de 1970 e 1980 - e a formação dos profissionais na área - no Brasil renovou teórica e metodologicamente os trabalhos científicos e o olhar dado aos vestígios materiais humanos e ao uso dos diferentes territórios presentes no que hoje delimitamos como América do Sul.

No final da década de 1980, o ex-integrante do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (o PRONAPA, parte das atividades de uma missão estadunidense no Brasil)²², José Proença Brochado, nesse âmbito renovado apresentou a reconstrução das chamadas *migrações dos Tupi-Guarani* baseada em evidências etnográficas, linguísticas e arqueológicas de quatro tipos diferentes²³:

1. A distribuição geográfica histórica dos falantes Tupi, incluindo
- 2, a recente reclassificação e estudos de relacionamento das línguas do Tronco Tupi;
3. A distribuição geográfica das cerâmicas arqueológicas da Tradição Policrômica Amazônica, incluindo,
4. A distribuição geográfica e temporal das datações radiocarbônicas das cerâmicas arqueológicas desta tradição. Esta reconstrução é explicada por conceitos e

²¹ BONOMO, M., *et al.* 2014, *op cit*, P.p.2, 3.

²² Como parte das atividades de uma missão estadunidense no Brasil, Betty Meggers e Clifford Evans foram incumbidos de escolher e formar representantes para cada região do Brasil por meio de seminários. Cada profissional, então, realizou pesquisas segundo determinadas concepções teórico-metodológicas em Arqueologia por um período de aproximadamente cinco anos ao longo da década de 1960. No estado de Santa Catarina, seu representante foi Walter F. Piazza.

²³ BROCHADO, José Proença. A Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. In: *Dédalo*, São Paulo, v.27, 1989. P.65.

evidências da antropologia, incluindo a mitologia, e dados a respeito do relevo, climas, vegetação e ecologia da área.²⁴

Segundo o mesmo autor, quando os europeus iniciaram a exploração e ocupação leste da América do Sul, observaram que línguas estreitamente relacionadas eram faladas em enormes áreas. As línguas hoje classificadas no que se denomina Tronco Tupi eram faladas ao longo de todo o litoral Atlântico, quase que ininterruptamente, desde a desembocadura do Amazonas e do rio Pará, cobrindo uma distância de mais de seis mil quilômetros, com aglomerações menores no interior do baixo Tocantins, no médio São Francisco, no Alto Araguaia, no Paranaíba e no Tietê²⁵:

Os falantes Tupi ocupavam trechos ao longo do curso do Amazonas, interrompidos por outros trechos ocupados por falantes de línguas relacionadas às famílias Aruák, Karib, Tukano e outras menores. As comunidades de falantes Tupi se estendiam, desta forma interrompida, desde a desembocadura do Amazonas, até seus formadores: o Marañon, o baixo Huallaga, o médio Ucaylalli e o alto Napo; isto é, desde o Atlântico até o sopé dos Andes, cobrindo uma distância leste-oeste de quase três mil e quinhentos quilômetros em linha reta. Ao norte do Amazonas havia Tupi também no Amapá, se estendendo até o oceano pelo vale do Maroní. Ao sul do Amazonas línguas relacionadas eram faladas no baixo Tocantins e ao longo do curso do Xingu, Tapajós e Madeira, até suas cabeceiras. Falantes Tupi ocupavam também enormes áreas na drenagem do sistema fluvial composto pelo Paraná, Paraguai e Uruguai; habitando os vales dos rios maiores desde o Paranapanema, ao norte, até o Jacuí, ao sul, e desde o baixo Paraguai e o alto Paraná, a oeste, até o baixo Paraná e Uruguai, a leste. Grupos menores se encontravam também entre o alto Pilcomayo e o alto Guaporé, no alto Paraná, ao norte do Paranapanema e entre os rios Piratini e Negro, nas bacias costeiras ao sul do Jacuí.²⁶

Se observa claramente que os Tupi amazônicos, os Tupi costeiros, os Tupinambá, os Guaraní da área drenada pelo Paraná-Paraguai-Uruguai e os Chiriguano do Chaco, juntos ocupavam um circuito de terras baixas, rodeando os planaltos brasileiros habitados por falantes de línguas do Tronco Macro-Jê.

Uma tão grande dispersão sugeriu imediatamente que deveria representar o resultado de extensas migrações de falantes de

²⁴ *Ibidem*, p.p.65-66.

²⁵ BROCHADO, 1989, *op cit*, P.66.

²⁶ BROCHADO, 1989, *op cit*, P.6.

línguas do mesmo tronco. Ainda mais que alguns destes grupos ainda estavam em movimento no século XVI – os Tupinambá, no leste e nordeste – e outros continuam ainda repetindo as migrações pré-históricas – os Guaraní Mbiá no sul. Hipóteses tentando explicar o padrão de distribuição geográfica destas culturas, propuseram que o centro de origem e dispersão dos Tupi estaria: a) em algum lugar na drenagem do Paraná-Paraguai (Martius, 1867: I, 177-179; Ehrenreich, 1891: 44, 46-49; 1892) ou b) nos tributários meridionais do médio Amazonas (Von den Steinen, 1886: 308-324; Métraux, 1928: 310-312; Loukotka, 1935: 397 mapa; 1950).

[...] Acreditava-se também que as migrações teriam se iniciado apenas um ou dois séculos antes da chegada dos europeus, motivo pelo qual as línguas dos migrantes seriam mutuamente inteligíveis e classificáveis dentro de uma mesma família – o que indicaria que teriam se separado há relativamente pouco tempo.²⁷

Segundo reconstrução da árvore filogenética das línguas do Tronco Tupi pelo estudo das mudanças fonéticas e fonológicas (baseadas em Lemle, 1971; Rodrigues, 1984/5), as evidências podem ser interpretadas como indicando que os Tupinambá e os Guaraní não vieram na mesma onda migratória, mas por caminhos diferentes. O Guaraní é falado no trecho meridional do litoral atlântico e no sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguaí adjacente, o qual se relaciona mais com os Guarayú e o Siriono, falados no Guaporé e Madeira. Os Tupi do alto Amazonas teriam portanto resultado de migrações rio acima de um povo de língua próxima ao Tupinambá. Os Tupinambá teriam descido ao longo da costa atlântica, a partir da desembocadura do Amazonas, enquanto os Guaraní teriam ocupado o sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguaí descendo do médio Amazonas ao longo do Madeira e do Guaporé²⁸, conforme representação a seguir:

²⁷ BROCHADO, 1989, *op cit*, P.p.66-67.

²⁸ BROCHADO, 1989, *op cit*, P.68.



Mapa 1: Representa graficamente a hipótese de Brochado para as rotas de dispersão e expansão demográficas. Extraído de: NOELLI, 1993. P.71 *apud* Brochado, 1984, P.557.

Brochado construiu seu modelo de centro de origem e dispersão geográfica dos falantes do tronco tupi pela América do Sul baseado, também, nos estudos da Linguística e Glotocronologia. Afirmava-se que os falantes do tronco tupi teriam se diferenciado há aproximadamente cinco mil anos (ou 3.000 a.C), e a separação da família tupi-guarani há 2.500 anos (ou 500a.C). Como trabalho consequente desse período, seguiram outros, dentre os quais, o de Francisco Noelli²⁹, cujo modelo aponta para uma identidade prescritiva guarani no sul brasileiro proveniente de tal dispersão, a qual afirma ser anterior aos dados glotocronológicos que devem ser comparadas e

²⁹ NOELLI, Francisco S. *Sem Tekhoá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Dissertação, PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

reavaliadas face às datações radiocarbônicas. Estas são muito mais antigas do que imaginavam os etnólogos que propuseram uma expansão rápida e próxima da chegada dos europeus. Assim, os Tupi já estariam dispersos pelo Brasil há 1900 anos em áreas muito distantes entre si e dos centros de origem propostos³⁰.

Assim:

Maior profundidade temporal também foi dada à separação das línguas da família Tupi-Guarani. O método léxico-estatístico glotocronológico sugeriu que a diferenciação do Tronco Tupi teria ocorrido mais de cinco mil anos atrás, isto é, antes de 3.000 a.C.; enquanto que a separação da própria família Tupi-Guarani teria começado há 2.500 anos atrás, isto é, ca. 500 a.C., e não recentemente como se pensava (Rodrigues, 1958: 231-234; 1964:103-104).³¹

Com relação aos modelos desenvolvidos para a ocupação da Amazônia e, conseqüentemente da expansão Tupi, Brochado analisa as propostas de Betty J. Meggers e Clifford Evans (1977, 1978, 1983), D.W. Lathrap (1970, 1972, 1977) e José Proença Brochado (o próprio autor) e Lathrap (1980, Brochado, 1984)³² também no que tange à análise cerâmica da região em questão e adjacências. Argumentou que a maior parte da expansão geográfica das cerâmicas policrômicas, exceto na região andina e nos Lhanos da Venezuela e para além, deveria ser correlacionada com a expansão dos Tupi a partir da Amazônia Central³³. Com tais informações, combinadas com aquelas datações radiocarbônicas produzidas com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) (1965-1971) - e utilizando algumas das categorias por ele produzidas -, afirma:

Os ancestrais dos Guarani passaram depois [de um ramo da cerâmica da subtradição Guarita ter sido levado para fora da Amazônia por novas migrações, devendo ter subido para o sul pelo Madeira-Guaporé] para a drenagem do Paraguai e se espalharam pelo sistema fluvial Paraná-Paraguai-Uruguai, pela costa atlântica adjacente e as bacias dos rios costeiros, onde foram encontrados pelos europeus. Datas ao redor de 200 a.C. para o início desta transformação são sugeridas pelo fato que

³⁰NOELLI, Francisco S. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XX, n.1, 1994. P.p.124-125.

³¹ NOELLI, 1994, *op cit*, P.68.

³² NOELLI, 1994, *op cit*, P.69.

³³ NOELLI, 1994, *op cit*, P.71.

ca.A.D. 100-200 a cerâmica da subtradição Guarani já se encontrava espalhada desde o alto Paranapanema até o médio Jacuí, conforme está atestado por diversas datações radiocarbônicas.³⁴

A evolução da cerâmica da subtradição Guarita; como é encontrada no sítio Itacoatiara; na direção do que denominamos a subtradição Miracanguera, indica provavelmente a separação do Proto-Tupinambá. Este desenvolvimento se deu possivelmente no baixo Amazonas, talvez na linha de Marajó, onde a cerâmica certamente alcançou o seu maior desenvolvimento.³⁵

[O ramo cerâmico da subtradição Miracanguera] levada pelos ancestrais Tupinambá, desceu ao longo da costa atlântica até o Trópico de Capricórnio, o qual foi alcançado ca. A.D. 1.000, movendo-se depois para o interior, subindo o curso dos rios costeiros; áreas na quais os Tupinambá foram encontrados espalhados pelos europeus. Datas ao redor do A.D. 500, para o início deste movimento a partir do nordeste, são indicadas por datações radiocarbônicas.³⁶

Por fim, analisando dados etnográficos sobre os Tupi e seu contato com o europeu, e as semelhanças e diferenças entre Guarani e Tupinambá, finaliza:

Para o funcionamento do modelo geral construído para explicar os padrões arqueológicos e etnográficos demonstrados pela distribuição das populações indígenas na América do Sul tropical, é necessário postular um lento e constante aumento da população na Amazônia Central, o qual alimentava a contínua expansão, primeiro dos falantes Aruak, depois dos falantes Tupi, Karib e outros grupos (Lathrap, 1962, 1970, 1977; Brochado e Lathrap, 1980; Brochado, 1981). Isto quer dizer que a ocorrência de desequilíbrios demográficos entre estas diferentes culturas é crucial para a explicação.

O motor das migrações dos Tupi foi, portanto, a pressão demográfica causada pelo, ainda que lento, contínuo aumento da população, devido ao eficiente aproveitamento dos recursos do ambiente – no caso, as extensas várzeas fluviais amazônicas. Estas várzeas, exploradas pelo sistema indígena que cultivava somente as terras ótimas, abrindo clareiras na floresta suficientemente espaçadas para permitir a renovação da vegetação do clímax, eram capazes de sustentar apenas densidades relativamente baixas de habitantes, em relação à área

³⁴ NOELLI, 1994, *op cit*, P.74.

³⁵ NOELLI, 1994, *op cit*, P. 74.

³⁶ NOELLI, 1994, *op cit*, P 75.

de apropriação que necessitavam. A competição pelos recursos limitados, forçou as comunidades e se afastarem, buscando sempre, porém, o mesmo nicho ecológico – os ricos solos aluviais, fáceis de trabalhar e que produziam o máximo com o mínimo de esforço. As condições de constrangimento das várzeas e a própria disposição dos rios, tornou estes movimentos lineares, levando a que eventualmente certos ramos das migrações saíssem da área amazônica, invadindo o resto da América do Sul por diversos caminhos.³⁷

Logo,

[...]Saturados todos os nichos ótimos, começaram a ocupar outros, menos adaptados aos seus sistemas de cultivo, de maneira que estes sistemas tiveram que ser gradualmente modificados. A agronomia dos Guarani, que se afastaram mais, climaticamente, da Amazônia Central, foi a que mais se modificou.³⁸

Foi ao longo desse período que surgiram paradigmas para a identificação de sítios arqueológicos com ocupação Guarani, principalmente a partir da presença do chamado “fóssil-guia”: a cerâmica corrugada. Mais tarde, esses pressupostos foram revistos e reavaliados, levando-se em consideração aspectos intra e inter-sítio, bem como outras áreas de estudo (segundo propõe Francisco Noelli).

Traditionally, historic Guaraní people and their immediate prehistoric ancestors have been identified in the archaeological record based on the occurrence of the following features: 1) ceramic dishes, shallow bowls and large jars (mainly restricted orifice, conical base and complex profiles with angle and inflection points), 2) corrugated surface treatments of the vessels, in addition to nail-incised, brushed or painted (red and/or black lines over white slip), 3) lip plugs named tembetás, 4) polished-stone axes, 5) secondary burials in urns and/or 6) bounded dark sediments named patches of terra preta sediment, associated with households and other architectural.³⁹

³⁷ NOELLI, 1994, *op cit*, P.79.

³⁸ NOELLI, 1994, *op cit*, P.79.

³⁹ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil, *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. P.2.

O modelo de Brochado pressupõe lentas pressões demográficas (provocadas pelo uso eficiente dos recursos ambientais da extensa várzea amazônica)⁴⁰ como motivo para a expansão dos grupos falantes do tronco linguístico Tupi em direção ao sul da América do Sul. Assim, ao contrário do que propunha o modelo anterior – de migrações de falantes Tupi -, esse movimento foi chamado pelo autor de “enxameamento” ou “colonização”. Nessa proposta, as regiões de onde as populações saíam não ficavam vazias, mas permaneciam crescendo até provocar a saída de mais grupos:

“O sistema de adjucação e a vida cerimonial dos grupos locais Tupi só eram efetivos para manter a coesão até um certo tamanho da população, o que facilitava a saída de famílias extensas, as quais se afastavam para formar novos grupos locais. Este padrão de divisão e espaçamento das comunidades contribuía para o ‘enxameamento’.”⁴¹

De um modo geral, a década de 1960 formou profissionais para desempenho, em grande parte, de atividades técnicas, buscando alocar suas pesquisas no modelo pré-disposto por Meggers e Evans - conforme já apresentado. O modelo, formado a partir de ideias originais de pesquisadores do século XIX, início do século XX e do determinismo ecológico na Amazônia - sistematizado por Métraux - foi adotado por arqueólogos do sul brasileiro acriticamente que, segundo Noelli:

“(…) abraçaram esquemas de trabalho sem conhecer fundamentos científicos elementares, ignorando a história do desenvolvimento da arqueologia internacional, bem como da antropologia brasileira e americanista. Dessa maneira, o desconhecimento da história das pesquisas e idéias levou-os a reproduzir acriticamente interpretações e modelos despidos de qualquer base arqueológica, originalmente propostos por von Martius (1867), Ehrenreich (1891), von den Steinen (1894), Nimuendajú ([1914] 1987), sintetizados posteriormente por Métraux (1928). Nos anos 50 e 60 esses modelos foram indevidamente apropriados por Meggers e Evans, que só os citariam na década de 70. Foi deles que o casal extraiu a idéia para suas “rotas de difusão da cerâmica”. Assim, os dados arqueológicos, à medida que eram obtidos a partir da década de 60, eram simplesmente encaixados no modelo de Métraux, sempre imaginados como “migrações”, sem nenhuma

⁴⁰ BROCHADO, José Proenza. A Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. In: *Dédalo*, São Paulo, v.27, 1989. P.79.

⁴¹ BROCHADO, 1989, *op cit.* P.80.

preocupação em investigar aspectos históricos, sociológicos, antropológicos ou biológicos (Noelli 1996a).”⁴²

Consequentemente, as pesquisas com relação aos vestígios de populações falantes guarani foram inseridas nesse contexto. Importante afirmar que as pesquisas sob essa perspectiva mostraram-se importantes no período pelo grande número de informações levantadas e pelo panorama geral que foi apresentado, possibilitando pesquisas em Arqueologia em todo o território brasileiro. Contudo, atualmente mostram-se carente de discussões teórico-metodológicas mais aprofundadas⁴³. Um levantamento bibliográfico realizado por esse mesmo pesquisador apresentou quantitativamente as publicações em arqueologia no Sul do Brasil a partir da década de 1960. Segundo Noelli, houve um aumento em sua quantidade, chegando a certa regularidade nas décadas de 1960, 1970 e 1980 quando atingiram em torno de 175 títulos:

Na década de 90, devido ao aumento de pesquisadores egressos da pós-graduação, a produção passou para 314 títulos (até agosto de 1999). Atualmente existem cerca de 1.000 títulos sobre o Sul, com a maioria arrolada na Bibliografia da arqueologia brasileira (Kipnis et al. 1994-95). Também deve-se consultar os guias bibliográficos de história, etnologia, lingüística e outras disciplinas científicas sobre os povos indígenas do Sul do Brasil: *Guarani: uma bibliografia etnológica* (Melià, Saul e Muraro 1987) e *Guaraníes y jesuítas em tiempo de misiones* (Melià e Nagel 1995), com cerca de 2.000 títulos sobre os Guarani; [...]Considerando o recorte geográfico deste trabalho, não incluí populações de áreas fronteiriças, como os Tupiniquim, Oti, Aché-Guayakí, Payaguá, Guaykuru e vários povos do médio-baixo Rio Paraná, como se pode ver no Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú (1981). O livro *Línguas brasileiras* (Rodrigues 1986) apresenta o panorama lingüístico, as línguas faladas e suas relações com povos de fora do Sul.⁴⁴

Segundo Noelli, uma das maiores dificuldades seria a desigualdade, a qualidade e os objetivos das publicações para cada um dos estados do Sul. Em Santa

⁴² NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. In: Revista USP 44(2): 218-269. 1999/2000. P.223.

⁴³ Para aprofundar a discussão sobre implementação da metodologia pronapiana, possibilidades e limitações, sugere-se dentre outros: DIAS, Adriana. Um projeto para a Arqueologia Brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA. In: Revista do CEPA, 1995. P.p.25-39.

⁴⁴ NOELLI, 1999/2000, *op cit*, P.224.

Catarina, as pesquisas seriam majoritárias no litoral, predominando o estudo sobre os sambaquis e arqueologia histórica⁴⁵. Ainda, o estado é o segundo no Brasil responsável pelo maior número de pesquisas na categoria “arqueologia de contrato” segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / IPHAN (2014)⁴⁶ - gerando um número alto de relatórios de pesquisa, o que não necessariamente condiz com discussões interpretativas aprofundadas, e de maneira geral ainda tem sua circulação restrita, apesar da lei de divulgação. No interior, as pesquisas teriam sido intensas entre os anos de 1970 e início dos 1980, mas tendo ficado restrita a amostragens preliminares. Na atualidade, o número de pesquisadores catarinenses vem crescendo, em especial com a formação pós-graduada de novos arqueólogos que contribuem com renovados interesses e problemáticas⁴⁷.

Sobre as populações “ceramistas”, existem trabalhos que contribuem com novas reflexões, perspectivas e formas de abordagem, em especial para os estudos em Arqueologia Guarani, como: o estudo sobre organização social e arqueologia Guarani (Soares 1997; Noelli e Soares 1997^a, 1997b), relação com o espaço e adaptabilidade Guarani, e cultura material (Noelli 1993; 1996^a; Noelli e Dias 1995; Noelli, Trindade e Simão 1999; Brochado e Noelli 1998); introdução a estudos em gênero (Landa 1995), dieta (Landa e Noelli 1997), em Etnoarqueologia (Monticelli 1995; Garlet e Soares 1998) e discussão de teorias adaptacionistas da Amazônia aplicadas ao Rio Grande do Sul (Rogge 1996). Ainda, trabalhos sobre a história da pesquisa do povoamento do Sul, que discutem os problemas do desenvolvimento da pesquisa (Noelli 1996^a, 1998, 1999; Silva e Noelli 1996^a, 1996b), e sínteses gerais que apresentam as evidências por tradição arqueológica (Schmitz 1988; Kern (or.) 1991d).⁴⁸

Haveria ainda:

[...]estudos sobre as populações da Região Sul que ocuparam áreas vizinhas em São Paulo, Uruguai, Paraguai e as províncias argentinas de Misiones e Entre Ríos. O Paraguai é pouco conhecido e as províncias argentinas apresentam resultados que mostram relações com as populações do Sul do Brasil. São Paulo, nas bacias dos rios Paranapanema e bacia da Ribeira do Iguape, bem como no litoral, apresentam resultados que

⁴⁵ NOELLI, 1999/2000, *op cit*, P.224.

⁴⁶ Informação apresentada pela diretora do CNSA/IPHAN, Rosana Najjar em setembro de 2013 na cidade de Aracaju (SE) durante o XVII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB).

⁴⁷ NOELLI, 1999/2000, *op cit*, P.p.224-225.

⁴⁸ NOELLI, 1999/2000, *op cit*, P.226.

mostram as relações entre as populações nas “fronteiras” setentrionais da Região Sul. O Uruguai é a área contígua mais bem pesquisada, com seu território conhecido na maior parte, estando num estágio científico mais avançado que o do Sul do Brasil.⁴⁹

Referente aos estudos em territórios de países vizinhos ao Brasil, destacam-se aqueles da Argentina, Chile e Uruguai. No que concerne ao território paraguaio, este se encontra carente frente às pesquisas em Arqueologia Guaraní, ao passo em que se mostra como região potencial não somente para esta temática de estudo, mas para as demais frentes da Arqueologia que vem se desenvolvendo. O Paraguai é apontado, inclusive, como especial alvo de pesquisas para a discussão acerca do centro de origem Guaraní, quando de sua diferenciação de tronco linguístico Tupi:

The interest in providing a scientific explanation for the wide dispersion of populations belonging to the Tupí stock is not new. Since the 19th century, many researchers had begun to search their Amazonian centre of origin and the prehistoric routes followed during their dispersal (Rodrigues, 1964, 1986; Brochado, 1984; Meggers et al., 1988; Urban, 1992; Heckenberger et al., 1998; Noelli, 1998); issues which are still subject to debate. Given the complexity of the Tupí phenomenon, we limited both thematically and spatially to the Guaraní archaeological record. According to the abundant historical accounts, Guaraní people lived in riverside palisade villages. They based their economy on horticulture (principally corn and manioc), as well as hunting, gathering, and fishing. They were excellent navigators that traveled by canoe along the long river routes of La Plata Basin and adjacent regions.⁵⁰

Em recente estudo publicado, Bonomo *et al.* buscaram analisar a expansão Guaraní pelos principais cursos d’água da Bacia do Prata e da costa Atlântica (incluindo zona litorânea do sul brasileiro). Foram utilizadas e revistas as datações radiocarbônicas e por termoluminescência de sítios arqueológicos identificados contendo ocupação Guaraní, cujos resultados foram tratados utilizando-se uma base de dados no *Geographic Information System (GIS)*, para correlações entre espaço e cronologia dos sítios gravados. Foram geradas informações referentes a mapas temporais, modelando

⁴⁹ NOELLI, 1999/2000, *op cit*, P.p.224-226.

⁵⁰ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone of southern Brazil, *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. P.1.

as rotas de dispersão Guarani - e identificando grandes pulsos de expansão, modelo que posteriormente foi comparado àquele proposto por Brochado em 1984, aqui tratado.

1.3. Arqueologia, Etnografia, Etnohistória: como pensar a ocupação Guarani na longa duração?

As populações guarani, falantes do tronco Tupi, encontram-se atualmente distribuídas pelas regiões centro-oeste, sudeste e sul brasileiras. Essa distribuição e número foram, indubitavelmente, alterados profundamente a partir do contato com as populações europeias. A antropóloga Maria Dorothea Post Darella escreveu que até o ano de 2003 os Guarani integravam

(...) um contingente populacional de cerca de 65.000 índios Guarani vivendo atualmente em, no mínimo, 360 locais situados no Paraguai, na Argentina e no Brasil (Assis & Garlet, 2004:50). / ‘É preciso reconhecer que os Guarani representam diversas populações que tinham em comum língua, cultura material, tecnologia, subsistência, padrões adaptativos, organização sociopolítica, religião, mitos etc. Há, evidentemente, variação em nível dialetal, de adaptabilidade e de etnicidade’ (Noelli, 1999-2000:248). Variações persistem desde a época pré-colonial e colonial.² “Nos séculos XVI e XVII, os cronistas denominavam ‘guaranis’ os grupos de mesma língua que encontravam desde a costa atlântica até o Paraguai’ (Ladeira, 2001a:55).⁵¹

Tendo em vista essas considerações, Bonomo *et al.* escreveram que, com relação aos falantes de tronco Tupi no geral, encontram-se distribuídos pelas terras baixas sul-americanas e que, apesar das distâncias que os separam, compartilham inúmeras características linguísticas e culturais em função de uma origem ancestral comum. Juntos, somariam sessenta línguas agrupadas em dez famílias linguísticas: Tupi-guarani, Awetí, Mawe, Mundurukú, Jurúna, Arikem, Tuparí, Ramarama, Monde e Purubora (Rodrigues e Cabral, 2012)⁵²:

⁵¹ DARELLA, Maria Dorothea Post. *Ore Roipota Yvi Porã – Nós queremos terra boa*. Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina – Brasil. (Tese de Doutorado) PUC-SP: São Paulo, 2004.

⁵² BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil, *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. P.1.

The Tupí-Guaraní family, which includes the Ancient Guaraní and the Tupinamba, among its forty languages, is the largest and the most broadly spatially dispersed. At the moment of European conquest in the 16th century, the populations speaking the languages of this family extended almost without interruption along the Brazilian littoral zone and in many inland regions. They occupied, as in the present, different areas, from the Amazon basin to the eastern Chaco and the Andean foothills. Within this linguistic family, the speakers of the Ancient Guaraní language were found in a portion of the Atlantic coast, south of Paranaguá in southern Brazil, in parts of Uruguay, and in the surroundings of the La Plata River. Inland, they inhabited the margins of some watercourses draining directly to the ocean and large areas of the Paraguay, Parana and Uruguay Basins, including the ancient Guaira (or Guayra) and the Misiones historic regions. Accordingly, this vast geographic distribution has been seen as an indicator of a long history of repetitive movement of people over long distances, which persisted in the form of the recent migrations recorded after the European arrival (Metraux, 1927; Brochado, 1984).⁵³

Dentre as populações do Sul os Guarani são os mais conhecidos em termos arqueológicos, etnográficos, históricos e linguísticos (ainda não foram alvo de estudos de antropologia física) (5). Os Guarani formam um conjunto de populações de matriz cultural Tupi, mais especificamente vinculados aos povos Tupi-guarani (Viveiros de Castro 1986). A gênese cultural dos Guarani está situada em algum lugar da bacia dos rios Madeira-Guaporé, no sudoeste da Amazônia (Rodrigues 1964; Noelli 1996a). Em processo de contínuo crescimento demográfico e de ocupação territorial se expandiram para o Sul, conquistando paulatinamente uma vasta área composta por partes do Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia (Brochado 1984).⁵⁴

Compreende-se que os antigos falantes da língua Guarani foram encontrados em porção da costa atlântica, ao sul de Paranaguá - no sul brasileiro-, em partes do Uruguai e da Bacia do Rio da Prata; bem como nas margens de cursos d'água drenados diretamente ao oceano e grandes áreas das bacias dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai, incluindo a antiga Guaíra e regiões históricas de Misiones⁵⁵. Podemos

⁵³ *Ibidem*, P.1.

⁵⁴ NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. In: Revista USP 44(2): 218-269. 1999/2000. P.247.

⁵⁵ John Manuel Monteiro (MONTEIRO, 1992), especialista em História Indígena, afirma que: “Contudo, apesar do quadro sugerido pelas primeiras fontes escritas, os Guarani – conhecidos na época [da chamada “Conquista”] como Carijó ou Cario – não ocupavam esta vasta região de modo homogêneo ou exclusivo. A maior parte dos grupos locais encontrava-se nas florestas tropicais e subtropicais, ao longo do litoral e entre os principais rios do sistema Paraná-Paraguai. Os extensos campos abertos e as florestas de

estabelecer uma relação indireta entre os falantes Guaraní pré e pós contato europeu através de outros aspectos - como a cultura material-, mas que passam impreterivelmente por uma questão de *etnicidade*:

First, although it is obviously incorrect to claim that there is always a direct relationship between particular archaeological materials and specific ethnic group (or language) (see Soares, 2001e2002, Farías Gluchy, 2005; Lima, 2011 for the Guaraní), it is also erroneous to believe the opposite and dismiss the links between the material culture and the people who produced it (Brochado, 1984; Anthony, 2010). The similar village-settlement and economic patterns, the technological, functional and stylistic recurrences in the vessels, and the uniformity in the treatment of the dead have all enabled the conformation of a distinctive archaeological entity which generally coincides with the distribution that the Guaraní speakers had five centuries ago (Nimuendajú, 1982; Urban, 1992). The Guaraní archaeological entity is used here, but in doing so, there is no intention to defend the mechanical relation between isolated traits and static ethnic groups. Ethnicity is considered as a process recognizable on the observable patterns of the material culture (Hodder, 1979), especially in cases like the Guaraní, which comprises of large samples of historical, ethnographic, linguistic, physical anthropology, and archaeological data. This strongly validates these associations among common and recurring elements throughout a considerable period of time, and in areas where were not previously found.⁵⁶

Essa perspectiva de exploração de distintas fontes e ciências para se compreender grupos humanos de um passado pré-colonial foi facilitada, neste caso, pela curta distância temporal em comparação a outros grupos humanos, aliada à continuidade de ocupação Guaraní, bem como algumas características particulares dessas populações - como a *prescritividade*. Os Guaraní em muitos casos foram as primeiras populações a serem contatadas pelos europeus, gerando registros etnográficos escritos⁵⁷. É importante

araucária que cobrem uma considerável parte da região, por seu turno, eram habitados por grupos prioritariamente caçadores e coletores, destacando-se os ancestrais dos Kaingang e Xokleng e, mais para o sul, os Charrua e Minuano, entre outros. Do mesmo modo, o espaço em torno do alto Paraguai era compartilhado – melhor, disputado – com os Guaykutu e Paiguá, povos que, a partir do século XVI, tornaram-se formidáveis adversários não apenas dos Guaraní, como também dos espanhóis e portugueses (...)" (P.477).

⁵⁶ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil, *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>. P.

⁵⁷ Monteiro (MONTEIRO, 1992) assim descreve: “Desde o século XVI até os dias de hoje, os Guaraní têm sido objeto de inúmeras obras descritivas e analíticas que, em seu conjunto, compõem um vasto quadro de conhecimento histórico e etnográfico, talvez singular entre os povos indígenas da América do Sul não andina. No entanto, na medida em que se avolumam os estudos sobre a experiências guarani no

ressaltar que o uso dessa interdisciplinaridade em Arqueologia é fruto de um amadurecimento teórico e metodológico da Arqueologia acadêmica, e conforme o excerto acima menciona e de acordo com o que observamos até então durante a constituição desse campo de estudos.

Até hoje poucos pesquisadores, a exemplo de Santos (1973), Urban (1978), Tommasino (1995) e Mota (1994, 1998), refletiram sobre processo histórico, e só recentemente surgiu uma nova geração que abandonou interpretações ingênuas ou mecânicas, que tradicionalmente desconsideraram os problemas derivados dos contatos, ignorando as inúmeras guerras travadas entre índios e brancos, as epidemias que facilitaram a instalação dos brancos, a formação da sociedade nacional, o impacto ecológico da economia e os processos que acabaram em genocídio e na opressão dos povos indígenas que sobreviveram no espaço que virou Brasil. Nesse sentido, serve o exemplo legado por Mota (1994^a, 1994b), que mostrou como os historiadores paranaenses construíram uma interpretação que simplesmente desconsiderou os povos indígenas, inventando a ideia de um vazio demográfico naquele estado. Ao invés de verificar as evidentes relações de continuidade entre os povos indígenas e os registros arqueológicos, os pesquisadores optaram por criar um ambiente totalmente estanque e artificial, construindo a história e a cultura dessas populações a partir de seus próprios pressupostos, invariavelmente ignorando fontes históricas e etnográficas. Esse padrão continuou mesmo depois dos anos 60, quando a arqueologia internacional se reaproximou definitivamente da etnologia e da história, de forma que muitos arqueólogos do Sul do Brasil ainda não conseguiram demonstrar o uso de categorias analíticas e interpretativas a partir de uma “realidade” derivada da própria história e cultura dos povos indígenas.⁵⁸

Os novos trabalhos buscam articular interdisciplinarmente Arqueologia, História, Linguística, Etnografia e Etnohistória. Há de se realizar as pesquisas nas Ciências Humanas de forma interdisciplinar, como Braudel já havia anunciado para as Ciências Humanas no geral, em especial História e Ciências Sociais, e como o pesquisador Carlos Fausto recentemente alerta:

passado e no presente, também aumentam as incertezas em torno das maneiras pelas quais os Guarani vivenciaram, pensaram e, por fim, fizeram sua história” (P.475).

MONTEIRO, John M. Os Guarani e a História do Brasil Meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, M. (org.) História dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

⁵⁸ NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. In: Revista USP 44(2): 218-269. 1999/2000. P.p.222-223.

Há hoje, como no passado, um curioso hiato entre as disciplinas: sem compreender os azares da pesquisa arqueológica, os etnólogos e historiadores tendem a adotar sua vulgata [da arqueologia, proposta anteriormente a esse período de renovação, o qual foi mencionado] e utilizá-la como pano de fundo para seus estudos⁵⁹.

Novas pesquisas buscam ampliar o espectro de análise para a *expansão e migração* - dois conceitos distintos relacionados também às *continuidades e rupturas* culturais dos falantes da língua guarani no sul do continente sul-americano. No estado de Santa Catarina, esses questionamentos vêm sendo retomados principalmente a partir dos anos 2000. Neste panorama, esta pesquisa busca inserir a análise da cultura material enquanto parte do registro arqueológico do sítio Travessão do Rio Vermelho no território delimitado pela Ilha de Santa Catarina.

A ocupação Guarani que se evidencia neste sítio arqueológico localizado na Ilha de Santa Catarina é mais distante temporalmente do que muitos registros escritos exibem, e coexiste com ocupação europeia na região - cujos registros escritos vagamente se atêm. Os dados e problemas específicos de pesquisa gerados a partir do estudo do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho serão apresentados no *Capítulo 3*.

⁵⁹ FAUSTO, Carlos. Os índios antes do Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. P.36.

Capítulo 2:

Arqueologia Guarani no Litoral Central de Santa Catarina

2.1. Principais pesquisas sobre o tema.

Ao longo do desenvolvimento da Arqueologia acadêmica no sul do Brasil, muitas pesquisas contribuíram para o conhecimento adquirido hoje em Arqueologia Guarani no sul do país, para a discussão e aprimoramento das propostas como: Soares (1997), Landa (1995), Monticelli (1995), Schmitz (1988, 1999), Noelli (1993, 1994, 1996a, 1998, 1999b), formados em instituições e programas distintos no país: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), dentre outras. Posteriormente, outros arqueólogos que atuaram sobre o tema, como Adriana Dias (2003), Dione Bandeira (2004), Jaisson Lino (2007), Rafael Milheira (2010), Miriam Carbonera (2008). E os trabalhos só vêm expandindo.

Os trabalhos desenvolvidos por Brochado e colaboradores, entre as décadas de 1970 e 1990, proporcionaram um novo olhar sobre a cerâmica da Tradição Guarani, incorporando à análise destes conjuntos referenciais etnoarqueológicos, baseados em fontes etno-históricas do período do contato, para a interpretação funcional da variabilidade formal e decorativa dos vasilhames (Brochado, 1977; Brochado et al, 1990; Brochado & Monticelli, 1994; La Salvia & Brochado, 1989; Noelli & Brochado, 1998). Esta linha de pesquisa frutificou ao longo da década de 1990, gerando uma série de modelos interpretativos para a arqueologia Guarani, voltados ao estudo da cultura material, da organização social e das formas de uso do espaço (Assis, 1995; Garlet & Soares, 1998; Landa, 1995, 1999; Monticelli, 1995, 1999; Noelli, 1993; Noelli & Dias, 1995; Soares, 1997; Tochetto, 1996; entre outros). Dentre estes destacamos o modelo ecológico proposto por Noelli (1993) como ferramenta fundamental para a interpretação dos sistemas de assentamento da Tradição Guarani. Baseado em uma extensa revisão da bibliografia dos cronistas do século XVI a XIX, com ênfase no *Tesoro de la Lengua Guarani*, escrito por Montoya entre 1612 e 1617. Noelli propõe um modelo que busca dar subsídios históricos e arqueológicos para a interpretação de aspectos

espaciais das estruturas do assentamento Guarani e sobre as estratégias de captação de recursos para a subsistência e elaboração da cultura material.⁶⁰

O trabalho de mestrado desenvolvido por Francisco Noelli no ano de 1993⁶¹ inovou na temática da Arqueologia Guarani no sul do país uma vez que propôs um modelo etnoarqueológico para a região delimitada. Sua pesquisa abriu caminho para uma série de trabalhos vindouros com propostas distintas daquelas realizadas até então - cujas contribuições também se fazem presentes. Seu modelo foi inspirado nas ideias de José Proença Brochado e, ainda que tenha se valido de um olhar ecológico bastante refinado, sua pesquisa não se encaixa nas “escolas” mais comumente encontradas na Arqueologia. Muito pelo contrário, vale-se de amadurecimento teórico no campo das ciências humanas - conforme já discutido anteriormente-, tendo o autor processado e articulado as informações e contextos disponíveis, indo além do que vinha sendo proposto até então. A partir de sua pesquisa, o autor logrou construir o primeiro modelo etnoarqueológico Guarani, até hoje uma referência para os estudos arqueológicos sobre o tema.

Noelli propõe como objetivo geral, a elaboração de uma síntese de elementos arqueológicos e históricos comuns aos Guarani, os quais podemos destacar: a espacialidade das estruturas e assentamentos, a captação de recursos inorgânicos e orgânicos para elaboração de objetos, os equipamentos e estratégias de subsistência, os alimentos vegetais e animais; e a língua. Num primeiro momento, o autor apresenta um histórico das pesquisas linguísticas e arqueológicas, suas informações e metodologias, que ao longo de mais de cem anos compuseram o escopo do conhecimento acadêmico sobre os Guarani. Tais dados serviram de base para o desenvolvimento de sua hipótese central que era localizar os Guarani - do período anterior aos primeiros contatos com os europeus - entre as sociedades prescritivas de Marshall Sahlins (1990)⁶².

⁶⁰ DIAS, Adriana. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. MAE/USP, São Paulo, 2003. P.p.167-168.

⁶¹ NOELLI, Francisco S. *Sem Tekhoá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Dissertação, PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

⁶² NOELLI, 1993, *op cit*, P.1.

Segundo o autor, as categorias que classificam os domínios territoriais entre os Guarani pré-coloniais refletiriam os laços de parentesco e reciprocidade em três níveis espaciais inclusivos: *guará*, *tekohá*, *teii*. O *guará* seria um conceito sócio-político que determina uma região definida, no geral delimitada por rios. Os *Guará* seriam formados por alianças entre várias aldeias, mantidas através de laços de parentesco e reciprocidade, e neles estava assegurado o pleno direito de usufruto da terra para o uso exclusivo de seus habitantes, representado pela prática da roça e pela independência das áreas de pesca e caça. De acordo com os jesuítas, alguns *Guará* seriam compostos por até 40 aldeias refletindo um modelo de ocupação e manutenção territorial baseado na reciprocidade, na guerra e na antropofagia. Estariam, segundo informações de vários jesuítas, sob a liderança de uma pessoa de grande prestígio político e espiritual que dominava extensos trechos das bacias hidrográficas. É provável, portanto, que os rios principais da bacia Platina e da costa atlântica fossem subdivididos em vários *Guará*⁶³. Os *Guará* seriam compostos por unidades “sócio-econômicas” aliadas, denominadas *tekohá*, onde vão coexistir as multi-linhagens, ordenadas por laços de parentesco e reciprocidade. Sua área era bem definida, delimitada por arroios ou rios, e utilizadas de forma comunal e exclusiva pelo grupo local, significando que para outros, sua entrada necessitava permissão. Era o espaço onde se reproduziam as relações econômicas, sociais e político-religiosas essenciais a vida Guarani. “Se o *tekó* era o modo de ser, o sistema, a cultura, a lei e os costumes, o *tekohá* era o lugar, o meio em que se davam as condições que possibilitavam a subsistência e o modo de ser dos Guarani”⁶⁴.

Então, os *tekohá* eram formados por *teii* isolados ou agrupados, em função das condições locais e políticas. O *Teii* corresponde à parcialidade ou família extensa, sendo designada de *teii oga* a casa onde vivia a linhagem e de *amundá* o local da aldeia ou sede do *tekohá*. O *teii* corresponde à representação concreta da macrofamília ou linhagem, por sua vez, subdividida em famílias constituídas, em média, por seis pessoas, sendo a poligamia aparentemente restrita a uma posição de prestígio no âmbito da aldeia. Uma *teii oga* poderia abrigar até 60 famílias nucleares, podendo as aldeias de grande porte possuir até seis *teii oga*, sendo habitada por, aproximadamente, 2.000 pessoas. Estima-se que, em função de alianças, um *Guará* de grande porte poderia

⁶³ Dias, 2003, P.p.168-169 *apud* Noelli, 1993, P.247-250.

⁶⁴ Dias, 2003, P.169 *apud* Noelli, 1993, P.p.249-250.

conjugar em torno de 40 *tekohá*, sendo sua população total superior a 80.000 habitantes.⁶⁵

Dessa forma:

Quase todas as informações históricas, etnográficas, ecológicas e arqueológicas nos conduzem a uma conclusão: haveria uma perseguição constante do *ñande reko*, modo de ser, ‘ser o mais Guarani entre os ‘Guarani’, manifestado principalmente nas situações de conflito e de contato. Segundo Metraux, os Guarani seriam antes ‘melhores difusores’ de suas coisas do que inventores, atestando *a priori* as repetições apontadas historicamente e deduzidas para o período anterior ao contato com os europeus. (...) Os Guarani seriam representantes de uma sociedade etnocêntrica, impositora de comportamento, colonizadora e conquistadora de regiões e outras sociedades. Os Guarani, principalmente os anteriores ao século XVII, devem ser enquadrados entre as sociedades chamadas por Sahlins de ‘prescritivas’, ou seja, aquelas em que nada é novo, onde os acontecimentos são valorizados pela sua similaridade com a ordem vigente. (...) Tudo era efetivação e repetição e repetição. Tudo deveria ser conforme o ‘estilo de vida aprovado’. (...) Desta forma, o *habitus* destas sociedades Guarani ‘prescritivas’ seriam o bem reproduzir das palavras e das coisas, linguagem ideal, cultura material idêntica. (...) Como centro, foco fundamental do *habitus* e da prescrição, a educação é o meio pelo qual se dá a perpetuação simbólica e material da ordem estabelecida. A palavra é o veículo primordial para estabelecer as bases necessárias à reprodução da ordem social Guarani. (...) A educação entre os Guarani visava e visa, sobretudo, a manutenção da tradição do *ñande reko*, nosso modo de ser, isto é, do teko, ‘ser, estado de vida, condição, estar, costume, lei, hábito.’⁶⁶

A partir dessa geração da década de 1980, os trabalhos que se seguiram buscaram renovar os olhares dados às pesquisas arqueológicas na região sul, reforçando a crítica à produção teórica-metodológica da geração anterior - amparada pela teoria de fatores limitantes⁶⁷. Com um viés que proporcionava o estudo de contextos regionais a partir de rigoroso controle cronológico e da tecnologia encontrada nesses contextos, o

⁶⁵ Ibidem, P.p.249-250.

⁶⁶ Dias, 2003, P.168 *apud* Noelli, 1993, P.15-16.

⁶⁷ Sobre essa geração, Dias traz algumas considerações: “Outras propostas interpretativas sobre os sistemas de assentamento Guarani foram sugeridas por Schmitz (1985b) e Rogge (1996), de acordo com uma orientação teórico-metodológica aliada à ecologia cultural. Em ambos os casos, interpreta-se o deslocamento de sedes de aldeia em função do esgotamento dos recursos naturais, a semelhança do modelo defendido por Meggers para a Amazônia (teoria dos fatores limitantes)”. (Dias, 2003. P.168).

trabalho de Adriana Schmidt Dias abriu novos caminhos para demais pesquisas com esse enfoque, participando da formação de outros profissionais. Em sua pesquisa de doutorado, denominada *Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-colonial do Vale do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*, a autora identificou na região de enfoque - o alto vale do Rio dos Sinos, RS -, um território com distintas ocupações humanas ao longo de milhares de anos, sendo a mais recente delas a Guarani – e anterior ao contato europeu. Baseado naquele proposto por Noelli, a autora identificou 30 sítios arqueológicos de “tradição guarani” nas meias encostas que circundam a drenagem do rio dos Sinos e de seus afluentes de maior volume d’água, numa área de aproximadamente 120 km² (a altitudes médias de 100 m)⁶⁸.

Dentre muitas considerações, a autora, valendo-se do modelo proposto por Noelli, interpreta o Alto Vale do Rio dos Sinos como representante do deslocamento das sedes de aldeias (*amundá*) na área de domínio de pelo menos dois *tekoá*. Distinguiu quatro agrupamentos de sítios: o primeiro com 25 sítios arqueológicos Guarani, representaria, de acordo com o modelo adotado, o deslocamento da sede da aldeia principal (*amundá*) pela área de domínio do *tekohá*.

O segundo conjunto representaria uma aldeia periférica ao núcleo central - relacionado ao limite de sua área piloto. De acordo com Brochado (1994), Noelli (1993) e Soares (1997), Dias propõe que nesta área de pesquisa a população Guarani teria ocupado áreas manejadas do *tekohá*, porém menos favoráveis ao desenvolvimento do modo de ser tradicional (*tekó*), na medida em que estaria próximo às nascentes do rio, cuja topografia não se mostraria ideal para o desenvolvimento pleno das roças. Tais escolhas podem ter ocorrido, segundo Dias, por questões demográficas ou de ordem social decorrente de conflitos internos, apresentando menor prestígio com relação à aldeia original. Já o terceiro conjunto - representado por dois sítios em vale - seria também periférico ao núcleo principal do *tekohá* do Alto Rio dos Sinos. Segundo a datação obtida para um desses sítios, este representaria um momento terminal de ocupação Guarani na área, onde os espaços tradicionais de instalação das aldeias passava então a ser ocupado pelos portugueses. O último conjunto estaria relacionado

⁶⁸ DIAS, 2003, *op cit*, P.173.

mais diretamente com a encosta do planalto, no limite norte de sua área piloto, constituído de apenas um sítio na área:

[...] porém as informações relativas à existência de outros sítios Guarani em locais atualmente sem visibilidade do solo, indicam um padrão de distribuição similar ao observado ao sul da área piloto. Estes dados sugerem a existência de um outro *tekohá* ao norte da região estudada, cuja área de catação de recursos pode apresentar relação de sobreposição com as florestas antropogênicas do *tekohá* da porção sul. Como não possuímos datações para esta área, torna-se impossível determinar se corresponde a uma área de domínio contemporânea, hierarquicamente subordinada ao *tekohá* do Alto Rio dos Sinos ou um padrão de implantação posterior, decorrente da pressão da frente colonial a partir do início do século XVIII, implantada junto aos cursos de rios e arroios ocupados tradicionalmente. No caso da segunda hipótese, os sítios da localidade de Campestre poderiam representar uma aldeia periférica a este *tekohá* do norte, instalada naquele local para controlar o movimento dos portugueses junto ao vale do rio dos Sinos.⁶⁹

Assim, a ocupação Guarani do Alto Vale do Rio dos Sinos estaria entre 1450 e 1750 AD, tendo pelo menos 300 anos de ocupação. Através do modelo proposto por Noelli, a autora sugere que cada um dos conjuntos de sítios identificados ao longo do vale do Alto rio dos Sinos poderia ter sido ocupado por aproximadamente 50 anos. Considerando ainda que cada um dos núcleos é formado, em média, por três a quatro sítios arqueológicos considerados como unidades habitacionais, pode-se estimar uma ocupação das casas por um período de dez a quinze anos, compatível com as projeções da literatura etnográfica que apontaria uma média de 6 anos para a mudança de residência⁷⁰.

Seguem, então, trabalhos distintos ao longo dos anos 2000 e 2010, principalmente relacionados à chamada “arqueologia de contrato” acompanhando o novo *boom* da Arqueologia no Brasil a partir dos anos 2000 com a criação do Programa de Aceleração do Crescimento do Governo Federal (PAC) e outros programas de desenvolvimento econômico no país e alterações na legislação que protege o patrimônio material brasileiro.

⁶⁹ DIAS, 2003, *op cit*, P.189.

⁷⁰ DIAS, 2003, *op cit*, P.195.

Para o litoral de Santa Catarina, Rafael Guedes Milheira em sua tese⁷¹ buscou compor um modelo regional de ocupação Guarani no litoral de Jaguaruna, sul de Santa Catarina, enfatizando a compreensão dos processos histórico-culturais que compõem o sistema de assentamento. Sua pesquisa foi consequência de um trabalho vinculado à Arqueologia de contrato, na qual levantou 17 sítios arqueológicos e realizou intervenções em sub-superfície em sete deles. Por meio de abordagem intra / inter-sítio, articulou questões sobre os espaços habitacionais e problemas regionais que englobam diferentes estratégias de assentamentos dos grupos Guarani na paisagem e suas articulações. Os temas abordados pelo autor versam sobre organização social, economia regional, função de sítio, território e estratégias de assentamento. Articulou dados arqueológicos, etnohistóricos e etnográficos, buscando um estudo que propõe compor uma narrativa sobre a história de longa duração, além de tratar de aspectos de abandono do território de domínio Guarani, em parte, pela violência indígena realizada e descrita na literatura histórica do Brasil Colônia. Trabalha, ainda, pensando sobre o processo de expansão desse grupo no sul brasileiro em uma dinâmica de diferentes vias de acesso da serra ao litoral sul.

Dione da Rocha Bandeira, em tese denominada *Ceramistas pré-coloniais da baía da Babitonga – SC – Arqueologia e Etnicidade*⁷², trabalhou no litoral norte do estado com sítios arqueológicos classificados anteriormente como referentes às tradições arqueológicas Taquara-Itararé e Tupiguarani, são eles: Itacoara, Bupeva II e Poço Grande. A autora trabalhou com o conceito de *etnicidade*, e além daqueles utilizados na Arqueologia como a cerâmica, enfatizou elementos como os vestígios faunísticos e o ambiente de inserção dos sítios arqueológicos. A autora buscou produzir informações para cada sítio com cerâmica, apontando similaridades e diferenças, com o intuito de realizar um estudo regional e comparar sua área de pesquisa com outros contextos arqueológicos e grupos indígenas, para ao final propor uma Etnohistória para a região.

⁷¹ MILHEIRA, Rafael Guedes. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. São Paulo: USP, 2010.

⁷² BANDEIRA, Dione da Rocha. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC: arqueologia e etnicidade*. São Paulo: Unicamp, 2004. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História.

Ainda, na região do litoral sul do estado, na Bacia do Rio Araranguá, Jaisson Teixeira Lino - em dissertação de mestrado -⁷³ também se valeu de dados arqueológicos e etno-históricos, propondo um modelo de mobilidade e área de domínio – para pensar a história de longa duração Guarani na área. Contradizendo o modelo *standard* formulado por Betty Meggers (“fatores limitantes”), utiliza dados relativos ao ambiente disponíveis para a área, além de estudos etnográficos, e o estudo de três coleções cerâmicas escavadas durante a vigência de um projeto de arqueologia de contrato. Sua análise cerâmica buscou desenvolver o perfil tecnológico e a funcionalidade dos vasilhames. Lino teve assim como objeto de pesquisa, o sistema de assentamento e a cultura material proveniente de vinte sítios arqueológicos Guarani na região.

A partir da síntese de pesquisas realizadas, podemos observar os esforços para procurar desenvolver histórias de longa duração para diversas regiões catarinenses⁷⁴. Por isso a região litorânea central merece estudos detalhados de forma contextual.

2.2. Localização dos sítios arqueológicos e cronologia.

Com relação à localização e cronologia dos sítios arqueológicos com ocupação guarani no litoral central, devem ser feitas algumas considerações:

Como já discutido no primeiro capítulo deste trabalho, as evidências de ocupação guarani se distribuem no Brasil desde o estado de Mato Grosso do Sul, a São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; além dos vizinhos Paraguai (em sua região oriental), Argentina (em maior parte, na região nordeste desta) e Uruguai⁷⁵. É

⁷³ LINO, Jaisson Teixeira. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina*. Dissertação, UFRGS/RS, Porto Alegre, 2007.

⁷⁴ Aqui não foram tratados outros projetos desenvolvidos na região sul da América do Sul, mas que somam ao debate diferentes perspectivas para a Arqueologia Guarani, compreendendo-a na dinâmica com demais categorias de pesquisa, e buscando uma história indígena na longa duração. Podemos destacar, ainda, os projetos realizados na Bacia do Rio Uruguai (na região oeste de Santa Catarina) e através de parcerias institucionais entre diferentes países (é o caso daquela desenvolvida entre UNOCHAPECÒ

⁷⁵ NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. *In: Revista USP* 44(2): 218-269. 1999/2000.

NOELLI, Francisco S. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi. *In: Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XX, n.1, 1994. P.p.124-125.

importante destacar que esse mapeamento da distribuição dos sítios arqueológicos não se encontra completo, devido à falta de pesquisas em determinadas regiões e a muitos sítios arqueológicos terem sido bastante impactados ao longo de mais de quinhentos anos de presença europeia na região. Além disso, há de se ter em mente que esses levantamentos apresentam em muitos de seus registros, sítios arqueológicos cuja atribuição à ocupação Guarani é feita apenas pela presença de cerâmica da tradição tupiguarani, utilizada como *fóssil-guia* para muitas pesquisas. Tal atribuição levou muitos sítios a serem classificados como de ocupação Guarani como, por exemplo, foi o caso da presença dessa cerâmica no topo de sambaquis ou conchíferos antrópicos. Essa questão gera debates sobre o contato entre populações pré-coloniais, sobre mobilidade e mesmo sobre classificações científicas contemporâneas de sítios arqueológicos e o posicionamento teórico-metodológico do profissional da área.

Assim, temos no panorama atual um compilado de 1.177 sítios arqueológicos⁷⁶, sendo que a maior parte encontra-se identificada nas regiões adjacentes do rio Guaíba, posteriormente no Alto Uruguai, Alto Paraná e então na costa atlântica e Lagoa dos Patos⁷⁷. Há ainda um descompasso em informações, por exemplo, com relação a datações absolutas dessa totalidade de sítios. Ao todo são 250⁷⁸ amostras datadas – já acrescidas as duas datações do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho: a data mais antiga é registrada no sítio arqueológico Fazenda Dona Carlota 2 a 2010+-75 AP (C14) no estado do Paraná, enquanto que a mais recente, no sítio Lagoa Seca (também localizado no estado do Paraná) apresenta 205+-80 AP (C14)⁷⁹. Portanto, percebe-se a necessidade de cronologias regionais melhor identificadas. Abaixo, mapa da distribuição de sítios arqueológicos com ocupação guarani:

NOELLI, Francisco S. O espaço dos Guarani: a construção do mapa arqueológico no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. In: *Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil*/ Rafael Guedes Milheira, Gustavo Peretti Wagner (orgs.). Curitiba: Appris, 2014.

Este último trabalho do autor revê e atualiza datas e sítios arqueológicos daquela primeira (divulgada no ano 2000).

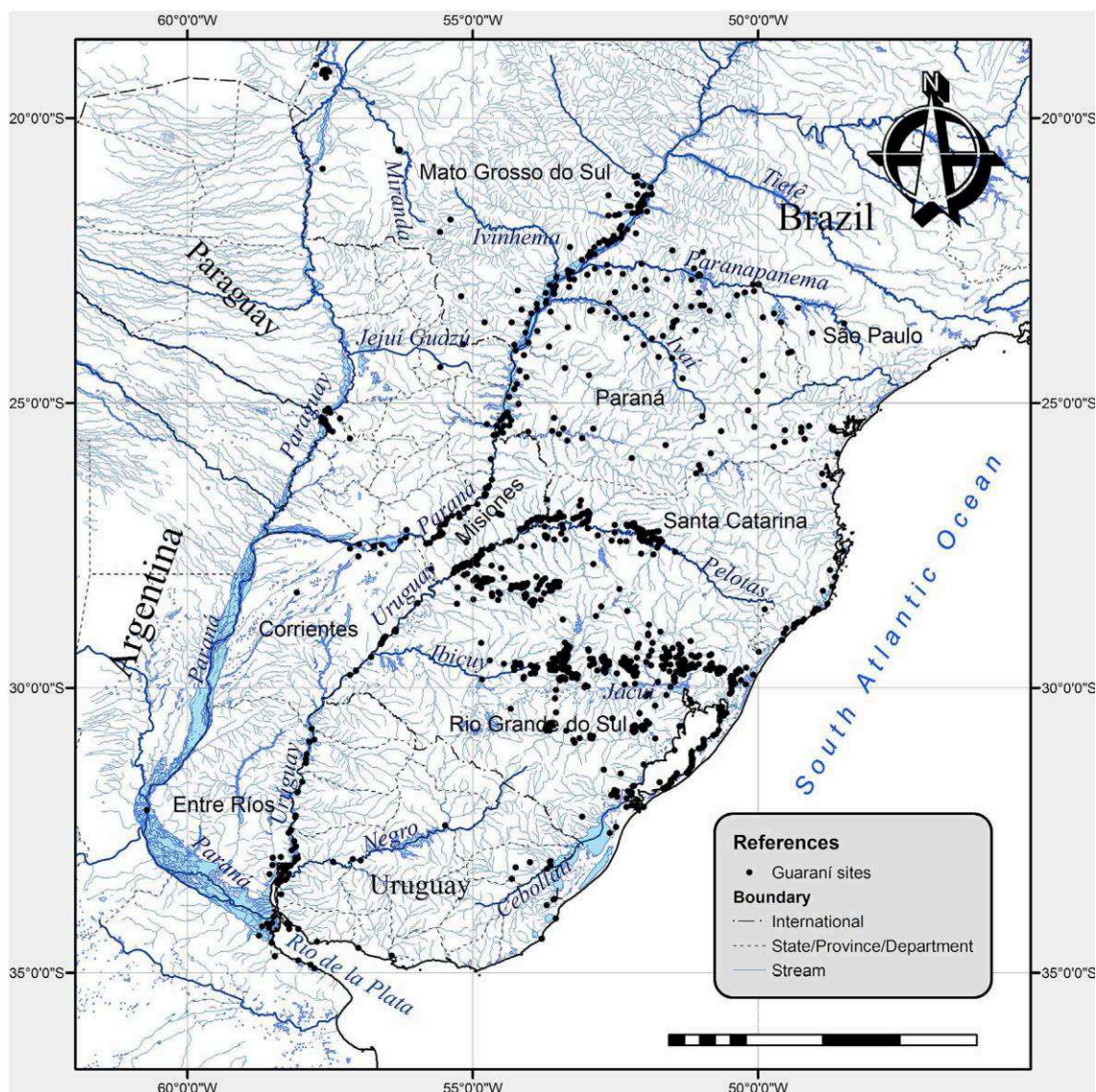
⁷⁶ BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil. In: *Quaternary International* (2014), <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>.

Neste levantamento referenciado, a totalidade de sítios arqueológicos encontra-se em 1.176. Acrescenta-se aqui, o Travessão do Rio Vermelho, alvo deste estudo de caso. Dessa forma, pode-se observar que os levantamentos não são absolutos, e ainda, não contemplam em muitos casos aqueles sítios arqueológicos alvo de pesquisas em Arqueologia de Contrato (as quais não são amplamente divulgadas).

⁷⁷ BONOMO, M., et al. 2014. *op cit*, P.5.

⁷⁸ Já acrescidas as duas datações radiocarbônicas para o sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho.

⁷⁹ BONOMO, M., et al., 2014. *Op cit*. P.8.



Mapa 2: Distribuição de sítios arqueológicos com ocupação Guarani. Retirado de: BONOMO, M., et al., A model for the Guarani expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil. In: *Quaternary International*, 2014. P.4. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>.

Percebe-se, ainda, que as datações mais antigas encontram-se nas regiões de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Argentina, lembrando novamente que este não é um panorama amplo, uma vez que há poucas datações para os sítios, conforme visto, e de o Paraguai, por exemplo, não apresentar nenhuma delas até então. São os sítios: Lagoa 1 (MS/Brasil), Acampamento 3 (SP/Brasil), João Batista (PR/Brasil), Fazenda Dona Carlota (PR/Brasil), Emilio Kieffer (RS/Brasil) e San Miguel II (Corrientes/Argentina). São datas que se encontram entre 2010+-75 e 1700+-230 A.P, ou seja, no período de 0 a 300 A.D⁸⁰. Olhando a região sul da América do Sul

⁸⁰ BONOMO, M., et al. 2014, *op cit*, P.5.

de forma geral, as datações mais antigas tendem estar a oeste, enquanto que as mais recentes, no litoral. No entanto, com as informações obtidas hoje, não é possível ainda ter clareza deste quadro. Atualmente, os dados permitem apenas a proposição de modelos de expansão guarani ao longo desse território. Por exemplo, espera-se que as datas mais antigas para o estado de Santa Catarina estejam em sua região oeste, mas há algumas delas contemporâneas no litoral, para o qual novamente, falta-nos detalhamento.

Uma das propostas mais recentes é apresentada por Bonomo e colegas (Mariano Bonomo, Rodrigo Costa Angrizani, Eduardo Apolinaire e Francisco Silva Noelli) em artigo publicado no ano de 2014 para a região da Bacia do Rio da Prata e zona litorânea do sul brasileiro. Segundo esta, realizada a partir de um compilado de sítios arqueológicos e suas datações (ou seja, um estudo geográfico e temporal de dispersão) por meio de ferramentas do GIS. Portanto, é notado que os vetores obtidos dessa expansão coincidem com o mapa hidrográfico da área (muitos dos assentamentos Guarani estavam próximos a cursos d'água). Durante os primeiros três séculos de nossa era, a evidência mais antiga aparece na Bacia do Rio da Prata, e então com a confluência dos rios Paraná e Iguçu. Entre 300 e 1.000 A.D (contando com 25 sítios e 35 datações) se observa momento de estabilidade, com a permanência de áreas ocupadas e poucas dispersões para novas áreas nos primeiros quatro séculos. E há um aumento nas áreas já ocupadas na confluência dos rios Paraná e Iguçu, na bacia do Ivaí, no rio Uruguai e na média bacia do rio Jacuí. As novas áreas estão restritas aos pontos mais ao sul, e finalmente ao fim desse milênio, a ocupação da costa atlântica começou. Entre 1.000 e 1.780 A.D (contando com 198 datações absolutas para 117 sítios arqueológicos e com cinco sítios contendo material de origem europeia), a ocupação cresce nas áreas já ocupadas, e então, aumentam significativamente as datas para as regiões dos rios Paraná e Iguçu, a bacia do Paranapanema, o rio Ivaí, a bacia do rio Jacuí, o Alto Uruguai, a costa atlântica de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e a parte norte da província de Corrientes na Argentina. As novas áreas, nesse período: a costa norte de Santa Catarina (com os sítios Poço Grande e Tapera), o rio Miranda (tributário do Paraguai), o alto Uruguai em direção ao rio Pelotas, rio Iguçu, Lagoa dos Patos, bacia Camaquã, bacia do rio Cebollatí, o médio e baixo Uruguai, o delta do Paraná e o Rio da Prata. Por fim, de 1.000 A.D em diante, com a crescente densidade de sítios em todas as áreas ocupadas, também é possível observar pulsos de dispersão em

todas as direções: observa-se movimento a oeste e leste do rio Miranda, para a costa Atlântica do Brasil e Uruguai; em um segundo momento, para as galerias de florestas e os baixos cursos dos rios Paraná e Uruguai e nos braços do rio da Prata. Essa dinâmica de mobilidade foi, então, transformada drasticamente no começo no século XVI, coincidindo com aquelas causadas pela conquista e colonização luso-hispânica⁸¹.

Nessa mesma linha de raciocínio, é necessário que compreendamos a dinâmica de uso do espaço por diferentes populações ao longo do tempo e sua interação. Nesse sentido, cita-se como exemplo a referência a Jacobus feita no trabalho de Adriana Dias (anteriormente explanado): o processo inicial de expansão Guarani na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul apresentaria contemporaneidade com as ocupações de caçadores coletores apenas nas regiões hidrográficas do Alto Jacuí e das Bacias Litorâneas. Sugerem, pois, que no vale do rio dos Sinos a ocupação Guarani tenha se sobreposto à caçadora coletora, cuja datação mais recente estaria em torno de 500 A.P, não sendo, portanto, anterior a este limite temporal e estendendo-se até a segunda metade do século XVIII^{82 83}.

Em outra proposta de levantamento, publicada também no ano de 2014⁸⁴ por Noelli *et al.*, pode-se extrair outras considerações acerca dos sítios Guarani registrados no litoral catarinense. De 200 sítios identificados, são poucos aqueles que possuem datações, apenas 16, incluindo o sítio Travessão do Rio Vermelho. O litoral sul do estado ainda é aquele mais explorado nas pesquisas no que tange a temática Guarani. No geral, as datações mais antigas encontram-se nessa região. No litoral norte, o sítio arqueológico Poço Grande possui uma das datações mais recentes. Observa-se no quadro abaixo (no qual não estão inclusos os sítios arqueológicos da região do litoral

⁸¹ BONOMO et al., 2014, P.p.11-13.

⁸² DIAS, 2003, P.194 apud JACOBUS, 2000.

⁸³ “(...) O mesmo processo observa-se quanto às cronologias disponíveis para sítios da Tradição Taquara na região nordeste do Estado, com datações distribuídas entre 1520+-90 AP (SI 607) e 620+-90 AP (SI 608) para a bacia hidrográfica dos rios das Antas e Taquari. Para o caso da Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos as duas datações disponíveis para a Tradição Taquara são anteriores em pelo menos mil anos a presença Guarani, apresentando correlação com as datações do rio Caí. Em ambos os casos, as evidências de contato entre as distintas populações que ocuparam o vale dos Sinos são inexistentes até o presente, apontando para um padrão de conquista Guarani da área sem assimilação das populações precedentes, exterminadas pela guerra ou expulsas para outros ambientes não explorados pelos Guarani.” (DIAS, 2003, P.194).

⁸⁴ NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Tabela de sítios guarani do litoral sul do Brasil. *In: Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014.*

central), adaptado do último trabalho dos autores Francisco Silva Noelli, Rafael Guedes Milheira e Gustavo Peretti Wagner (2014):

Município	Nome	Coordenada	Sigla	Tipologia	Datação/Método
Araranguá	Aldeia da Lagoa Mãe-Luzia	22J 663557 6805711	ARA010	Guarani	610+-60 ^a .P. (LVD-FATEC)/TL
Içara	Aldeia do Cemitério da Lagoa dos Esteves	22J 665644 6807591	IÇA009	Guarani	720+-70 A.P. (LVD-FATEC)/TL
Imbituba	Aldeia da ZPE	22J 726040 6876650	IMA023	Guarani	1000+-110 A.P, 810+-85 A.P, 1040+-110 A.P, 715+-75A.P, 1050+-150A.P /TL
Jaguaruna	Morro Bonito I	22J 699077 6833937	JUU01	Guarani	520+-50 A.P/C14
Jaguaruna	Morro Bonito II	22J 697129 6833686	JUU02	Guarani	510+-40 A.P/C14
Jaguaruna	Morro Bonito III	22J 696340 6833244	JUU03	Guarani	440+-40 A.P/C14
Jaguaruna	Laranjal I	22J 701597 6832366	JUU37	Guarani	440+-40 A.P/C14
Jaguaruna	Arroio Corrente V	22J 691901 6825308	-	Guarani	470+-40 A.P/C14
Jaguaruna	Olho D'Água I	22J 675956 6813757	-	Guarani	560+-40 A.P, 920+-60 A.P/C14
Jaguaruna	Sibelco	22J 695611 6832335	-	Guarani	550+-60 A.P/C14
Joinville	Poço Grande	22J 0714993 7073270	-	Guarani	340+-35 A.P/TL
São Martinho	São Martinho 05	22J 699264 6886618	SM 05	Guarani	505-305 A.P/C14
São Martinho	São Martinho 08	22J 699365 6886511	SM 08	Guarani	1280 A.D, 1320 A.D, 1420 A.D/C14

Tabela 1: Sítios arqueológicos com datação na região sul do litoral catarinense. Adaptado de: NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Tabela de sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. In: *Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil* / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014. P.p.205-255.

Os autores consideram que a porção entre os municípios de Biguaçu e o sul de Joinville revela ainda poucas evidências além dos sambaquis; sendo, pois de fundamental importância o levantamento das planícies e dos baixos vales que deságuam nos oceanos, a exemplo dos rios Tijucas, Itajaí e Itapocu, praticamente ignorados até

então⁸⁵. É importante elencar também que os sítios arqueológicos⁸⁶ da região do litoral central estão concentrados, em sua maior parte, na Ilha de Santa Catarina, sendo que a parte continental dessa área carece de estudos acadêmicos⁸⁷. Compreende-se enquanto a região do litoral central do estado, então, a faixa entre os municípios de Porto Belo e Garopaba, abaixo da barra do Itapocu ou enseada da Barra Velha. São os sítios arqueológicos apresentando vestígios da presença Guarani nessa região:

Município	Nome	Coordenada	Sigla	Datação/Método	Fonte
Florianópolis	Florianópolis 39	-	FLN 004	-	Rhor 1964; CNSA 00281.
Florianópolis	Florianópolis 40	-	FLN 062	-	Chmyz 1976; Rohr 1977, 1984; CNSA 55244.
Florianópolis	Dunas do Pântano do Sul I	22J 745023/6924780	FLN 062	-	Rohr 1971; Farias e Kneip 2010, CNSA 00339.
Florianópolis	Florianópolis 44	-	FLN 063	-	Chmyz 1976; Rohr 1977, 1984; CNSA 55245.
Florianópolis	Dunas do Pântano do Sul II	22J 745053/6924754	FLN 063	-	Rohr 1977; CNSA 00341.
Florianópolis	Dunas do Pântano do Sul III	22J 744827/6924784	FLN 064	-	CNSA 00341.

⁸⁵ NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Os sítios arqueológicos Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina: registros até 2013. In: *Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil* / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014.

⁸⁶ Muitos desses registros não se encontram cadastrados no banco de dados nacional do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (CNSA/IPHAN), uma vez que este está desatualizado em sua consulta de modo público. Para obter um levantamento de todos os sítios arqueológicos registrados (vinculados a pesquisas de contrato ou acadêmicas), a pesquisa deve ocorrer com os registros físicos localizados nas Superintendências Regionais do IPHAN (aquela de Santa Catarina está localizada na cidade de Florianópolis) e na central do mesmo (em Brasília).

⁸⁷ Evidências de cerâmica da tradição tupiguarani foram encontradas na área continental dos municípios de São José e Florianópolis, por exemplo, mas sua localização não foi alvo de estudo. Fragmentos de cerâmica dessa tradição encontra-se nas reservas do “Museu do Homem do Sambaqui, Pe. João Alfredo Rohr” (localizado no Colégio Catarinense, em Florianópolis) cuja única referência leva-nos a crer que foi encontrada no bairro atual Bom Abrigo, na capital. Deve haver muitas dessas outras evidências. Vale destacar que a especulação imobiliária da região, bem como o rápido crescimento urbano da mesma nas últimas três décadas causou, sem dúvidas, a destruição de muitas dessas evidências. A região continental, ainda, e principalmente ao longo dos grandes empreendimentos, como a rodovia BR-101 (dentre outros), é alvo de diversas pesquisas em Arqueologia de Contrato. No entanto, o acesso a essas produções ainda se encontra restrita.

Florianópolis	Dunas do Pântano do Sul IV	22J 745299/6924707	FLN 065	-	Lavina 1988; CNSA 00342.
Florianópolis	Ponta da Caiacanga-Açu / Florianópolis 41	22J 738182/6926640	FLN 066	-	Rohr 1984; CNSA 00343.
Florianópolis	Lagoinha do Rio Tavares / Florianópolis 42	22J 7423308/6956038	FLN 067	-	Piazza 1965; Chmyz 1976; Prous e Piazza 1977; Rohr 1984; CNSA 00344.
Florianópolis	Dunas da Lagoa da Conceição / Florianópolis 43	-	FLN 068	-	Rohr 1984; CNSA 00345.
Florianópolis	Rendeiras	22J 750549/6943743	FLN 069	-	Rohr 1971; CNSA 00346.
Florianópolis	Base Aérea	-	SC- LF-01	-	Schmitz 1959; Rohr 1959; Chymz 1968, 1976; Prous e Piazza 1977; Schmitz, Verardi, De Mais, Rogge e jacobus 1993; CNSA 55195.
Florianópolis	Tapera	22J 739918/6934533	SC- LF-02 / FLN 058	1400+-70 A.D./ C14	Rohr 1959, 1966; Chmyz 1976; Prous e Piazza 1977; Schmitz 1988; Silva 1988; Silva, Schmitz, Rogge, De Mais e Jacobus 1990; Silva 1990; Chmyz 1976; Schmitz, Verardi, De Mais, Rogge e Jacobus 1993; CNSA 55240.
Florianópolis	Rua das Garças, Campeche	22J 746843/6934710	-	-	De Mais 1999.
Florianópolis	Costeira do Pirajubaé	22J 744057/6940470	-	-	Farias e Kneip 2010.

Florianópolis	Ponta da Caiacanga-Açu	22J 738182/6926640	-	-	Farias e Kneip 2010.
Florianópolis	Rio do Meio	-	-	-	Farias e Kneip 2010.
Florianópolis	Dunas do Pântano do Sul V	22J 744823/6924872	-	-	Lavina 1988.
Florianópolis	Valda 1		-	-	Montardo e Bandeira 1993.
Florianópolis	Povoado do Campeche	22J 562790/6640402	-	-	Rohr 1961.
Florianópolis	Pântano do Sul II	22J 745372/6924565	-	-	Rohr 1969.
Florianópolis	Lagoinha	22J 748616/6938503	-	-	Rohr 1971.
Florianópolis	Florianópolis 44		-	-	Rohr 1984.
Florianópolis	Naufragados	22J 739868/6919008	-	-	Simas 1997 (com, Pessoal)
Florianópolis	Porto do Rio Vermelho 1	22J 754385/6953086	SC-PRV-01	910 A.D./ C14	Bigarella 1949; Rohr 1960; Duarte 1971; Lavina 2000; De Mais 1999; De Mais 2007; CNSA 55227.
Garopaba	Aldeia da Praia da Ferrugem	-	-	-	IPAT/UNESC; Lavina 2000.
Garopaba	Aldeia da Praia do Rosa	-	-	-	IPAT/UNESC; Lavina 2000.
Garopaba	Praia da Gamboa 2	-	GRB 002	-	Rohr 1984; Farias e Kneip 2010; CNSA 00405.
Garopaba	Garopaba 3	-	GRB 003	-	Rohr 1984; Farias e Kneip 2010; CNSA 00406.
Garopaba	Praia do Rosa	-	-	-	Bandeira 2004.
Governador Celso Ramos	Armação da Piedade	-	-	-	Wiener 1876.
Palhoça	Sabino J. Silveira	-	SC-PEST-04	-	Eble e Reis 1976.
Palhoça	Nestor M. Matos	-	SC-PEST-08	-	Eble e Reis 1976.
Palhoça	Saturnino A.	-	SC-	-	Eble e Reis

	Santos		PEST-11		1976.
Palhoça	Nestor C. Santos	-	SC-PEST-16	-	Eble e Reis 1976.
Palhoça	Praia de Fora	-	SC-PEST-24	-	CNSA 00739
Palhoça	Posto Massiambu	-	-	-	11ª SR IPHAN; Silva 1999.
Palhoça	Três Barras	-	-	-	11ª SR IPHAN; Silva 1999.
Palhoça	Aviãozinho	22J 733382/6920104	-	-	11ª SR IPHAN; Silva 1999; De Mais 2007.
Palhoça	Faz. S. Inês	22J 733216/6919925	-	-	11ª SR IPHAN; Silva 1999; De Masi 2007.
Palhoça	Praia da Pinheira II	-	PAC 004	-	Rohr 1984; Farias e Kneip 2010; CNSA 00742.
Palhoça	Maciambu I	22J 733120/6918236	-	-	Rodrigo Lavina, com. Pessoal; De Masi 2007.
Paulo Lopes	Ildefonso Vieira	-	SC-PEST-06	-	Eble e Reis 1976.
Paulo Lopes	(Localidade de Dunas da Gamboa)	-	SC-PEST-07	-	Eble e Reis 1976.
Paulo Lopes	Amadeu A. Moisés	-	SC-PEST-17	-	Eble e Reis 1976.
Paulo Lopes	Vitauro Lopes	-	SC-PEST-21	-	Eble e Reis 1976.
Paulo Lopes	Manuel F. Pereira	-	SC-PEST-22	-	Eble e Reis 1976.
Paulo Lopes	Paulo Lopes	-	SC-PEST-23	-	Farias e Kneip 2010; CNSA 55711.

Tabela 2: Sítios arqueológicos na região central do litoral catarinense. Adaptado de: NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Tabela de sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. In: *Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil* / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014. P.p.205-255.

Este levantamento pode dar uma noção geral da quantidade de sítios arqueológicos da região, e onde estão distribuídos. Podemos observar, além daqueles na cidade de Florianópolis, alguns em Paulo Lopes, Palhoça, Garopaba e Governador Celso Ramos. No entanto, para a região da Ilha de Santa Catarina, com um olhar mais detalhado, podemos refinar essa busca, confrontar bibliografia vasta e a profusão de registros feitos por muitos pesquisadores desde a década de 1850, e revisitar sítios arqueológicos. Foi o que a equipe do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia da Universidade Federal de Santa Catarina (LEIA/UFSC) realizou entre os anos de 2013 e 2015, sob a coordenação do Professor Doutor Lucas de Melo Reis Bueno em projeto denominado *Florianópolis Arqueológica*⁸⁸. Analisando a reunião de sítios arqueológicos com ocupação Guarani desse levantamento, compreende-se a importância e necessidade do olhar debruçado e contextualizado, pois cada região apresenta suas particularidades geográficas, de produção científica, de trajetória na Arqueologia, dentre outras áreas, para a área de pesquisa. A seguir, então, o resultado para os sítios arqueológico contendo vestígios Guarani:

Nome	Coordenada	Sigla	Tipologia	Datação/Método
Costeira do Pirajubaé	22J 744651,26 6939545,376 WGS 84	CPJ	Cerâmico Guarani	-
Dunas da Joaquina	22J 751639 6941536 WGS 84	-	Lítico com cerâmica guarani	-
Dunas da Lagoa VI	22J 751288,141 6943382,145 WGS 84	-	Cerâmico Guarani	-
Dunas do Pântano do Sul I	22J 745114,673 6924686,193 WGS 84	-	Cerâmico guarani	-
Dunas do Pântano do Sul II	22J 745041,255 6924729,789 WGS 84	-	Cerâmico guarani	-
Dunas do Pântano do Sul V	22J 745052,325 6924633,153 WGS 84	-	Cerâmico Guarani	-
Estação Florestal IV	22J 753656,88 6952326,07 WGS 84	-	Cerâmico Guarani	-
Lagoa do Peri I	22J 744787,535	-	Cerâmico	-

⁸⁸ BUENO, Lucas de Melo Reis. *Florianópolis Arqueológica*. Projeto de pesquisa, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 2012. 38p.

Em convênio com o a Superintendência Regional do IPHAN em Santa Catarina, esse projeto originou a escavação realizada do sítio arqueológico TRV, problematizado a seguir. Neste, ainda, podem ser acessadas todas as referências utilizadas e problematizadas.

	6930226,963 WGS 84		guarani	
Lagoa do Peri II	22J 745214,261 6930135,176 WGS 84	-	Cerâmico guarani	-
Lagoinha do Rio Tavares	22J 749250 6938525 WGS 84	-	Cerâmico Guarani	-
Lagoinha do Rio Tavares II	22J 748655,681 6937814,973 WGS 84	-	Cerâmico Guarani	-
Naufregados II	22J 740205,125 6918806 WGS 84	NFG 2	Conchífero com cerâmica guarani	-
Ponta da Caiacanga-Açu I	22J 738906 6926707 WGS 84	PCG 1	Cerâmico guarani	-
Porto do Rio Vermelho I	22J 754433 6953082 WGS 84		Conchífero com cerâmica guarani	910 A.P./C14 (De Masi, 2001, 2007)
Tapera	22J 739674,392 6935046,207 WGS 84	TAP	Conchífero com cerâmica itararé e guarani	1400+-70 A.D./C14
Travessão do Rio Vermelho	22J 756372 6957075 WGS 84	TRV	Cerâmico guarani	290+-30 A.P; 370+-30 A.P.
Valda I	22J 756502 6960293 WGS 84	VLD	Cerâmico guarani	

Tabela 3: Sítios arqueológicos Guarani na Ilha de Santa Catarina. Adaptado de: BUENO, L., BOND, L., MENDES, R., OPPITZ, G., PEREIRA, T., BATISTA, J., BEE, B. Florianópolis Arqueológica. Relatório Final, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 120p.⁸⁹

Observamos que o sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho, objeto deste estudo de caso, apresenta a datação radiocarbônica mais recente (1640 A.D ou 290 +-30) dentre os demais (Porto do Rio Vermelho I e Tapera). Interessante que este é o único sítio datado que contem apenas uma ocupação (guarani). Os demais, Porto do Rio Vermelho I e Tapera, são sítios conchíferos que em algumas de suas camadas apresentaram material cerâmico guarani⁹⁰ - cujos contextos também devem ser pesquisados mais a fundo. A Ilha de Santa Catarina apresenta vestígios de distintas ocupações ao longo do tempo e urge a necessidade de pesquisas mais profundas em

⁸⁹ Posicionamento teórico-metodológico distinto daqueles visualizados anteriormente foi adotado ao longo dessa pesquisa. Foram buscadas categorias arqueológicas que distinguíssem tipologia de sítio arqueológico com sua ocupação. Dessa forma, a ocupação étnica vinculada a cada um dos locais registrados encontra-se a critério do pesquisador e sua interpretação. No entanto, suas características físicas estariam elencadas nesse levantamento. Além disso, foram desfeitas confusões com relação à nomenclatura dos sítios e suas siglas, bem como, com a revisitação dos sítios, foram atribuídas coordenadas geográficas a cada um deles (nem sempre presentes nos registros anteriores, e por consequência, naqueles levantamentos).

⁹⁰ No geral, conforme já mencionado anteriormente, os objetos de pesquisas na região têm-se debruçado mais em torno dos conchíferos, em sua maior parte, sambaquis.

torno da temática Guarani e o estudo contextual tomando todos os sítios já conhecidos da região (estudos sistemáticos). Ainda, observou-se que a ocupação desse sítio TRV é praticamente contemporânea aquela de Poço Grande, no litoral norte do estado.

Com todas as datações conhecidas para o litoral catarinense, elaboramos o gráfico:

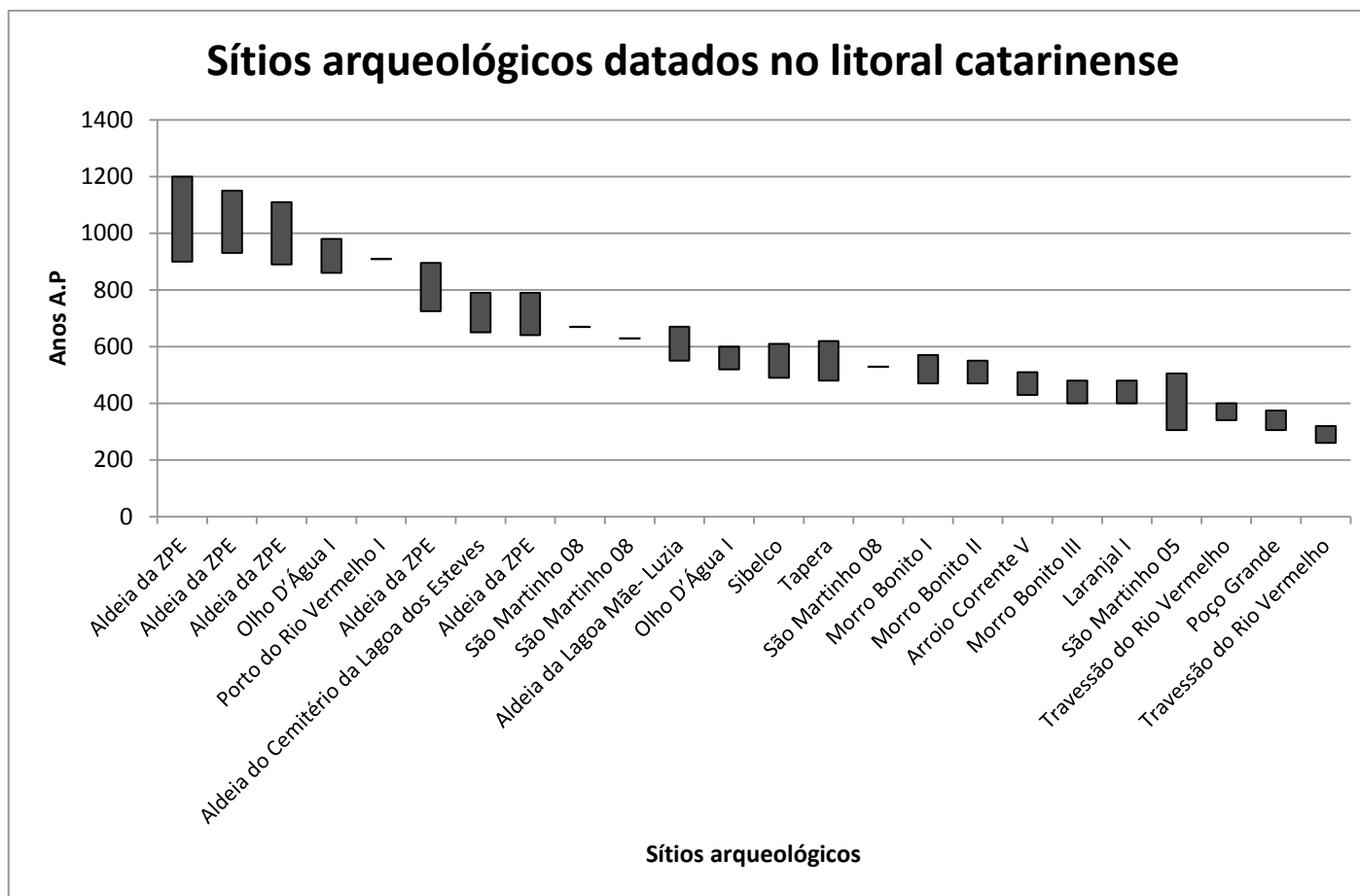


Gráfico1: Datações para sítios arqueológicos Guarani no litoral catarinense. Elaborado por: Lucas Bond Reis em dezembro de 2015.

Vale ressaltar a importância da análise de coleções salvuardadas em instituições museológicas e provenientes desses sítios arqueológicos na Ilha, como no Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral – MarquE/UFSC- e o Museu do Homem do Sambaqui Pe. João Alfredo Rohr, SJ – MHS. Walter Fernando Piazza, Professor emérito da Universidade Federal de Santa Catarina, participou ao longo da década de 1960 do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) dirigido no Brasil por Betty Meggers e Clifford Evans⁹¹. Participou dos seminários de formação do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA/UFPR) na Universidade Federal do Paraná e continuamente se comunicava com os dirigentes a fim de tratar dos achados e pesquisas. Piazza, em Florianópolis, realizou intervenções no sítio arqueológico Lagoinha do Rio Tavares (cujas publicações em formato *separata* são conhecidas, em 1965)⁹² e destinou todos os vestígios frutos dessas intervenções ao longo do estado ao antigo Museu de Antropologia da UFSC (depois Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC e, por fim, MArquE). Estas ainda não foram alvo de pesquisas para além daquelas já realizadas no dado período.

Outra coleção já conhecida na região e salvuardada no MHS é a chamada Coleção Berenhauser. O fundador da instituição, o padre jesuíta João Alfredo Rohr⁹³, adquiriu essa coleção de Carlos Berenhauser (comerciante local da cidade de Florianópolis), contendo, dentre outros vestígios, alguns artefatos de cerâmica inteiros e 80.000 fragmentos cerâmicos recolhidos na região sul da Ilha e em grande parte associados à Tradição Tupiguarani⁹⁴. Esta fora alvo de primeira curadoria por Schmitz e equipe, e análise de Schmitz das pinturas nos vasilhames no ano de 1959. Parte desta

⁹¹ BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. In: *Revista USP*, 1999-2000. N.44. P.p. 32-51.

ROBRAHN-GONZALES, Érica. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. In: *Revista USP*, 1999/2000. N.44. P.p.10-31.

PIAZZA, Walter F. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. In: PRONAPA, São Paulo, 1967.

⁹² PIAZZA, Walter F. O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina).[SEPARATA]. In: PRONAPA, São Paulo, 1965.

⁹³ Mais sobre o pesquisador em: REIS, Maria J.; FOSSARI, Teresa D. Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João Alfredo Rohr. In: *Cadernos do CEOM* – Ano 22, n. 30 – Políticas públicas: memórias e experiências. P.p.265-293.

SCHMITZ, Pedro I. João Alfredo Rohr – um jesuíta em tempos de transição. In: *Pesquisas, Antropologia* N° 67. São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas, 2009. P.p.9-22.

⁹⁴ SCHMITZ, Pedro I. A cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina. In: *Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, N.3, 1959. P.p.267-324.

coleção foi ainda alvo de uma segunda curadoria no ano de 2014 pela equipe da Scientia Consultoria Científica, unidade Sul, e ainda aguarda análise.⁹⁵

Faz-se necessário sublinhar que muitos dos sítios arqueológicos Guarani conhecidos foram identificados no período de atuação desses dois pesquisadores na Arqueologia do período. Walter Piazza, por exemplo, além do sítio arqueológico Rio Tavares na Ilha, identificou Poço Grande (em Joinville) e demais sítios no município de Palhoça. Ocorre ainda a existência de levantamento realizado por equipe vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina no então recém-criado Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, na qual estavam Alroino B. Eble e Maria José Reis, divulgado no ano de 1976 e intitulado *Parque Estadual do Tabuleiro – Aspectos Culturais e Sociais. Volume I*⁹⁶. Nele estão identificados diversos tipos de sítios arqueológicos, incluindo os chamados “manchas pretas” (**ANEXO 1**). Os limites desta pesquisa, no entanto, extrapolam aquele delimitado analiticamente para a região do litoral central catarinense em foco nesta pesquisa. Esse tipo de formação antropológica do solo é característica de muitos sítios guarani, supondo esses também estarem vinculados à essa ocupação. No entanto, é difícil afirmar tal correlação, pois faltam pesquisas na área que retomem a localização desses sítios e a realização de atividades sistemáticas no contexto. O único momento em que o parque foi alvo de pesquisas arqueológicas foi esse.

A partir desse panorama geral para o litoral central de Santa Catarina, vê-se a necessidade de pesquisas que tragam um melhor detalhamento para os contextos nela presentes, e o aprofundamento do conhecimento produzido acerca da ocupação Guarani na região. Sabe-se que atualmente também é uma questão para a Arqueologia desenvolver estudos com relação às interações dos diferentes povos que habitaram um território. No caso sul brasileiro, falamos da interação entre povos guarani, jê, caçadores coletores e construtores dos sambaquis. Apesar de dito por muitos que os Guarani são os povos mais estudados e conhecidos do contexto brasileiro, e a Arqueologia que estuda os vestígios produzidos por eles ter questões bem desenvolvidas, o quadro descrito acima para o contexto de Santa Catarina reforçam a escassez de dados e a grande quantidade de áreas pouco pesquisadas e que carecem de refinamento

⁹⁵ Está em vista da autora deste Trabalho de Conclusão de Curso análises de amostras dessas duas coleções em Proposta de Mestrado.

⁹⁶ EBLE, Alroino B; REIS, Maria José. Patrimônio Pré-histórico. In: *Parque da Serra do Tabuleiro – Aspectos culturais e sociais. Volume I*. Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC – FATMA, 1976. P.p.08-44.

metodológico para permanecer avançando no debate acerca dessa história indígena de longa duração.

2.3. Ocupação Guarani na Ilha de Santa Catarina: Arqueologia e Etnohistória.

Ao se pensar na quantidade de vestígios indígenas ao longo desse litoral, logo se reflete sobre o contato europeu e os registros escritos de como esse processo ocorreu, além da perspectiva dos “brancos” acerca desses habitantes do território. De forma geral, a questão em torno do contato também repercute opiniões. O “contato” europeu impactou profundamente a dinâmica dos grupos indígenas na América do Sul⁹⁷. E, para os grupos indígenas que viviam no litoral, o impacto e a fragmentação cultural chegaram primeiro. Além do mais, permanece até hoje na forma com que esse processo se desenrolou e ocorre, conforme políticas nacionais não favoráveis aos indígenas.

No atual estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, e como nos demais estados do país, esse processo foi devastador, e os indígenas são “esquecidos” até hoje da história oficial, cabendo às memórias guardá-los. Ao falarmos em contato europeu, estamos nos referindo a um processo diversificado, que no Rio Grande do Sul ao longo do período colonial também teve suas peculiaridades, como a formação dos Trinta Povos das Missões, e o “catequismo” indígena, promotor de mudanças drásticas também nas culturas dessas populações⁹⁸. Recentemente há uma guinada nas Ciências

⁹⁷ NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. *In: Revista USP* 44(2): 218-269. 1999/2000.

⁹⁸ Sobre parte do processo de colonização, em especial no Rio Grande do Sul: “Segundo Schmitz (1991:313-321), o Guarani do sul do Brasil e regiões vizinhas foi colhido no século XVI pelas tenazes opostas de duas etnias altamente expansivas: a escravista portuguesa, por um lado, e a missionária espanhola, por outro. Das frentes portuguesas, a das plantations (fazendas de cultivo para a exportação) de São Vicente, Piratininga e Rio de Janeiro começam a atuar em 1585, contra os Guarani do litoral catarinense e norte do Rio Grande do Sul, iniciando a partir de 1600 as descidas para predação dos índios do sul do Brasil. Paralelo ao movimento escravista de São Vicente, inicia a frente missionária jesuítica em terras da coroa de Portugal, com ponto de apoio no Rio de Janeiro. Tentativas de fixar reduções no sul do Brasil, na costa, ocorrem entre 1605 e 1637, mas os atritos com bandeiras são grandes e a iniciativa abandonada, retornando os jesuítas para o Rio de Janeiro com os índios cristianizados durante este primeiro período missionário. Em 1635, consequência do comércio escravista da costa e das bandeiras do interior, os Guarani livres praticamente desaparecem no Rio Grande do Sul. Pelo lado espanhol, a expansão missionária de Assunción vai congrega a maior parte dos Guarani remanescentes dos ataques portugueses. A partir de 1609, a maior parte dos Guarani do oeste do Paraná, do centro e oeste do Rio Grande do Sul, do nordeste da Argentina e sudeste do Paraguai foram incorporados às reduções e

Humanas, que se voltou a buscá-los nos registros etnográficos, etnohistóricos e dar vozes a essas populações e atores através do princípio da multivocalidade. Mas, uma mudança significativa ocorreu apenas a partir da década de 1980, com o crescimento e fortalecimento dos próprios movimentos indígenas⁹⁹. Sabe-se também que esquecê-los ou lembrá-los¹⁰⁰, ou mesmo as diferentes formas com que são lembrados, são formas de posicionamento político. É importante ressaltar que a resposta oficial ao longo da constituição dos territórios nacionais nas Américas não foi favorável à divulgação e à adoção de uma história indígena. Mudanças passam a surgir a partir do movimento promovido pela Constituição de 1988 e da agência indígena atual e suas reivindicações.

Mas, os indígenas são abrangidos nos relatos históricos europeus no período do contato ou da conquista? O que aparece nas fontes históricas escritas formadas a partir de relatos de viajantes europeus, primeiros, em muitos casos, a terem contato com essas populações que estiveram pelo litoral de Santa Catarina? A presença indígena é marcante? Sob quais aspectos os europeus mencionam os indígenas? Há uma profusão dessas fontes? Ao longo da historiografia, a presença indígena foi relegada a segundo plano, até mudança ocorrida no século XX na forma de se fazer Ciências Humanas, bem como com a chamada Revolução Documental. As fontes mais utilizadas até então ao procurar estudar os indígenas no período (século XVI a XIX) foram os relatos de viajantes (no geral europeus) e relatos etnográficos. Desse modo, faz-se necessário e é urgente que haja estudos e problemáticas que busquem trabalhos interdisciplinares (como, por exemplo, História, Arqueologia, Antropologia, Biologia, Geologia, dentre outras), o que muitos pesquisadores advogam deveria ser uma excelência das Ciências Humanas principalmente¹⁰¹. Ao falarmos dessa articulação entre ciências humanas para

transformados em cidadãos da Coroa de Espanha. Contudo, a ação das bandeiras paulistas é intensa sobre estas reduções no período entre 1611 e 1639, conduzindo ao deslocamento dos índios reduzidos no Rio Grande do Sul para a outra margem do rio Uruguai. Os índios transmigrados voltam a se instalar no noroeste do Rio Grande do Sul a partir de 1687, construindo os Sete Povos, que abrigava entre 100.000 a 300.000 Guarani sobreviventes aos primeiros séculos de contato, entrando em decadência cem anos mais tarde, em função da redefinição das linhas de fronteira do sul do Brasil entre as coroas de Espanha e Portugal, com o Tratado de Madrid.” (Dias, 2003, P.195 apud Schmitz, 1991, P.p.313-321)

⁹⁹ *A Presença Indígena na Formação do Brasil* João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006, 268 p.

¹⁰⁰ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. P.p.3-15.

¹⁰¹ Parte dessa discussão já foi explorada pela autora em artigo: MÜLLER, Isabela da Silva. A interdisciplinaridade em História: apontamentos para as interpretações dos primeiros contatos europeus com os Guarani no litoral central do estado de Santa Catarina. In: *Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil* ISSN 1984-3968, v.8, n.1, 2014. P.p.178-191. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/709>.

compor uma história indígena de longa duração, devemos certamente mencionar Fernand Braudel, quando este propõe tal articulação¹⁰² em face de uma crise geral das ciências do homem, esmagadas pelo progresso e acúmulo de conhecimentos, cuja organização inteligente para a necessidade do trabalho coletiva faltaria ainda emergir. Nesse sentido, acredita-se que:

A pesquisa arqueológica não se faz com base no passado, mas a partir da relação dialética entre passado/presente e sujeito/objeto, a interpretação do passado sempre ocorre em função do presente (1;2). Atualmente, a arqueologia é entendida como um modo particular de investigar a relação das pessoas com seus passados, fonte de crítica e desafio para o presente (3;4). Frente à crise da modernidade, a globalização e a dissolução das identidades nacionais, o passado como herança contribui para a construção de identidades e do sentimento de pertencimento aos lugares em face da universalização de costumes em larga escala, desenvolvimento econômico e destruição do meio ambiente (2;5;6).¹⁰³

Sobre essa perspectiva, temos:

Apesar do conceito de longa duração ter sua base em mudanças estruturais, lentas, quase imperceptíveis (13), admite-se que tais mudanças são originadas de eventos específicos (curta duração de Braudel), oriundos da conjunção de atos dos indivíduos (13;1). Esses eventos e indivíduos estão inseridos em uma estrutura com mudanças e ritmos perceptíveis, entendida como uma história social (história de média duração). Tais mudanças, em curto prazo, criam e reproduzem a longa duração (1), sendo o entendimento da interdependência entre a longa duração e a curta duração fundamental para análise arqueológica. Ao refletirmos sobre a participação dos indivíduos e eventos nessa estrutura evitamos um trabalho ‘muito estrutural’ (21), apesar de reconhecer-se a estrutura como dominante dos problemas da longa duração (18). [...] No Brasil, o conceito de longa duração vem sendo aplicado para dar maior rigor teórico às pesquisas que buscam entender o registro arqueológico como vestígios de populações indígenas atuais.¹⁰⁴

¹⁰² BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. In _____ *Annales E.S.C.*, n.4, out.-dez 1958, Débats et Combats, 1992. P.725.

¹⁰³ CORREA, Ângelo Alves. Longue durée: história indígena e arqueologia. In: *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 65, n. 2, Junho 2013. P.26-27. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Nov. 2014.

¹⁰⁴ Idem, P.26.

[...] O termo *pré-histórico* ou *pré-história* vem sendo substituído pelo termo *pré-colonial*, reflexo das críticas modernas, que advogam a favor de uma arqueologia menos colonizadora, identificando os vestígios arqueológicos americanos com antepassados das sociedades atuais.¹⁰⁵

[...] Entendemos os trabalhos que utilizam os pressupostos da *longue duree* em arqueologia como inseridos em um movimento ainda maior, denominado por alguns como história indígena (14).¹⁰⁶

Dessa forma, sabendo da ocupação guarani por meio de vestígios arqueológicos dessas populações ao longo desse território, cabe-nos também interrogar sobre como o processo do denominado “contato” ocorreu no mesmo. Com relação à falta de estudos sobre a ocupação Guarani em Santa Catarina ou suas limitações para aqueles que foram produzidos até então, John Manuel Monteiro menciona Bartomeu Melià:

[...] Tanto a distribuição espacial quanto as características demográficas dos grupos Guarani às vésperas da conquista apresentam problemas de difícil solução. Por um lado, o conjunto de fontes da época projeta uma unidade cultural e linguística abrangente e consistente mas, por outro, estas mesmas fontes apontam uma intensa fragmentação no que diz respeito à organização política e territorial. Não muito distante do exemplo Tupi, o constante abandono e regeneração das aldeias, o quadro mutável de alianças e hostilidades e as migrações de longa distância mobilizadas por carismáticos profetas são fatores que se contrapõem a qualquer visão monolítica de uma „nação” Guarani. Ao mesmo tempo, conforme lembra oportunamente Bartomeu Melià, as fontes coloniais em si provêm de observações bastante dispersas no tempo e no espaço, pois, tendo assim os Guarani sido descobertos” em épocas e circunstâncias diversas”, desde os primeiros encontros no litoral catarinense até a penetração mais concentrada dos jesuítas no século XVII (Melià, 1988:18).¹⁰⁷

¹⁰⁵ CORREA, 2014, *op cit*, P.26.

¹⁰⁶ CORREA, 2014, *op cit*, P.27.

¹⁰⁷ MONTEIRO, John M. Os Guarani e a História do Brasil Meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, M. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. P.477.

Logo, são encontrados registros europeus acerca dos “Carijós” ou “Carios”¹⁰⁸, os quais apenas no ano de 1528 aparecem com o emprego de “Guarani”, nome dado por europeus, na carta de Luiz Ramires¹⁰⁹. Certamente, o primeiro contato realizado entre “brancos” e “índios” na região central estadual fora com indígenas guarani, o que foi vastamente divulgado nas cartas e relatos de viajantes a nós legados atualmente em um período em que a Ilha de Santa Catarina, por exemplo, ou anteriormente chamada Ilha dos Patos era utilizada como porto para aqueles navegadores, em especial relacionados à Coroa Espanhola. O viajante que pode ter sido o mais conhecido fora Cabeza de Vaca. O historiador Clovis Brighenti afirma que:

[...] Os Guarani litorâneos ou Carijós mantinham comunicação com os demais Guarani que ocupavam os atuais estados do RS, PR, SP e os países do Paraguai, Argentina, Bolívia. O registro mais emblemático desse contato foi feito pelo navegador espanhol Álvar Núñez Cabeza de Vaca que ao ser nomeado governador do Paraguai, desembarcou na ilha de Santa Catarina, em 1541, e seguiu pelo caminho do Peabiru até Assunção (PY), guiado pelos Guarani. Durante o percurso, Cabeza de Vaca registrou a fartura de alimentos que encontrava nas aldeias por onde passava sua comitiva de mais de 200 pessoas que desde o litoral até Assunção a população Guarani falava uma só língua: “Esses índios pertencem à tribo dos Guaranis; são lavradores que semeias o milho, a mandioca duas vezes por ano, criam galinhas e patos da mesma maneira que nós na Espanha, possuem muitos papagaios, ocupam uma grande extensão de terras e falam uma só língua (CABEZA DE VACA *apud* BUENO, 1999, p.157).¹¹⁰

Posteriormente, para a região da Ilha, esses registros estariam mais relacionados aos movimentos de conhecimento do território Português, e a preocupação inicial em ocupá-lo (a fim de evitar ocupação espanhola) e maior controle da região do Prata. Então, o contato com bandeirantes, no geral paulistas e caboclos¹¹¹, também gerou registros. Da mesma forma, os registros são encontrados nos documentos e relatos militares, a partir de uma colonização intencional da coroa portuguesa a fim de

¹⁰⁸ SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004, 5ª ed.

¹⁰⁹ BRIGHENTI, Clovis. Povos indígenas em Santa Catarina. In: Nótzold, A., Rosa, H. e Bringmann, S. (orgs.) *Etnohistória, História Indígena e Educação*. Ed. Palotti, Porto Alegre, RS, 2012. P.7.

¹¹⁰ BRIGHENTI, 2012, *op cit*, P.7.

¹¹¹ LOHN, Reinaldo Lindolfo. O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista. In: BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia M. F.(org.) *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis, UFSC, 2004. P.29.

guarnecer a Ilha contra inimigos. Uma colonização mais efetiva veio apenas com a tentativa de trazer as famílias açorianas para o litoral. No trecho anterior encontramos a expressão bastante comum o “Caminho do Peabiru” quando se trata de encontrar registros da presença guarani nesses relatos. O Imaginário acerca do Caminho para o Pacífico, da “Terra da Cocanha” que tantos viajantes perseguiram é fortalecida pela associação em muitos momentos realizada pelas interpretações dos relatos e teóricos com a busca pela “Terra sem Mal” pelos indígenas Guarani. Posteriormente, o caminho pelo interior de Santa Catarina com destino a Lages também fora auxiliado por meio das frentes indígenas¹¹².

Confronta-se ainda que, em grande parte da historiografia produzida para o contato aqui analisado enfatiza a presença guarani nas Missões Indígenas implantadas na região sul e novamente enfatizam sua “docilidade” e “passividade” frente à expansão colonizadora. A receptividade indígena é constantemente descrita, sendo quase não encontrados registros nos quais o confronto direto e de violência física nesses primeiros momentos. Por exemplo, Aleixo Garcia após ter sucedido à expedição pela costa brasileira e tendo alcançado o Rio da Prata, na expedição de 1515 quando partiu da Espanha e atingiu quatro meses após o Rio da Prata novamente. Teve um contato malsucedido com indígenas, foi morto e a expedição malogrou¹¹³:

[...] Os sobreviventes desta aventura regressaram para a Espanha. Ao passar pela Ilha de Santa Catarina, um de seus navios naufragou. Da tripulação deste barco, onze homens salvaram-se, juntando-se aos indígenas que habitavam a Ilha. Foram esses sobreviventes os primeiros habitantes europeus da terra catarinense. Foram eles que fizeram as primeiras incursões pelo sertão. Um deles, chamado Aleixo Garcia, ajudados pelos indígenas que habitavam a Ilha, fez uma longa incursão para o interior, acabando por atingir a região onde hoje se situa o Paraguai. Isto no ano de 1524.¹¹⁴

E muitas situações similares foram registradas:

[...] Os europeus que chegaram ao litoral de Santa Catarina entraram em contato apenas com os Carijó. Em 1549, Hans Staden passou pela Ilha de Santa Catarina, e encontrou um

¹¹² Ibidem, P.52.

¹¹³ SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004, 5ª ed. P.p.16-17.

¹¹⁴ Ibidem, P.17.

espanhol vivendo com eles. É de Staden o primeiro mapa do litoral de Santa Catarina.¹¹⁵

Clovis Brighenti traz em seus estudos que a estratégia adotada pelos Guarani com o não indígena não fora o de confronto. Auxiliaram com alimentos, caminhos e nominaram os lugares e as coisas. Foram disputados pelos escravocratas e Jesuítas nos séculos XVI e XVII. A população do litoral catarinense foi praticamente extinta, e ao perceberem que os não indígenas não eram confiáveis, optaram pelo distanciamento; se faziam invisíveis, preferiram as matas e as migrações como forma de permanecer Guarani. A partir da década de 1970, com a crescente devastação da floresta atlântica, os Guarani foram violentamente atingidos, segundo ele, aumentando as migrações e os acampamentos nas margens das rodovias.¹¹⁶

No relatório realizado para o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro na década de 1970, os arqueólogos Alroino Eble e Maria José Reis (já mencionados anteriormente) apresentam que para um segundo momento dessa colonização:

[...] Ao convívio amistoso das primeiras visitas de espanhóis e portugueses às terras do litoral sul, sucederam-se as rázias dos habitantes da povoação de São Vicente sobre as malocas indígenas, objetivando a obtenção de escravos para os empreendimentos econômicos que então se instalavam. Os espanhóis, na ânsia de afirmar seu domínio sobre a região, não deixaram também de submeter os índios aos mais variados revezes. Em 1572, Pedro Ortiz Zárate no comando de dois navios com destino a Buenos Aires praticou atrocidades horríveis contra os Carijó da aldeia de Ibiacá, narra Taunay. Segundo este mesmo autor, e com base em depoimento de Hernandarias Saavedra dado ao rei de Espanha em maio de 1609, cem mil índios viviam nas províncias de Santa Catarina, Biaça e Rio Grande.[...] Com a escravidão introduziram-se diversas doenças entre os indígenas. Explica-se assim porque nos meados do século XVII já não havia população indígena na Ilha de Santa Catarina [faz-se uma ressalva para esta afirmação] [...].¹¹⁷

¹¹⁵ Idem, P.p.25-26.

¹¹⁶ BRIGHENTI, Clovis. Povos indígenas em Santa Catarina. In: Notzold, A., Rosa, H. e Bringmann, S. (orgs.) *Etnohistória, História Indígena e Educação*. Ed. Palotti, Porto Alegre, RS, 2012. P.9.

¹¹⁷ *Parque Estadual do Tabuleiro: aspectos culturais e sociais. Volume I*. UFSC – FATMA, 1976. P.p.45-46.

Durante os séculos XVIII e XIX, os relatos dos viajantes que passaram pela Ilha de Santa Catarina, por exemplo, permaneceram semelhantes com relação à “hospitalidade” Guarani quando o contato mais direto ocorre, no entanto com menções já ao baixo número de indígenas, sendo avistados mais próximos às florestas¹¹⁸. Então, como esses processos aparecem no registro arqueológico? É possível identificá-los? Com pesquisas e controles sistemáticos de metodologias aplicadas em campo e em laboratório, muitos desses processos podem ser evidenciados materialmente no território. Para isso, necessitam-se cronologias, tecnologias e sínteses regionais bem definidas¹¹⁹, bem como a articulação de fontes, com o intuito de avançar nesse debate. Buscamos aqui iniciar tal discussão para a região litorânea central do estado.

Com relação à identificação de espaços ocupados pelos “Carijó” nos relatos de viajantes, levantou a antropóloga Maria Dorothea Post Darella¹²⁰:

O ‘Mapa Etno-histórico do Brasil e Regiões Adjacentes’, de Nimuendaju (IBGE, 1987), identifica a ocupação costeira dos Carijó entre o Rio Grande do Sul e São Paulo no século XVI. Da estada de Sebastião Caboto, na década de 1520, foram citadas as aldeias Riberacô, Tiguá, Tameubre, Trinoga e Abeçapecaú na Ilha de Santa Catarina (Boiteux, 1912:119). Duas décadas após, o viajante alemão Hans Staden anotou que os índios Guarani estavam abandonando a Ilha, assim como a área continental, onde se situava a aldeia Acutia. Ambas, Ilha e aldeia foram por ele desenhadas quando dessa estada, (...).¹²¹

Valendo-se, também, de Boiteux (1912), a arqueóloga Teresa Fossari¹²² refere-se à mesma passagem para identificar a localização das aldeias citadas pelos viajantes com a localização dos sítios arqueológicos com ocupação guarani conhecidos

¹¹⁸ BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 4. ed. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1996.

¹¹⁹ DIAS, Adriana. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. MAE/USP, São Paulo, 2003.

¹²⁰ DARELLA, Maria Dorothea Post. *Ore Roipota Yvi Porã – Nós queremos terra boa*. Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina – Brasil. (Tese de Doutorado) PUC-SP: São Paulo, 2004.

¹²¹ DARELLA, 2004, *op cit*, P.131.

¹²² FOSSARI, Teresa Domitila. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2004.

hoje (o que, de fato, tem relação) – regiões nordeste, leste e sul da Ilha de Florianópolis no geral. O arqueólogo Inácio Schmitz ainda faz tal referência no ano de 1959¹²³:

Os Guarani pré-coloniais instalaram seus assentamentos nas proximidades da Lagoa da Conceição, Praia dos Ingleses, Rio Tavares, Pântano do Sul, Ribeirão e outras localidades. Na época dos primeiros contatos esta população estaria distribuída, segundo Boiteux (1912)⁴⁸ [apoiando-se em carta de Luiz Ramirez, cronista da expedição de Sebastião Caboto que aportou na Ilha no século XVI], em umas cinco aldeias denominadas de Riberaco, Tigua, Tameubre, Trinoga e Aboçapecau.¹²⁴

Assim, ao mencionar a presença guarani no litoral, também é falado sobre sua saída e gradativa incursão ao interior, devido à presença europeia cada vez maior na região. Alguns dizem, inclusive, que no século XVIII não existia mais indígenas na Ilha. Podemos, pois, confrontar essas informações com aquelas produzidas a partir da pesquisa do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (adiante).

Sobre a Ilha de Santa Catarina, Taunay (apud Pereira, 1939) explicitou que em 1576 nela não havia mais índios porque se retiraram para Viasa (Laguna), fugindo de maus tratos. O cônego Gay menciona uma obra escrita em 1612 segundo a qual a Ilha ‘Era povoada por guaranis, mas agora está abandonada, porque os naturaes passaram-se para o continente’ (Boiteux, 1912:46).

Informações de que não havia mais ocupação guarani na Ilha de Santa Catarina no século XVII, quando do estabelecimento de Francisco Dias Velho e seu propósito de povoação, são comuns e se apóiam em documentos como o apresentado por Pauli (1987:59 apud Fossari, 2004:151): ‘A ausência de índio, que já vinha desaparecendo da costa catarinense desde tempos anteriores a 1600, facultava a ocupação relativamente pacífica das terras, sobretudo das ilhas. Uma carta enviada pelo espanhol Juan Ortiz de Zarate, em 29 de março de 1576, revela que o despovoamento indígena começara pela Ilha de Santa Catarina. Em 1635 o missionário Inácio Sequeira declara a Ilha totalmente deserta.’.

Independentemente de exatidão ou aproximação informativa ou cronológica, é possível que a Ilha de Santa Catarina tenha sido a

¹²³ SCHMITZ, Pedro I. A cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina. *In: Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, N.3, 1959. P.p.267-324.

¹²⁴ FOSSARI, 2004, *op cit.* P.86.

primeira área costeira da qual os Guarani se afastaram em razão da colonização.¹²⁵

Ainda, sobre a dinâmica entre europeus e indígenas no litoral central e a fragmentação cultural advinda da “conquista” europeia:

Cabral (1987) menciona várias expedições que aportaram ou naufragaram na costa catarinense nos séculos XVI e XVII, período no qual ocorreram diversificados contatos com os Carijó/Guarani. Embora haja relatos de alianças sociais e políticas entre europeus e índios Guarani, hostilidade e crueldade foram as marcas que inscreveram a história do contato, intensificando-se com o passar do tempo o tráfico de nativos como escravos, ação rechaçada pelos jesuítas. Mosimann (2002) e Noelli (2004), fundamentados nos registros do século XVI, acentuam a importância do vale do rio Massiambu (parte continental frontal ao sul da Ilha de Santa Catarina) para os Guarani em razão da economia, baseada na agricultura e na pesca. A desembocadura do rio Massiambu (R. Macembú na Figura 35) denominava-se Porto dos Patos, importante atracadouro da época e a partir de onde se efetivaram contatos entre viajantes e os Guarani (Mosimann, 2002:101).¹²⁶

Na região continental de que fala Cabral na passagem anterior, Massiambu, há muitos sítios arqueológicos identificados, conforme dito no item anterior (baseado em trabalho de Eble & Reis)¹²⁷, bem como próximos à região do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro são identificadas atualmente dois territórios indígenas guarani (a T.I. Morro dos Cavalos, a T.I. Massiambu e a T.I. Cambirela). Assim, tal trabalho deve ser retomado com o intuito de definir cronologias dessa ocupação para a região e verificar sua dispersão no território. De qualquer forma, conforme Darella destaca em Ladeira:

Acentua Ladeira (1992:58): A literatura etnográfica e histórica, farta no século XVI com relação aos índios da costa Atlântica, menos de um século após a conquista, contribui com seu silêncio sobre os povos remanescentes do litoral, para a divulgação da seguinte crença: todos os índios da costa brasileira teriam desaparecido – dizimados, misturados à população branca ou refugiado-se para o interior. Assim teria se

¹²⁵ DARELLLA, 2004, *op cit.* P.131.

¹²⁶ DARELLLA, 2004, *op cit.* P.131.

¹²⁷ EBLE, Alroino B; REIS, Maria José. Patrimônio Pré-histórico. *In: Parque da Serra do Tabuleiro – Aspectos culturais e sociais. Volume I.* Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC – FATMA, 1976. P.p.08-44.

garantido a posse do território costeiro à nova sociedade dominante.¹²⁸

Na contramão dessa forma de discurso exemplificada, e por uma história indígena de longa duração, faz-se necessário revisões, articulações em movimento através da interdisciplinaridade com o intuito de alcançar melhores níveis de esclarecimento acerca de tal história ou histórias.

¹²⁸ DARELLA, 2004, *op cit*, P.134.

Capítulo 3:

O sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (sigla TRV)

Propõe-se aqui um estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV), localizado no município de Florianópolis (SC), inserido no contexto de ocupação Guarani na região litorânea central do estado. A Arqueologia vem provocar outros questionamentos com relação a essa história de longa duração, pois uma vez que trabalha com a cultura material, permite que com um estudo regional bem determinado possa delimitar melhor o período anterior ao contato europeu, sem se limitar ao relato etnográfico (que por si só já compreende muitas problematizações). Então, este capítulo irá empreender algumas considerações sobre o sítio arqueológico TRV, o registro sistêmico (Schiffer, 1972)¹²⁹ de parte do território Guarani na região no passado, provenientes de temática pesquisada e iniciada em projeto de iniciação científica, além de como esse sítio cerâmico foi associado à ocupação Guarani no litoral.

3.1. Localização.

O sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho foi alvo de pesquisas pelo Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia (LEIA/UFSC) entre os anos de 2013 e 2014. Foi identificado por morador o qual encontrou fragmentos cerâmicos (em terreno ao lado do seu, após supressão vegetal da área, composta pela introdução de *Pinus elliottii*, e após chuvas fortes nos meses que antecederam), e levou a conhecimento do Museu de Arqueologia e Etnologia Professor Oswaldo Rodrigues Cabral (MARQUE/UFSC). Esse sítio arqueológico foi, então, identificado, delimitado e pesquisado pela equipe do LEIA, inserido em Projeto deste: *Florianópolis Arqueológica*, em parceria com a Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em Santa Catarina (IPHAN/SC)¹³⁰.

¹²⁹ SCHIFFER, Michael B. Archaeological Context and Systemic Context. *In: American Antiquity*. V.37, N.2, 1972.

¹³⁰ *Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial*, Portaria N.37 de 19 de agosto de 2013. Processo 01510.001749/2013-18. Atividades de Intervenção no sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho. Etapa 1, novembro/2013 a março/2014. Projeto financiado pelo CNPQ (Processo 406314/2012-8) e pelo

Está localizado na localidade do bairro Rio Vermelho (ou São João do Rio Vermelho) (coordenadas 22J 756372 6957075 WGS 84), na região nordeste da Ilha de Santa Catarina, próximo ao Parque Estadual do Rio Vermelho. Encontra-se:

“(…) assentado sobre Depósito eólico do Pleistoceno Superior (Horn Filho e Livi, no prelo). Esta área corresponde a uma colina de vertente suave, encaixada entre cordão de dunas atuais que se estende desde a barra da Lagoa até os Ingleses e a serra que corta a ilha de norte a sul. Próximo ao sítio localiza-se a nascente do Rio Vermelho, que corre em direção à Lagoa da Conceição”¹³¹



Figura 1: Localização do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho em relação à Ilha. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* Mapa 1.

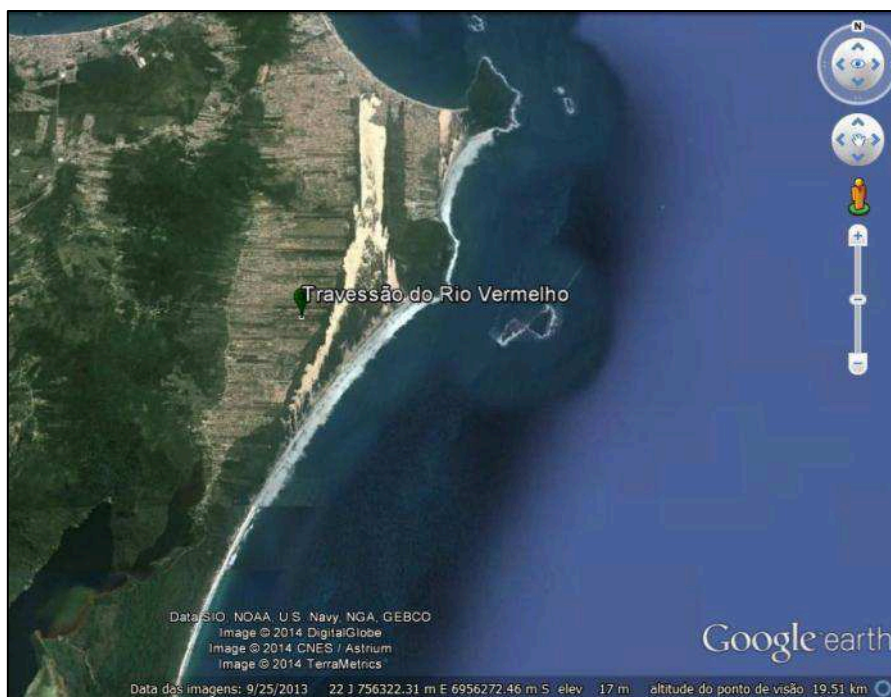


Figura 2: Sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho em relação à compartimentação topográfica (Dunas, serra, Lagoa da Conceição e nascente do Rio Vermelho). Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* Mapa 2.

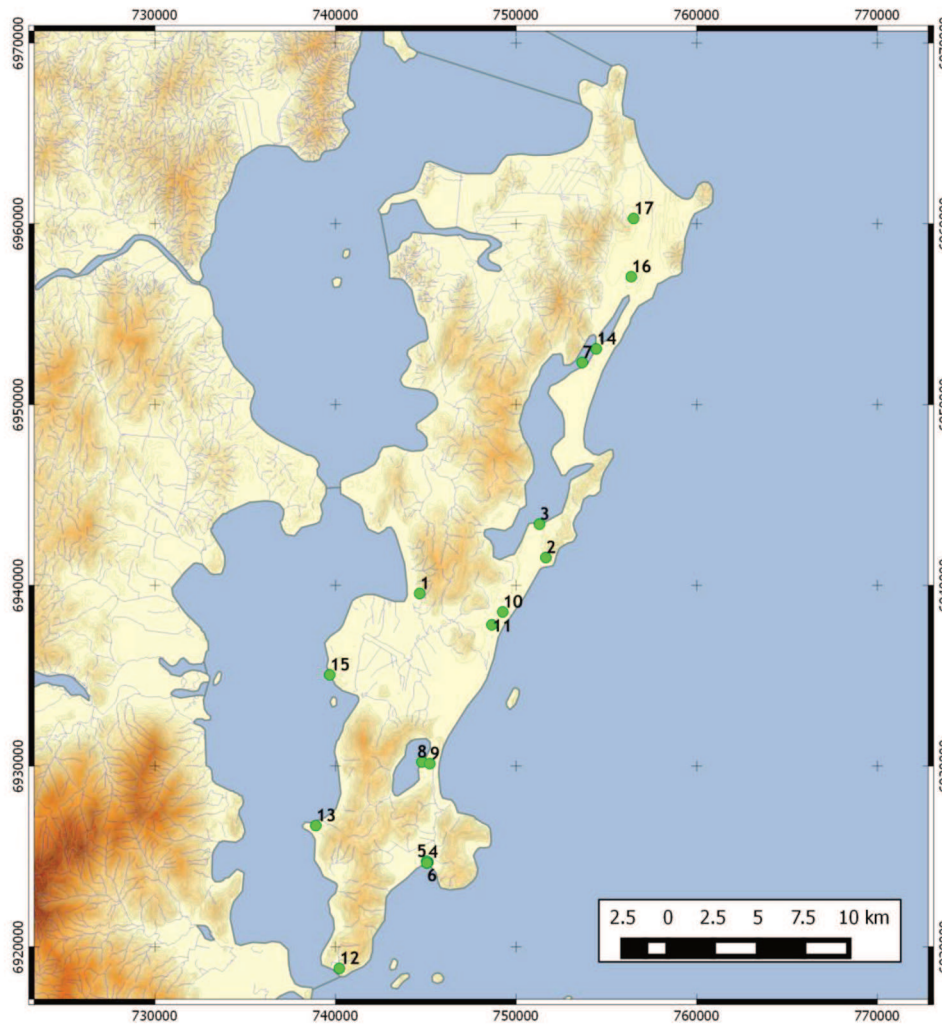
Observa-se que essa escolha de implantação do sítio arqueológico é bastante similar àquelas dos demais sítios arqueológicos de ocupação Guarani na Ilha: no geral, em regiões planas e próximas de fontes de água potável, conforme também bibliografia sobre o tema¹³². Sobre isso, Milheira, ao trabalhar o contexto do litoral sul do estado de Santa Catarina, propõe que a ocupação desse litoral sul tenha sido favorecida pela chamada “pequena Idade do Gelo” – entre os séculos XIII e XVI (cujos efeitos tenham sido sentidos até o XIX). Por causa das temperaturas mais altas, o litoral deve ter atraído essas populações, também devido ao avanço da mata atlântica e abundância da pesca¹³³. Isso tudo, relacionado à percepção também evidenciada no registro arqueológico da busca de expansão no sentido dos grandes volumes de água.

¹³² Foram encontrados vestígios cerâmicos ao longo da história da Arqueologia Brasileira relacionados à “subtradição Corrugada” no sul brasileiro principalmente no litoral e bacia dos grandes rios, conforme Dione da Rocha Bandeira relembra a partir de bibliografia do tema. Atualmente, sabe-se que não somente essas regiões eram ocupadas pelas populações Guarani, mas todo um território fazia parte da dinâmica dessa ocupação (incluindo distintos ecossistemas). No entanto, sabe-se que para a implantação de aldeias e roças ainda eram preferíveis áreas planas. Junto a isso se compreende que não somente vestígios cerâmicos estão associados à ocupação Guarani, bem como a cultura material cerâmica apresenta variedades decorativas (compreendendo esses povos enquanto prescritivos).

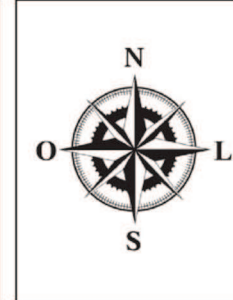
¹³³ MILHEIRA, Rafael Guedes. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. São Paulo: USP, 2010. P.177.

Além disso, a região identificada atualmente com registros arqueológicos de ocupação Guarani (conforme visto no capítulo anterior a partir do registro dos sítios e proveniência das coleções salvaguardadas em museus) predomina no nordeste, leste e sul da Ilha:

Mapa dos Sítios Guarani na Ilha de Santa Catarina



PROJEÇÃO UTM
Escala 1:300.000
Fuso 22J
Datum horizontal: WGS84



Legenda

- Sítios Guarani
- Cursos de água

Altitude

- 0 a 150m
- 150 a 300m
- 300 a 450m
- 450 a 600m
- 600 a 750m
- 750 a 900m
- 900 a 1050m
- 1050 a 1200m
- 1200 a 1350m

Numero	Nome
1	Costeira do Pirajubae
2	Dunas da Joaquina
3	Dunas da Lagoa VI
4	Dunas do Pantano do Sul I
5	Dunas do Pantano do Sul II
6	Dunas do Pantano do Sul V
7	Estacao Florestal IV
8	Lagoa do Peri I
9	Lagoa do Peri II
10	Lagoinha do Rio Tavares
11	Lagoinha do Rio Tavares II
12	Nafragados II
13	Ponta da Caiacanga-Acu I
14	Porto do Rio Vermelho I
15	Tapera
16	Travessao do Rio Vermelho
17	Valda I

Mapa elaborado a partir dos dados compilados no projeto Florianópolis Arqueológica (2014); Mapoteca Topográfica Digital de Santa Catarina Epagri/IBGE (2004); Base de dados IBGE (2015).
Elaborado por Lucas Bond Reis, em dezembro de 2015.

Mapa 3: Sítios arqueológicos cerâmicos de ocupação Guarani na Ilha de Santa Catarina. Com dados adaptados de: BUENO, L., BOND, L., MENDES, R., OPPITZ, G., PEREIRA, T., BATISTA, J., BEE, B. *Florianópolis Arqueológica. Relatório Final*, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 120p. Por: Lucas Bond Reis em novembro de 2015.

A área total do sítio não foi delimitada, cabendo a futuras pesquisas adotarem metodologias para tal. Inicialmente foi realizada a visualização e caminhamento pelas áreas, identificando fragmentos cerâmicos em superfície. Ao longo de toda a área delimitada na imagem seguinte foram visualizados fragmentos em superfície. O espaço pesquisado, então, encontra-se subdividido em três lotes de 20X50 metros. No entanto, para o detalhamento da dispersão dos vestígios, faz-se necessário outras intervenções em sub-superfície.

(...) Além destes terrenos o sítio se estende para norte e sul em áreas de plantação de pinus. A área a norte é de propriedade de uma madeireira. A área a sul inclui a rua que dá acesso aos lotes nos quais se concentra o material arqueológico e ainda uma área coberta por vegetação mais densa que não foi alvo de intervenções, havendo a possibilidade de que o material arqueológico se estenda ainda nesta direção.

A área do sítio ocupada por esses três lotes apresenta predominância de cobertura vegetal de pequeno porte, composta principalmente por gramíneas.¹³⁴

¹³⁴ Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit*, P.5.



Figura 3: Imagem de satélite com indicação dos três lotes, da rua e da área da madeiraira. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* Mapa 3.

Importante destacar que, posteriormente, nessa localidade do Rio Vermelho foram identificados fragmentos cerâmicos de Tradição Tupiguarani ao longo de suas ruas e travessas. Por ser um bairro cuja urbanização é relativamente tardia, se comparado aos demais bairros da Ilha, muitos moradores conhecem tais vestígios e certamente se deparam com eles em suas casas ou próximos a elas. A superintendência do IPHAN em Santa Catarina foi informada de tais evidências. A pesquisa precisa ser ampliada para que essa região possa ser analisada em conjunto.

Sobre isso, elencamos o impacto humano sobre o patrimônio arqueológico em meio urbano e mesmo rural (por causa do avanço da agricultura, no geral). Ao passo em que o crescimento urbano de certa forma contribui para a identificação de mais sítios pré-coloniais, as comunidades da região, que na maior parte desconhecem o valor de tal patrimônio, e mesmo a especulação imobiliária por grandes grupos em Florianópolis têm destruído sítios arqueológicos antes mesmo que possam ser identificados. Isso porque o trabalho de conscientização acerca do patrimônio arqueológico ainda não tem alcance amplo – apesar de iniciativas isoladas-, e de a fiscalização e intervenções do IPHAN – exigindo pesquisas arqueológicas em terrenos- não ser suficiente. Santa Catarina é o segundo estado com maior número de emissão de portarias no Brasil, seguido de São Paulo, e esse órgão carece de profissionais da área de Arqueologia para realizar suas avaliações e fiscalizações, e é necessário que as resoluções e portarias que

regem as ações a serem realizadas em impacto ambiental sejam padronizadas, ou mesmo, aplicadas de forma mais rígida. Além disso, diante de todos os trabalhos em Arqueologia, o projeto de Educação Patrimonial deve estar previsto para todas as etapas da pesquisa – e não apenas para o fim dela, como uma divulgação. Deve-se cada vez mais realizar pesquisas arqueológicas que envolvam um projeto de Arqueologia Pública; só então, a Educação Patrimonial de forma satisfatória poderá ser empreendida.

3.2. Atividades de Campo.

Com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a pesquisa em campo foi empreendida entre os meses de novembro de 2013 e março de 2014. Embora a área esteja localizada em região com recente urbanização, a mesma já sofreu de diferentes formas intervenções como: supressão vegetal, construção de fundações e muros. Até o mês de março de 2014, a equipe trabalhou de forma sistemática, mas com intensidade variada entre os três lotes. Foram realizadas atividades nos setores A e B (correspondentes a dois desses lotes). Após vistoria arqueológica da área para a caracterização preliminar do sítio, foram iniciadas as atividades sistemáticas no mês de novembro de 2013.

Cada setor, A e B, foi subdividido em quadrantes de 5m² cada para que as coletas de superfície fossem realizadas. Mereceu destaque a disparidade entre o total de vestígios coletados nos dois setores: 456 fragmentos no setor A, e 67 no setor B. Somado a isso, foi verificado que do setor A, 432 fragmentos cerâmicos haviam sido retirados por moradores anteriormente à identificação do sítio arqueológico pela equipe. Isso foi alvo de reflexão pela equipe durante a pesquisa, se representaria uma diferença de amostragem realizada no sítio, ou na própria concentração dos vestígios no registro sistêmico, ou mesmo se seria resultante de fatores pós-depositivos¹³⁵. Observa-se no gráfico a seguir, comparação da concentração de vestígios em superfície entre A e B. Essas áreas foram subdivididas em quadrantes de 5 m² para se identificar a proveniência dos vestígios coletados em superfície. As áreas de escavação foram abertas em decorrência dos locais de maior concentração de vestígios no lote:

¹³⁵ Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* P.p.6, 7.

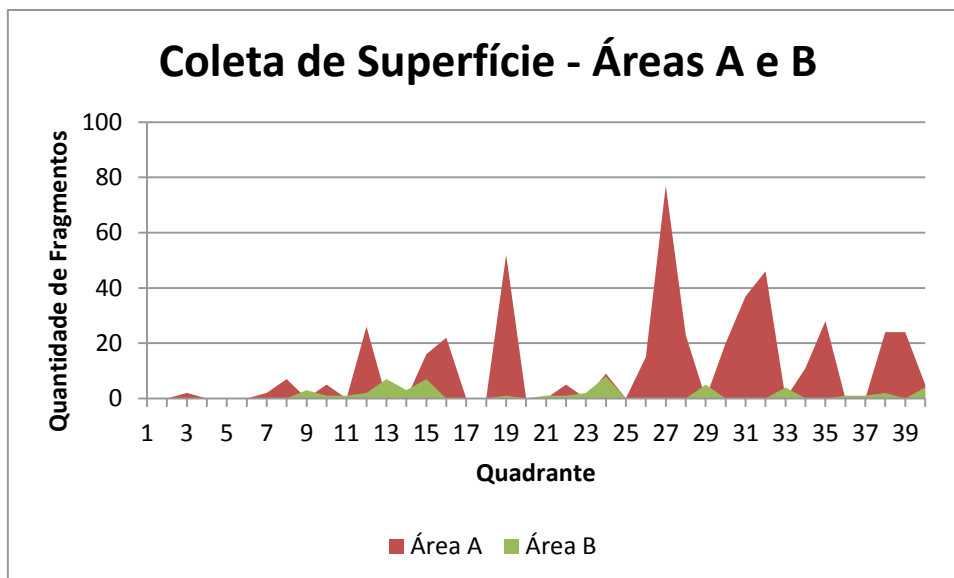


Gráfico 2: Concentração dos vestígios cerâmicos nas superfícies das áreas A e B. Elaborado a partir de informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.*

Foram abertas unidades de escavação, sondagens e tradagens no setor B (seguindo a distribuição dos vestígios em superfície), totalizando 30 unidades de escavação divididas em três áreas: B1, B2 e B3, sendo que em B1 essas unidades configuraram-se em área ampla de escavação. A escavação foi realizada por meio de níveis artificiais de 10 centímetros. As unidades de escavação tinham 1 m² cada uma, enquanto as sondagens, 50 X 50 cm cada. A escolha em dedicar maior trabalho nessa região deveu-se a maior concentração de vestígios em superfície. Dela foram retirados vestígios cerâmicos, carvão e malacológicos:

(...) A cerâmica identificada na escavação desta área apareceu tanto como fragmentos dispersos na área escavada, quanto em concentrações de fragmentos, cujas características de forma e decoração indicam tratar-se em alguns casos de fragmentos de um mesmo vasilhame que poderá ser remontado. O carvão também apareceu disperso em várias unidades de escavação, mas um aspecto bastante recorrente na escavação deste sítio foi a presença de estruturas de combustão, marcadas por alteração na coloração do sedimento e pela presença de grandes concentrações de carvão, neste caso. Estas estruturas correspondem também ao local nos quais identificamos e coletamos a maior quantidade de material malacológico (...).

(...) Com relação à distribuição vertical dos vestígios, ou seja, sua distribuição em estratigrafia, há uma concentração de vestígios entre os níveis 1, 2 e 3, mas preferencialmente no nível

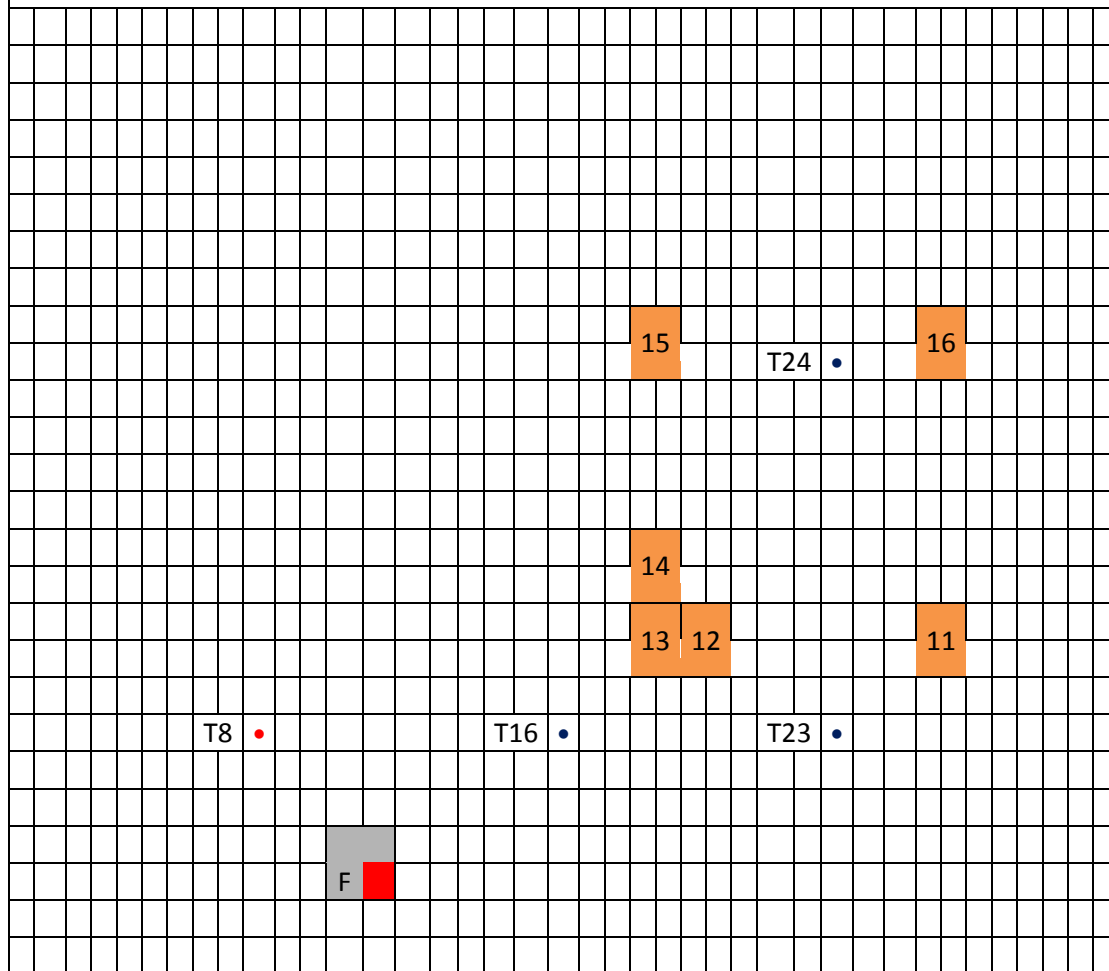
2. Esses três níveis correspondem a uma profundidade que varia de 5 a 30 cm em relação à superfície. Na maioria das áreas escavadas o nível 4 ou 5 representa a camada estéril do sítio arqueológico, como pode ser visto na figura 8.

A fim de compreender melhor a distribuição espacial horizontal desses vestígios abrimos uma superfície ampla de escavação na área B1. Como mencionamos foram escavados 20m². A profundidade média da escavação foi de 30cm, com algumas sondagens atingindo 60cm de profundidade. Essa estratégia foi definida com base nas informações obtidas durante a escavação, de que trata-se, neste caso, de um sítio raso, o que foi confirmado com a distribuição estratigráfica dos vestígios apresentada na figura 8.¹³⁶

¹³⁶ Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* P.p.7, 8.

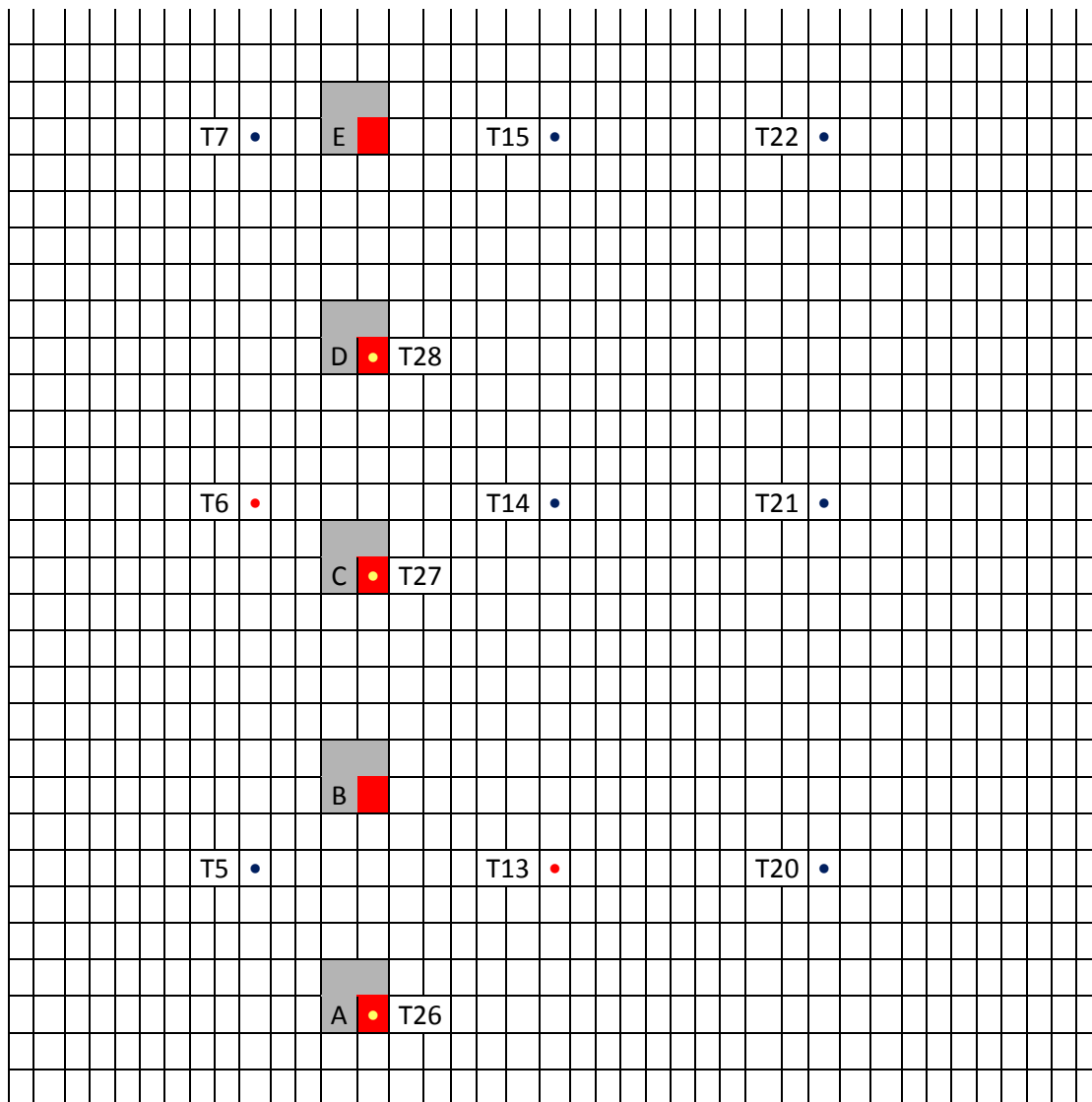
Florianópolis Arqueológica - Travessão do Rio Vermelho

Croqui Geral das Intervenções na Área B



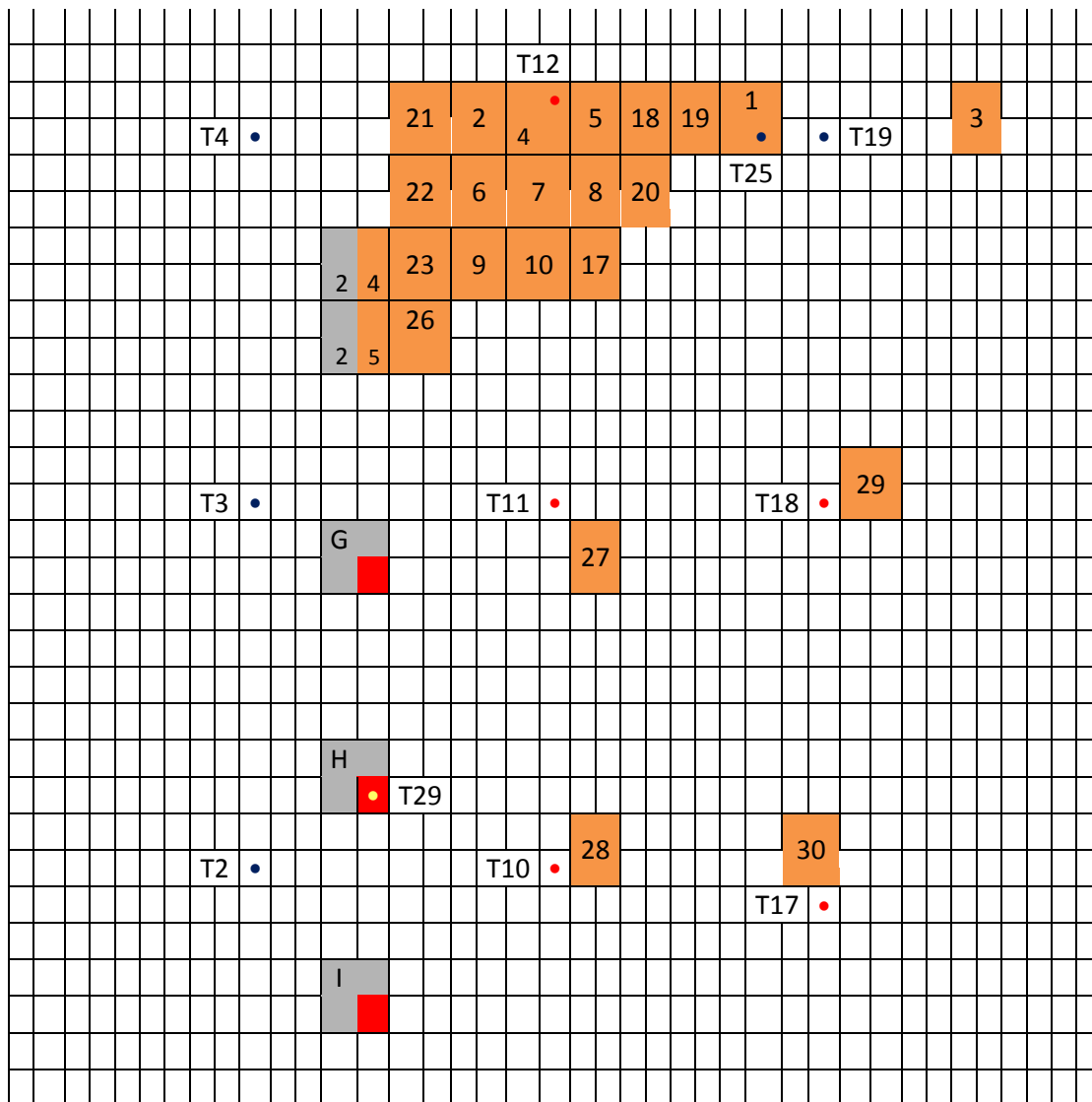
Unidades de escavação			
Área B2			
11	N141W123	14	N142W128
12	N141W127	15	N145W128
13	N141W128	16	N145W123

Sondagens			
A	N123W133	F	N138W133
B	N126W133	G	N114W133
C	N129W133	H	N111W133
D	N132W133	I	N108W133
E	N135W133	J	N105W133



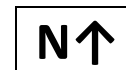
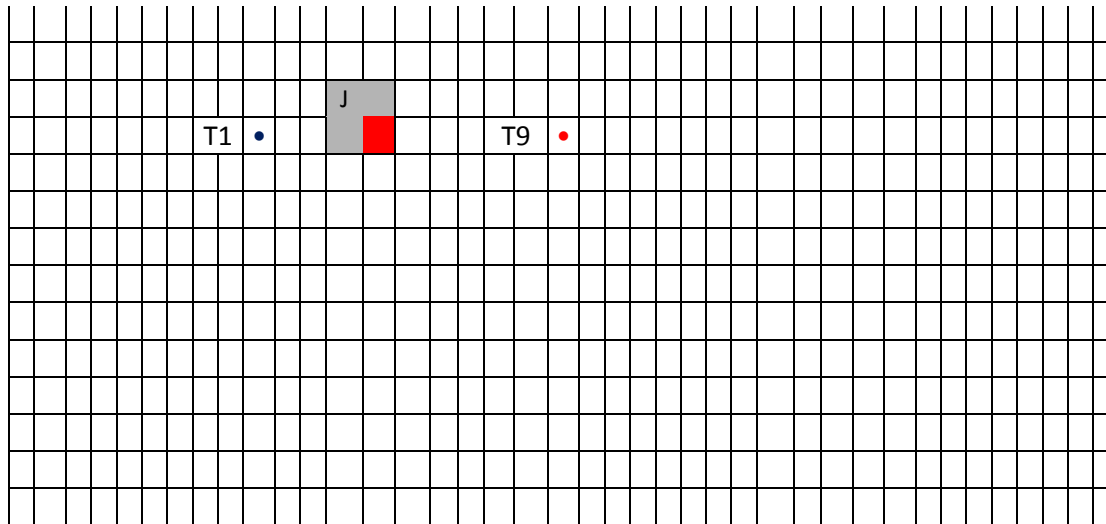
Tradagens			
T1	N105W135	T16	N140W130
T2	N110W135	T17	N110W125
T3	N115W135	T18	N115W125
T4	N120W135	T19	N120W125
T5	N125W135	T20	N125W125
T6	N130W135	T21	N130W125
T7	N135W135	T22	N135W125
T8	N140W135	T23	N140W125
T9	N105W130	T24	N145W125
T10	N110W130	T25	N120W126
T11	N115W130	T26	N123W133
T12	N120W130	T27	N129W133
T13	N125W130	T28	N132W133
T14	N130W130	T29	N111W133
T15	N135W130		

Unidades de escavação			
Área B1			
1	N120W126	17	N118W129



2	N120W131	18	N120W128
3	N120W122	19	N120W127
4	N120W130	20	N119W128
5	N120W129	21	N120W132
6	N119W131	22	N119W132
7	N119W130	23	N118W132
8	N119W129	24	N118W133
9	N118W131	25	N117W133
10	N118W130	26	N117W132

Unidades de escavação			
Área B3			
27	N114W129	29	N115W124
28	N110W129	30	N110W125



- Unidade de escavação
 Sondagem
- Tradagem com material
 Tradagem realizada na base da sondagem
- Tradagem sem material
 Tradagem (com material) realizada antes da escavação
- Tradagem realizada na base da unidade de escavação
- Área não escavada

1m
 1m

Figura 4: Croqui Geral de Intervenções na Área B¹³⁷. Por: Lucas Bond Reis.

Assim, foram evidenciadas três estruturas de combustão, conforme imagens a seguir, e um piso de ocupação do sítio, que de acordo com o excerto do Relatório acima, foi identificado nas primeiras camadas (níveis 1 a 3, em maioria no nível 2). Trata-se, pois, de um sítio arqueológico unicomponencial, de um contexto singular para a região de pesquisa e sul brasileiros. Ainda, a maior concentração dos vestígios estava na chamada área B1. Além de fragmentos cerâmicos dispersos, uma base de pote cerâmico encontrava-se fragmentado *in situ*, cujas análises cerâmicas poderão indicar maiores possibilidades de interpretação para o sítio arqueológico, dentre elas, a análise tecnológica, funcional e físico-químicas.



Figura 5: Estrutura de combustão sendo coletada para análises em laboratório. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* P.6.

¹³⁷ Croqui Geral de Intervenções na Área B. In: *Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial*, Portaria N.37 de 19 de agosto de 2013. Processo 01510.001749/2013-18. Atividades de Intervenção no sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho. Etapa 1, novembro/2013 a março/20014. Projeto financiado pelo CNPQ (Processo 406314/2012-8) e pelo IPHAN (termo de cooperação técnica IPHAN-UFSC). / Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia, Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.



Figura 6: Estrutura de combustão evidenciada durante escavação. Observa-se que se trata de sítio raso.
Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* P.6.



Figura 7: Ampla área de escavação em B1 durante escavação. Nota-se a quantidade de vestígios cerâmicos evidenciados no nível número 2. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* P.7.



Figura 8: Base de pote cerâmico fragmentado *in situ*. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit*, P.7.



Figura 9: Área ampla de escavação B1. Fonte: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit*. P.8.

Sobre as estruturas de combustão e possível identificação dessa área de atividade inserido em aldeia Guarani, o trabalho de Francisco Noelli destaca:

Espacialmente, as estruturas de combustão nos sítios Guarani têm 3 localizações distintas bem definidas: a) dentro da estrutura de habitação; b) fora da estrutura de habitação; c) fora da estrutura de habitação, a longa distância; d) dentro das estruturas anexas. [...]

São sempre encontrados nestas estruturas terra queimada, cinzas, fragmentos de carvão, fragmentos de cerâmica, lítico, ósseo humano e animal, vegetais, etc, podem aparecer em quantidades variáveis, ocasionalmente. (...) Quanto a sua forma sobre o solo, as áreas de combustão podem ser circulares e/ou ovaladas com diâmetros de até 2 metros. Quanto ao perfil vertical, as áreas de combustão podem ser ‘rasas’ (camada horizontal de até 10cm de profundidade) ou com ‘depressão côncava’ (aparentemente escavada, com profundidade de até 60cm por CHMYZ, 1983:75). Com falta de pesquisas específicas, fica-se, ainda, sem uma definição concreta quanto as suas funções (ver tipos de fogueira em São Paulo In: PALLESTRINI, 1975:102 e no Paraná Cf. CHMYZ, obras citadas neste item).¹³⁸

2.6. Estruturas anexas: Seriam os locais multi-funcionais, cobertos ou não, utilizados para processar alimentos, cozinhas, depositar gêneros, instalar o tipiti, produzir objetos diversos, lazer, etc.

Arqueologicamente poderiam ser reconhecidos como oficinas de lascamento lítico, locais de cocção de vasilhas cerâmicas, ocasionalmente contendo estruturas de combustão, marcas de peças de madeira de teares, moquéns, estantes, etc. O lugar de ralar mandioca poderia ser reconhecido através da deposição de lascas utilizadas nos raladores, como foi escavado em ilhas da América Central (STURTEVANT, 1969) ou em outros locais (DE BOER, 1975). Mas, esbarramos novamente na inexistência de informações arqueológicas.¹³⁹

Observamos no TRV as estruturas de combustão apresentando conchas em grande quantidade e fragmentos cerâmicos próximos, e relativamente próximas umas às outras com menos de 6 metros de distância entre as mesmas. Entre as mesmas – que possuíam de 30 a 40 cm de diâmetro aproximadamente -, quantidades consideráveis de

¹³⁸ NOELLI, Francisco S. *Sem Tekhoá não há Tekó* (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS). Dissertação, PUC/RS, Porto Alegre, 1993. P.p.97-98.

¹³⁹ *Ibidem*, P.100.

fragmentos cerâmicos e a base de pote fragmentada *in situ* (imagens anteriores). É sugerido, já no Relatório gerado pela pesquisa, que essa pode indicar uma estrutura de habitação. No geral, encontra-se a denominada “mancha preta” nesses locais, mas esta não foi definida em sua extensão total. Compreendendo o processo de formação do sítio e a distribuição dos vestígios em superfície, sabe-se que há concentrações diferentes dos mesmos ao longo de toda a área pesquisada nesse primeiro momento, o que nos leva a acreditar que se trata de diferentes áreas de atividade dentro de uma “aldeia”. Há uma área relativamente grande já pesquisada, o que não impede que essas discussões possam se aprofundar com uma possível ampliação das áreas de escavação.

Sendo assim, com base nos dados obtidos até o momento nossa hipótese é de que este sítio representa uma aldeia Guarani de porte médio (em termos comparativos com dados para o litoral central de Sta Catarina) onde as áreas B1 e B3 representam uma “área residencial” ou “fundo de cabana”, ocupado por grupos de famílias, onde atividades cotidianas são realizadas. A área B2 representa uma área de atividade específica e o espaço definida entre ambas (B1/B3 e B2) seria uma área de circulação.¹⁴⁰

Importante destacar que ao longo da área escavada, foram identificadas as chamadas “manchas pretas/escuras”, podendo ser similares àquelas presentes na literatura arqueológica¹⁴¹ para muitos sítios arqueológicos com ocupação Guarani – e muitas vezes interpretadas como “fundos de cabanas”. Observamos a coloração do sedimento variar conforme gráficos apresentados no item a seguir.

¹⁴⁰ Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.* P.p.13.

¹⁴¹ Segundo Noelli (1993), as “manchas pretas”, expressão tradicionalmente utilizada na bibliografia para denominar as estruturas dos sítios Guarani, são resultantes da coloração do carbono residual do material orgânico decomposto das madeiras, fibras e palhas que constituíam as construções e os objetos perecíveis em geral.

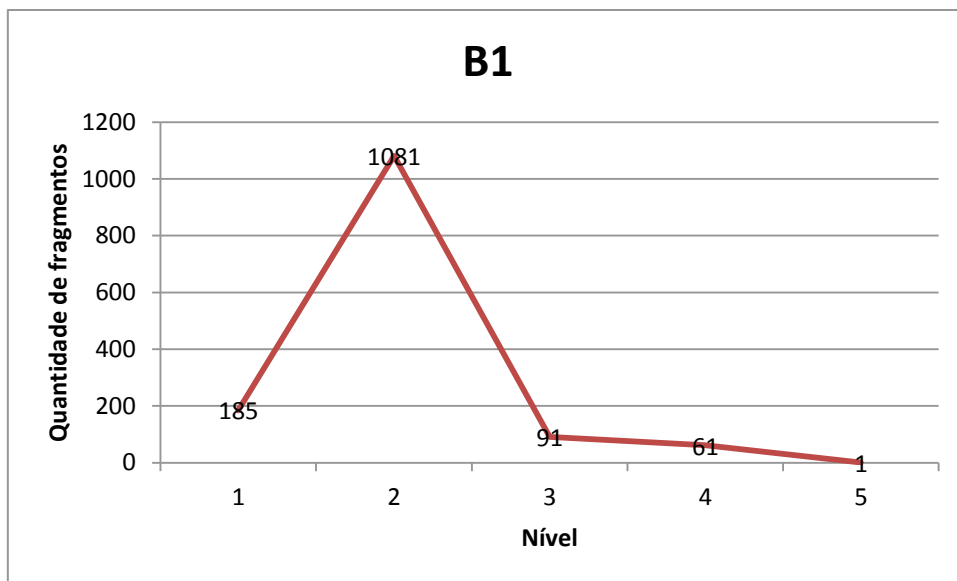


Gráfico 3: Concentração de vestígios cerâmicos por nível estratigráfico na área de escavação B1. Elaborado a partir das informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.*

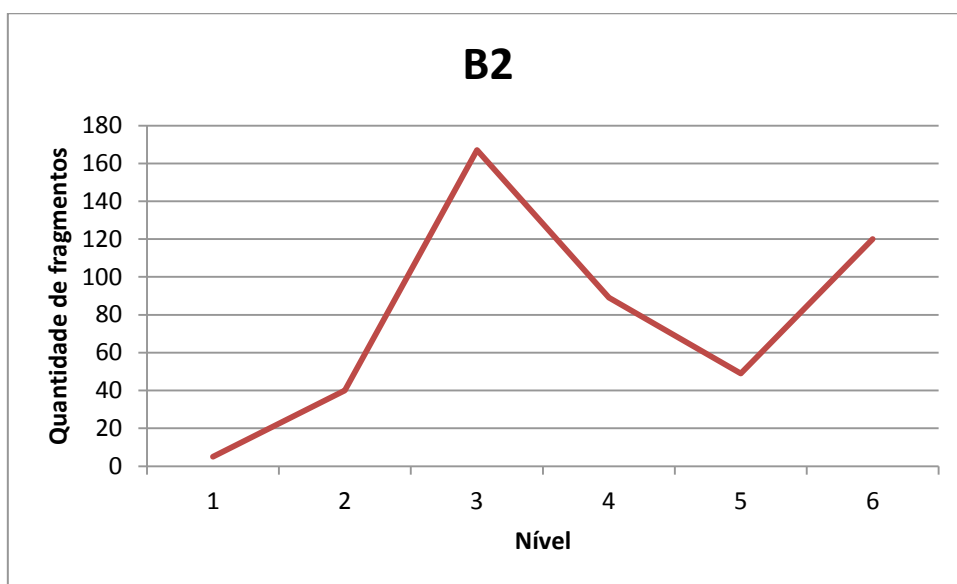


Gráfico 4: Concentração de vestígios cerâmicos por nível estratigráfico na área de escavação B2. Elaborado a partir das informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.*

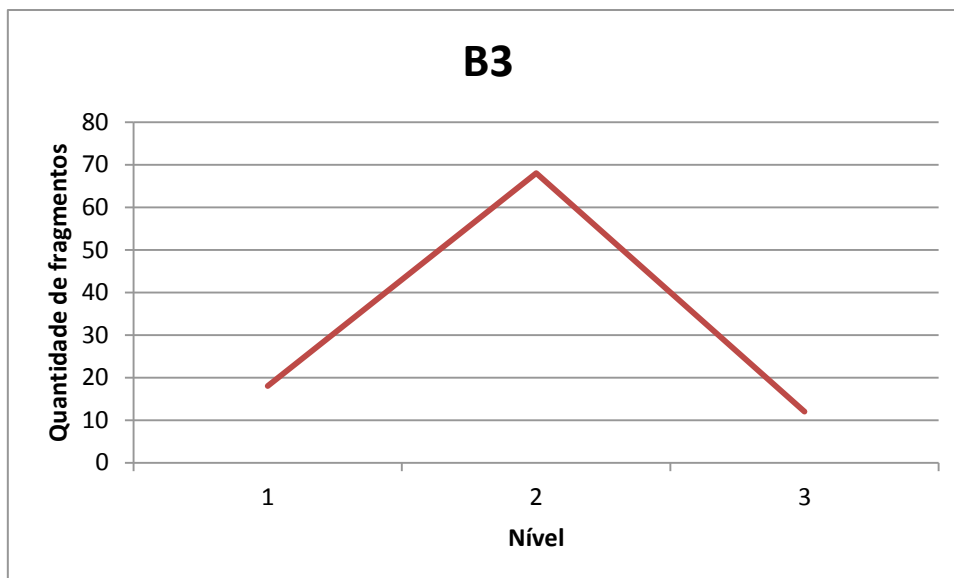


Gráfico 5: Concentração de vestígios cerâmicos por nível estratigráfico na área de escavação B3. Elaborado a partir das informações contidas em: Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, 2014, *op cit.*

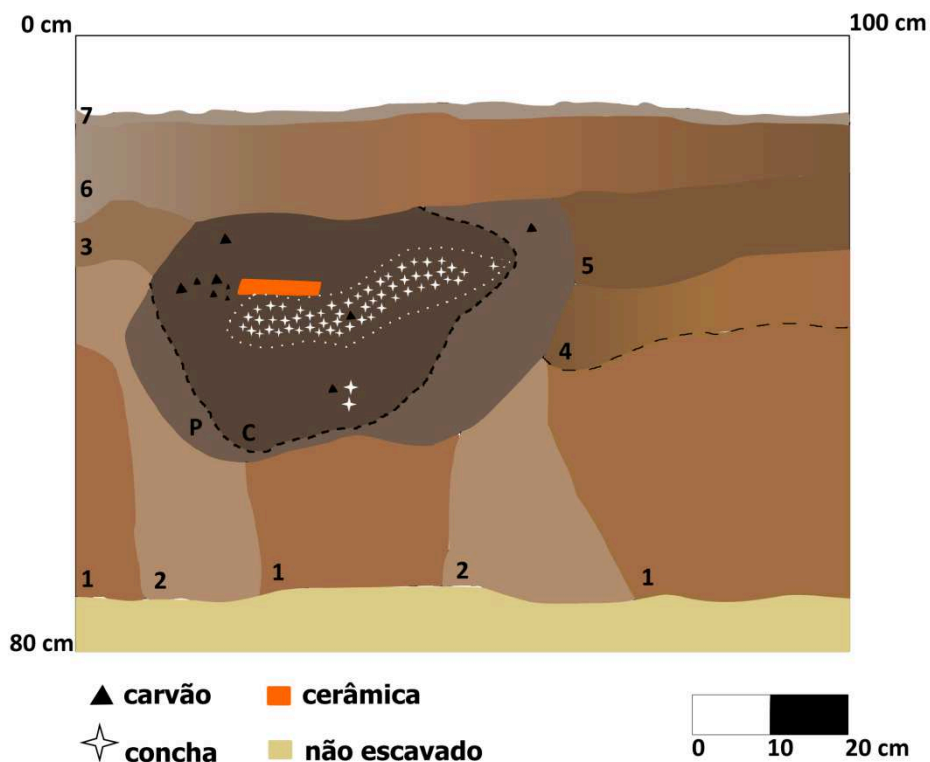
De acordo com os gráficos apresentados anteriormente, a maior parte dos vestígios retirados das áreas B1, B2, B3 provêm dos segundo e terceiro níveis da escavação. A camada arqueológica deste sítio apresenta-se pouco espessa, conforme já mencionado anteriormente, alcançando aproximadamente de 20 a 30 cm de profundidade. Portanto, estamos falando de um piso de ocupação, e um sítio raso.

É preciso analisar também os processos pós-deposicionais que agiram no sítio arqueológico. No entanto, sugere-se que tal configuração da associação dos vestígios na matriz deposicional (apesar da ação bioturbadora¹⁴² no local por causa da vegetação que cresceu e foi retirada posteriormente do local) advenha do próprio estado do local no momento em que o sítio arqueológico teve início. Isso se sustenta pela verificação das camadas de sedimento evidenciadas ao longo de todas as intervenções, que manteve coesão nos diversos locais que foram alvo de nossas intervenções. As diferenças existentes estavam mais presentes pontualmente nos locais que chamamos de “manchas” (contendo carvão) e geralmente próximas às estruturas de combustão e a grande concentração de vestígios cerâmicos. Essa proposta ainda pode ser sustentada pela distribuição horizontal dos vestígios e pela base de pote cerâmico fragmentado *in situ* e evidenciado. Nas estruturas de combustão identificadas na área B1 estavam

¹⁴² Ação bioturbadora: elemento biológico que interferiu nas camadas de ocupação humana do sítio arqueológico.

presentes conchas em grande quantidade (como visto em imagens anteriores), próximas às concentrações cerâmicas. Isso pode ser identificado nos croquis apresentados a seguir – desde a estratigrafia e o piso de ocupação do sítio, as concentrações cerâmicas e uma estrutura de combustão.

Travessão do Rio Vermelho Quadra N120W126 Perfil W



1 - Camada laranja, arenosa, úmida. 5YR 5/6 yellowish red

2 - Camada bege clara, arenosa, presença de raízes médias e grandes. 7.5YR 6/4 light brown.

3 - Camada cinza, arenosa, com raízes. 7.5YR 5/3 brown.

4 - Camada mesclada dos sedimentos laranja da camada 1 e marrom da camada 5, arenosa. 7.5YR 5/6 strong brown.

5 - Camada marrom escuro, úmida. 7.5YR 4/4 brown.

6 - Camada mesclada de sedimentos laranja, cinza e bege, presença de raízes pequenas, médias e grande, arenosa. 7.5YR 5/3 brown, 7.5YR 4/4 brown, 5YR 5/6 yellowish red, 7.5YR 6/2 pinkish gray.

7 - Camada superficial com sedimento solto, coloração bege clara, arenosa. 7.5YR 6/2 pinkish gray.

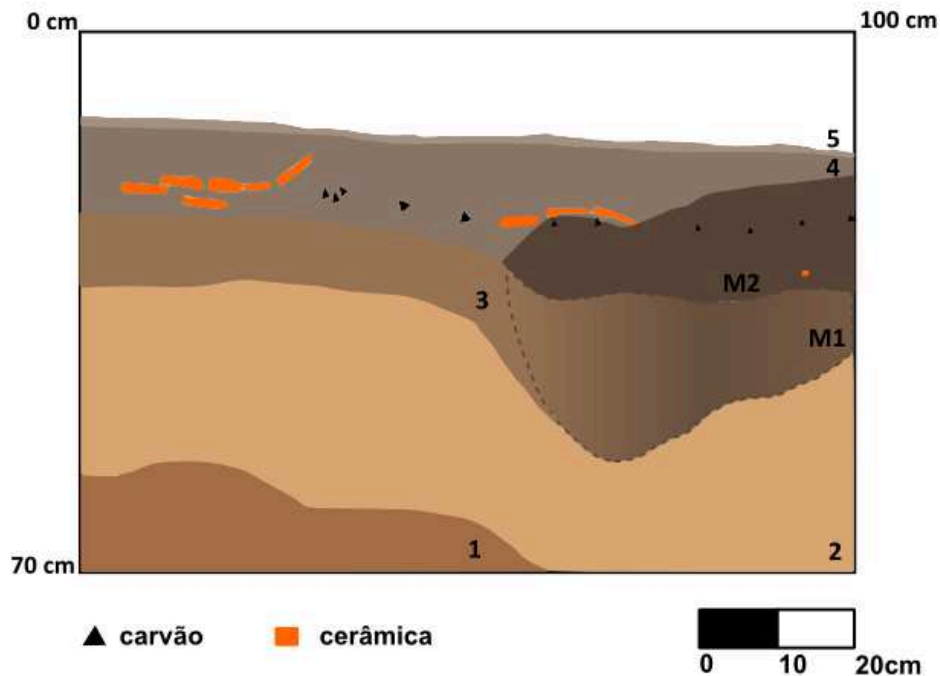
F1

C - Camada arenosa, escura, com carvão, permeada por conchas. 7.5YR 3/1 black.

P - Camada mesclada dos sedimentos de C e de camadas limitrofes. 7.5YR 4/1 dark gray.

Figura 10: Croqui evidenciando perfil oeste da quadra N120W126 (área B1), contendo: camada de ocupação do sítio, estrutura de combustão com conchas, material cerâmico e carvão envoltos em mancha mais escura presentes na camada de ocupação.

Travessão do Rio Vermelho Quadra N120W131 Perfil S



- 1 - Camada laranja, arenosa, úmida, separação é definida por uma linha bem fina de sedimentos mais alaranjado (tom ferroso) - 5YR 5/6 yellowish red
- 2 - Camada bege com pontos esparsos de sedimento cinza, presença de raízes finas - 7.5YR 5/4 brown
- 3 - Camada mesclada do sedimento bege da camada 2 com a camada 4 (cinza), há uma mudança tênue entre a camada 2 e 3 - 7.5YR 5/4
- 4 - Camada cinza com muitos pontos de carvão, cerâmica (fragmentos grandes, horizontais, que remontam), com carvão associado a cerâmica, com raízes pequenas e médias - 7.5YR 5/2 brown
- 5 - Camada superficial com sedimento solto e coloração cinza claro - 7.5YR 6/1 gray
- M1 - Sedimento bege escuro, com manchas cinza escuro - 7.5YR 6/6 reddish yellow
- M2 - Sedimento marrom escuro com pontos de carvão, dispostos em linha horizontal e logo abaixo da cerâmicas (incluindo um fragmento de borda) - 7.5YR 3/1 very dark gray

Figura 11: Croqui do perfil sul da quadra N120W131 (área B1) apresentando camada de ocupação com vestígios materiais cerâmicos, carvão e macha escura com fragmentos de carvão nessa mesma camada.

3.3. Atividades de Laboratório¹⁴³.

Em laboratório, a pesquisa teve andamento com o tratamento e curadoria do material proveniente das etapas de campo, uma vez que a pesquisa arqueológica apresenta algumas etapas: levantamento teórico e bibliográfico, pesquisas em campo, laboratório, discussão do objeto fruto do trabalho de campo e laboratório, e divulgação (esta etapa deve permear todas as etapas anteriores também)¹⁴⁴.

Primeiramente, a documentação produzida a partir da pesquisa em campo foi reproduzida em cópias impressa e digital para manuseio dos pesquisadores e entrada na instituição de salvaguarda. As amostras trazidas de campo foram higienizadas (a seco ou com água, dependendo do tipo de coleta nela realizada e de acordo com as características físicas dos vestígios), numeradas (imagens a seguir) e armazenadas em embalagens plásticas zipadas devidamente identificadas de acordo com protocolos utilizados na área de conservação museológica de vestígios arqueológicos do MARquE/UFSC. As amostras contendo carvão foram especialmente higienizadas e armazenadas de modo a viabilizar também futuras análises físico-químicas. Todos os procedimentos realizados visaram a preservação do patrimônio material e sua disponibilização a pesquisadores e futuras análises / pesquisas.

¹⁴³ Muitos dos procedimentos neste item descritos foram igualmente disponibilizados em Relatório Final de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UFSC/CNPq) concedida à autora entre os anos de 2014 e 2015.

¹⁴⁴ Dentre as portarias e lei que dispõem sobre a proteção do patrimônio e sua pesquisa, está a Instrução Normativa N° 001 de 25 de março de 2015 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).



Figura 12: Higienização de fragmentos cerâmicos.



Figura 13: Amostra cerâmica numerada.



Figura 14: Amostras cerâmicas numeradas.

Outro procedimento realizado na Arqueologia e que foi utilizado no tratamento do material proveniente de campo foi a *flotação*. Durante as etapas de campo da pesquisa no sítio arqueológico foram coletadas 17 amostras de sedimento de uma das três áreas escavadas (área B1). Para a análise dos vestígios contidos nessas amostras de sedimento é necessário procedimento específico para que não se percam potenciais fontes de informação. A representatividade de uma amostra é essencial para a validade dos resultados obtidos e sua posterior interpretação, por isso a escolha do método a ser empregado para a coleta de material merece estudo e refinamento metodológico¹⁴⁵. Então, para viabilizar futuras análises de macro-vestígios bioarqueológicos (antracologia, arqueobotânica e zooarqueologia), foi escolhida a flotação, sendo que o equipamento utilizado para sua realização foi construído e elaborado pela equipe do LEIA. Essa técnica é baseada na diferença de densidade dos resíduos orgânicos e inorgânicos. Fragmentos carbonizados de madeira, sementes ou tubérculos em geral flutuam, enquanto restos de moluscos, ossos, líticos e cerâmica são depositados na peneira¹⁴⁶. O procedimento resultou em duas amostras: uma fração “leve” (com os vestígios que flutuam) e outra “pesada” (que ficam presos na peneira), o sedimento é

¹⁴⁵ SCHEEL-YBERT, R.; KLÖKLER, D.; GASPAR, M.D.; FIGUTI, L. Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia. *In: Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 139-163, 2005-2006. P.p.146, 155.

¹⁴⁶ *Ibidem*, P.155.

descartado juntamente a água. As frações são devidamente embaladas e identificadas.
Imagens a seguir:



Figura 15: Bolsista e integrante do LEIA utilizando a máquina para o procedimento de flotação em fevereiro de 2015. Foto: Gabriela Oppitz.



Figura 16: Bolsista e integrante do LEIA coletando amostra de fração leve resultante da flotação. Foto: Gabriela Oppitz.



Figura 17: Integrante do LEIA separando a fração leve, resultado do procedimento de flotação. Foto: Gabriela Oppitz.

Além disso, as amostras foram quantificadas de acordo com a natureza do vestígio arqueológico, bem como a partir da forma de intervenção, dos setores e áreas definidas metodologicamente (coletas de tradagem, sondagem, superfícies amplas – áreas B1, B2 e B3 -, coletas de superfície dos setores A e B, e ainda coletas assistemáticas realizadas pela comunidade local anteriormente à pesquisa do laboratório no local). Isso com o intuito, também, de viabilizar a análise material:

Número de amostras de acordo com coleta e vestígio arqueológico							
	Cerâmica	Carvão	Lítico	Semente	Concha	Ferro*	Plástico*
Tradagem	5	14	3	0	0	0	0
Sondagem	16	28	7	4	3	1	0
Área de escavação B3	21	8	2	1	1	0	0
Área de escavação B1	187	120	1	0	68	1	1
Área de escavação B2	59	55	7	0	0	0	0
Coleta de Superfície Setor B	25	0	1	0	1	0	0
Coleta de Superfície Setor A	24	0	8	0	4	0	0
Total	337	225	29	5	77	2	1

* O Ferro e o Plástico aparecem em pouquíssimos locais, devido à inserção de elementos contemporâneos na camada arqueológica.

Tabela 4: Número de amostras de acordo com coleta e natureza do vestígio arqueológico.

Análises estão sendo empreendidas nas dependências do LEIA pela autora, bem como parcerias são firmadas com demais laboratórios com o intuito de favorecer análises físico-químicas dos vestígios, e em breve com novos resultados e divulgações. Dentre elas, está a análise tecnológica da cerâmica¹⁴⁷. Parte dos resultados obtidos da análise tecnológica são provenientes da seleção de três conjuntos provenientes de três unidades de escavação distintas (cada um correspondente a uma das três áreas de escavação, B1, B2 e B3), correspondentes aos seguintes números de proveniência/amostras: 606, 631, 609, 602, 582, 581, 610, 1007, 1000, 1010, 1012, 1013, 1002, 1533, 1535, 1520 e 1541. A seguir, imagens dos conjuntos iniciais escolhidos para análises:

¹⁴⁷ Com a orientação da Dr^a Juliana Salles Machado, integrante colaboradora do LEIA/UFSC. Parte das referências utilizadas para tal estão em: LA SALVIA, Fernando. *Cerâmica Guarani.*/ Fernando La Salvia e José Proença Brochado (orgs.). Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989; MACHADO, Juliana Salles. *Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara.*/ Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2005.



Figura 18: Conjunto 3, pertencente à área B3, em análise.



Figura 19: Conjunto 2, pertencente à área B2, em análise.



Figura 20: Conjunto 1, pertencente à área B1, em análise.

Ainda, os croquis, plantas e desenhos produzidos durante a escavação passaram por processo de reprodução digital, valendo-se de *softwares* livres para computadores. Dessa forma, podemos relacionar visualmente um desenho ao outro, padronizando informações atribuídas ao longo do registro da escavação. Podemos analisar a composição do sítio, e propor hipóteses de seu processo de formação, conforme mencionado no item anterior, acerca da dispersão dos vestígios em superfície.

Cabe esclarecer que a análise cerâmica (em termos tecnológicos, funcionais e físico-químicos) e dos demais materiais provenientes dessas etapas de campo deve continuar para que possam se relacionar às demais informações que a escavação pode registrar do sítio arqueológico, e então avançarmos nas interpretações sobre o sítio. Mais intervenções ainda podem ser realizadas, ampliando e evidenciando outros locais

de uso Guarani nesse território, para que se possa compreender a organização desse *tekohá*, bem como as distintas áreas de atividades que o compõe.

3.4. Datação.

Com relação às datações radiocarbônicas (C14), as amostras - TRV463 da unidade de escavação N120W126, e TRV403 da unidade N119W131- provinham das estruturas de combustão (observar Croqui Geral de Intervenções na Área B1) presentes na única camada de ocupação identificada e foram encaminhadas ao laboratório *Beta Analytcs Inc.* na Flórida (E.U.A) (**ANEXO 2**). Foram obtidos os seguintes resultados: 290+-30 A.P e 370+-30 A.P¹⁴⁸. Ou seja, nos séculos XVI e XVII conta-se com a presença indígena Guarani na Ilha, contemporânea à presença europeia. Falamos de uma presença Guarani cujos registros europeus (como visto no capítulo anterior) não contemplam com clareza e detalhes sua cultura, distribuição no território ou mesmo o contato com essas populações. No século seguinte (século XVIII), pode-se dizer que esses indígenas não se encontravam mais na Ilha, enquanto que os colonizadores sim, fundando povoados e vilas na chamada Desterro. O que houve com essas populações indígenas? Foram ao continente em fuga? Como? Muitos dizimados por confronto físico ou mesmo por doença? Sabemos da existência de grupos Guarani atuais em terras indígenas no continente ao longo do litoral catarinense, como as T.I. Morro dos Cavalos, Massiambu, e M'Biguaçu (nos municípios de Palhoça e Biguaçu – SC) e que possuem trajetória contextualizada nos trabalhos antropológicos realizados¹⁴⁹. Esse sítio arqueológico, enquanto um dos locais com datação mais recente para a presença Guarani no litoral (junto a Poço Grande, em Joinville, por exemplo), é emblemático também nesse sentido: oferece-nos a oportunidade de compreender o contato com os

¹⁴⁸ Para a amostra TRV463, o *Beta Analytcs Inc.* identificou: 370+-30 BP, Cal 1460 AD a 1640 AD (Cal BP 490 a 310). Para a amostra TRV403, o laboratório indicou: 290+-30 BP, Cal 1500 a 1500 (Cal BP 450 a 450), e Cal AD 1510 a 1600 (Cal BP 440 a 350); Cal AD 1620 a 1660.

¹⁴⁹ DARELLA, Maria Dorothea Post. *Ore Roipota Yvi Porã – Nós queremos terra boa. Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina – Brasil.* (Tese de Doutorado) PUC-SP: São Paulo, 2004.

européus e início de abrupta decadência das populações indígenas no sul do Brasil de modo geral.

Esse sítio arqueológico também é considerado importante perante a atual situação de presença de datações nos sítios do litoral central: enquanto Porto do Rio Vermelho I e Tapera (ambos sítios conchíferos com presença da cerâmica de tradição tupiguarani) apresentam respectivamente as datações de 910 A.P. e 1400+-70 A.D (C14), relativamente com recuo temporal grande para essa presença no litoral sul brasileiro como um todo, Travessão do Rio Vermelho possui datas recentes. Podemos nos questionar: a presença Guarani ao longo desse período (do ano 910 a 1660 A.D¹⁵⁰) é constante, como propõem os modelos para expansão Guarani em um território? Apesar de os grupos mudarem de local dentro do seu território de domínio, e de expandirem seu território “guaranizando” muitos grupos ao longo do caminho¹⁵¹, a ocupação Guarani na Ilha foi constante ao longo de sete séculos?

Como podemos falar de contato dos grupos Guarani com os demais grupos que ocuparam o território litorâneo central, e que em determinados períodos certamente coexistiram na região? Por exemplo, como foi o contato com grupos sambaquieiros, com construtores dos conchíferos e sítios “rasos” da região, e aqueles falantes do tronco Jê, dos chamados grupos Jê do Sul? Certamente, necessitamos refinar as datas e pesquisas arqueológicas para a região, a fim de podermos explorar mais esses caminhos e debatermos com os demais registros etnohistóricos e etnográficos. Necessita-se refinar as datações dos demais sítios arqueológicos, e refinar metodologias utilizadas para incorrer em nuances do registro arqueológico e da história indígena de longa duração nesse território.

¹⁵⁰ A.D.: *Anno domini*.

¹⁵¹ NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. In: *Revista USP* 44(2): 218-269. 1999/2000.

Considerações Finais

Nessa pesquisa buscou-se trazer discussões acerca dos modos de pensar a Arqueologia Guarani no sul brasileiro e os trabalhos advindos da temática e situar o contexto arqueológico do litoral central do estado perante uma história Guarani de longa duração. Sabe-se que para compreender ou inferir sobre essa história, pensar interdisciplinarmente é necessário. Nesse caso, procuramos transitar entre a Arqueologia, Etnografia e Etnohistória, utilizando fontes de cada uma dessas áreas e ciências. Valendo-nos do estudo de caso do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho, podemos problematizar aspectos abrangidos e outros questionamentos por serem explorados para a compreensão da expansão, ocupação Guarani e uso do território na região, bem como contato com outras populações (povos pré-coloniais e europeus).

Importante sublinhar que essa pesquisa apenas se inicia. Refinar o estudo com tecnologia, cronologia e contextos regionais bem definidos é imprescindível para inferir sobre as questões anteriormente destacadas e avançar o debate em Arqueologia Guarani que em muito é deixado de lado por se tratar do estudo de vestígios de história de grupos bastante conhecidos na etnografia e etnohistória, e cujos trabalhos em arqueologia seguiram saltos consideráveis nas últimas três décadas. Além disso, há que se pensar na dinâmica macrorregional de ocupação Guarani. Sendo assim, refinar metodologicamente os contextos faz-se urgente. Para a região litorânea central de Santa Catarina, este trabalho retoma esforços de pesquisas realizadas décadas atrás (com Walter Piazza e João Alfredo Rohr). E busca problematizar e trazer discussões sobre

Arqueologia Guarani para a região delimitada. Isso se torna inédito ao inserirmos a região num contexto maior de discussão: o sul brasileiro.

Por isso, a Arqueologia Guarani no litoral central deve ser explorada. O estudo com os vestígios e evidências provenientes do sítio Travessão do Rio Vermelho avança e abre perspectivas. Devemos refletir ainda sobre como o registro arqueológico evidencia os usos do território na Ilha de Santa Catarina, onde estão os distintos locais de atividade dentro de um *tekohá*, sobre as cronologias existentes aqui e para o restante do litoral sul-brasileiro, sobre o adensamento e empoderamento do território por essas populações (como ocorreu?), sobre a guerra e conflitos físicos no registro arqueológico Guarani, sobre a amplitude dos *teko'á* nessa delimitação, sobre ocupações concomitantes a outras populações, sobre a escolha das terras baixas do litoral, sobre o hiato de registros escritos ou orais para a região quando da chegada europeia, dentre outros questionamentos.

Podemos refletir também sobre o crescimento da identificação de sítios Guarani a partir do Projeto “Florianópolis Arqueológica”, que obteve um olhar regional e diferenciado para o tratamento dos registros de sítios arqueológicos na Ilha. Se observarmos a localidade do Rio Vermelho, assim como este, há outros sítios Guarani na Ilha certamente “invisibilizados”. Tal como o Travessão do Rio Vermelho, outros sítios com vestígios dispersos e cerâmica esparsa a poucos centímetros de profundidade, encontram-se na maior parte, assentados sobre dunas pleistocênicas, sobre as quais a especulação imobiliária de Florianópolis avança de forma mais voraz nas últimas décadas. Isso nos mostra e reforça a importância e urgência de estudos de sítios arqueológicos como o TRV.

Ademais, perante o contexto atual vivido pelos povos indígenas no Brasil, com relação a perda de seus territórios e direitos – processo que perdura por mais de quinhentos anos-, estudar os contextos arqueológicos Guarani no litoral central torna-se extremamente relevante a tal reflexão e debate, e neste sentido podemos contribuir com informações para esse processo, em especial aqueles referentes à demarcação de terras. E por fim, conforme propõe Noelli, faz-se importante melhorarmos o registro e escavação de sítios, refinando metodologias, como também ampliarmos nossas perspectivas para áreas maiores, podendo refletir sobre as dinâmicas de formação e transformação de territórios e territorialidades dos Grupos Guarani.

Ou seja, a pesquisa continua...

Lista de Fontes

Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, Portaria N.37 de 19 de agosto de 2013. Processo 01510.001749/2013-18. Atividades de Intervenção no sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho. Etapa 1, novembro/2013 a março/20014. Projeto financiado pelo CNPQ (Processo 406314/2012-8) e pelo IPHAN (termo de cooperação técnica IPHAN-UFSC). / Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia, Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

BUENO, L., BOND, L., MENDES, R., OPPITZ, G., PEREIRA, T., BATISTA, J., BEE, B. *Florianópolis Arqueológica. Relatório Final*, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 120p.

Vestígios materiais provenientes do sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho (TRV) sob o Projeto Florianópolis Arqueológica.

BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 4ª. ed. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1996.

PERRONE-MOISES, Leyla. *Vinte luas: viagem de Palmier de Gonneville ao Brasil, 1503-1505*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista. In: BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia M. F.(org.) *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis, UFSC, 2004.

Referências Bibliográficas

A Presença Indígena na Formação do Brasil/ João Pacheco de Oliveira e Carlos Augusto da Rocha Freire – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, 2006, 268 p.

Antes Do Oeste catarinense: arqueologia dos povos indígenas./ Mirian Carbonera, Pedro Inácio Schmitz (orgs.) – Chapecó: Argos, 2011.

Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil/ Rafael Guedes Milheira, Gustavo Peretti Wagner (orgs.). Curitiba: Appris, 2014.

Florianópolis Arqueológica. Relatório Parcial, Portaria N.37 de 19 de agosto de 2013. Processo 01510.001749/2013-18. Atividades de Intervenção no sítio arqueológico Travessão do Rio Vermelho. Etapa 1, novembro/2013 a março/20014./ Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia, Universidade Federal de Santa Catarina. Projeto financiado pelo CNPQ (Processo 406314/2012-8) e pelo IPHAN (termo de cooperação técnica IPHAN-UFSC).

Instrução Normativa N° 001 de 25 de março de 2015 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Os Ceramistas Tupiguarani. Volume I - Sínteses regionais./ André Prous, Tania Andrade Lima (editores). Gráfica e Editora Sigma.

Parque Estadual do Tabuleiro: aspectos culturais e sociais. Volume I. UFSC – FATMA, 1976.

ANDRADE, Sabrina de Assis. Uma proposta etnoarqueológica sobre a concepção do território: os Mbya Guarani e o Tekoa Pindoty. *In: Cadernos do Lepaarq*, Pelotas, v.XI, n.21. P.p.2-16, 2014.

BANDEIRA, Dione da Rocha. *Ceramistas pré-coloniais da Baía da Babitonga, SC: arqueologia e etnicidade*. São Paulo: Unicamp, 2004. Tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História.

BARRETO, Cristina. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da Arqueologia no Brasil. *In: Revista USP*, 1999-2000. N.44. P.p. 32-51.

BERGER, Paulo. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*. 4ª. ed. rev. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC: Lunardelli, 1996.

BONOMO, M., et al., A model for the Guaraní expansion in the La Plata Basin and litoral zone or southern Brazil. *In: Quaternary International*, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.quaint.2014.10.050>.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais. A longa duração. *In* _____ *Annales E.S.C*, n.4, out.-dez 1958, Débats et Combats, 1992. P.p.725-753.

BRAUDEL, Fernand. História e ciências sociais. A longa duração. *In*. _____ *Escritos sobre a História*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1992.

BRIGHENTI, Clovis. Povos indígenas em Santa Catarina. *In: Notzold, A., Rosa, H. e Bringmann, S. (orgs.) Etnohistória, História Indígena e Educação*. Porto Alegre, RS: Ed. Palotti, 2012.

BROCHADO, José Proenza. A Expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *In: Dédalo*, São Paulo, v.27. P.p.65-82, 1989.

BROCHADO, José Proenza; MONTICELLI, Gislene. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos. *In: Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XX, n.2. P.p.107-118, dezembro, 1994.

BUENO, Lucas de Melo Reis. *Florianópolis Arqueológica*. Projeto de pesquisa, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 2012. 38p.

BUENO, L., BOND, L., MENDES, R., OPPITZ, G., PEREIRA, T., BATISTA, J., BEE, B. *Florianópolis Arqueológica. Relatório Final*, CNPq/IPHAN, Florianópolis, Santa Catarina, 120p.

CARBONERA, Miriam. *A tradição tupiguarani no Alto Uruguai: estudando o “Acervo Marilandi Goulart”*. São Leopoldo: UNISINOS, 2008.

CAROLA, Carlos Renato; WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da. A historiografia de Santa Catarina: olhares sobre os últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel (org.) *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011.

CORREA, Ângelo Alves. *Longue durée: história indígena e arqueologia*. In: Cienc. Cult., São Paulo, v. 65, n. 2, Junho 2013. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252013000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Nov. 2014.

DARELLA, Maria Dorothea Post. *Ore Roipota Yvi Porã – Nós queremos terra boa. Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina – Brasil*. (Tese de Doutorado) PUC-SP: São Paulo, 2004.

DE MASI, Marco Aurélio Nadal. Aplicações de isótopos estáveis de $18/16^o$, $13/12C$ e $15/14N$ em estudos de sazonalidade, mobilidade e dieta de populações pré-históricas no sul do Brasil. In: *Revista de Arqueologia*, v.22, n.2 (ago-dez.2009): 55-76, 2009.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. In: *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v.2, n.1. P.p.59-76, jan-abr. 2007.

DIAS, Adriana. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do alto vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese de Doutorado. MAE/USP, São Paulo, 2003.

DIAS, Adriana. *Um projeto para a Arqueologia Brasileira: breve histórico da implementação do PRONAPA*. In: *Revista do CEPA*, 19 (22) 1995. P.p.25-39.

EBLE, Alroino B; REIS, Maria José. Patrimônio Pré-histórico. In: *Parque da Serra do Tabuleiro – Aspectos culturais e sociais. Volume I*. Universidade Federal de Santa Catarina: UFSC – FATMA, 1976. P.p.08-44.

FAUSTO, Carlos. *Os índios antes do Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERREIRA, Lucio. Vestígios de Civilização: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Construção da Arqueologia Imperial (1838-1870). In: *Revista de História Regional* 4(1): P.p.9-36. Verão de 1999.

FOSSARI, Teresa. *Ocupações pré-coloniais Jê da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC, 2004.

FOSSARI, Teresa Domitila. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. (Tese de Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2004.

JACOBUS, André Luiz. *Caçadores-coletores na mata atlântica: um estudo de caso na região hidrográfica da Bacia do Lago Guaíba e Planície Litorânea Adjacente (RS)*. Memorial de qualificação de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

LA SALVIA, Fernando. *Cerâmica Guarani*./ Fernando La Salvia e José Proença Brochado (orgs.). Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LINO, Jaisson Teixeira. *Arqueologia Guarani na Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá, Santa Catarina*. Dissertação, UFRGS/RS, Porto Alegre, 2007.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. O naufrago e o sonho: Aleixo Garcia e o imaginário da conquista. In: BRANCHER, Ana e AREND, Sílvia M. F.(org.) *História de Santa Catarina. Séculos XVI a XIX*. Florianópolis, UFSC, 2004.

MELIÁ, Bartomeu; SAUL, Marcos Vinícios de Almeida; MURARO, Valmir Francisco. *O Guarani: uma bibliografia etnológica*. Santo Angelo: FUNDAMES, 1987.

MACHADO, Juliana Salles. *Montículos Artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*./ Dissertação de mestrado. São Paulo: USP, 2005.

MILHEIRA, Rafael Guedes. *Arqueologia Guarani no litoral sul-catarinense: história e território*. São Paulo: USP, 2010.

MONTEIRO, John M. Os Guarani e a História do Brasil Meridional: séculos XVI-XVII. In: CUNHA, M. (org.) *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

MONTERO, Rodrigo; DIAS, Adriana Schmidt; NEUMANN, Mariana Araújo; PASSOS, Marilise Moscardini dos; MEIRELLES, Pedro von Mengden; MARQUES, Roberta Pôrto. Propostas metodológicas para a representação de aspectos gráficos da cerâmica Guarani. In: *Revista de Arqueologia*, 21, n.2. P.p.25-40, 2008.

MONTERO, Rodrigo; DIAS, Adriana Schmidt; NEUMANN, Mariana Araújo; PASSOS, Marilise Moscardini dos; MEIRELLES, Pedro von Mengden; MARQUES, Roberta Pôrto. O discurso dos fragmentos: sócio-cosmologia e alteridade na cerâmica guarani pré-colonial. In: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v.2, n.2. P.p.5-34, jul./dez. 2008.

MONTICELLI, Gislene. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. In: *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v.2, n.1. PP.105-115, jan-abr.2007.

MÜLLER, Isabela da Silva. A interdisciplinaridade em História: apontamentos para as interpretações dos primeiros contatos europeus com os Guarani no litoral central do estado de Santa Catarina. In: *Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC – Brasil* ISSN 1984-3968, v.8, n.1, 2014. P.p.178-191. Disponível em: <http://www.nexos.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/709>.

NOELLI, Francisco S. Por uma revisão das hipóteses sobre os centros de origem e rotas de expansão pré-históricas dos Tupi. In: *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XX, n.1, P.p.107-135, 1994.

NOELLI, Francisco S. *Sem Tekhoá não há Tekó (em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado a uma área de domínio no delta do Jacuí-RS)*. Dissertação, PUC/RS, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, Francisco S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas. In: *Revista USP* 44(2): 218-269. 1999/2000.

NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Os sítios arqueológicos Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina: registros até 2013. *In: Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014.*

NOELLI, F.S.; MILHEIRA, R.G.; WAGNER, G.P. Tabela de sítios Guarani do litoral sul do Brasil, Uruguai e Argentina. *In: Arqueologia Guarani no Litoral Sul do Brasil / Milheira, R.G., Wagner, G.P (orgs.). – Curitiba: Appris, 2014. P.p.205-255.*

NOELLI, Francisco S. O espaço dos Guarani: a construção do mapa arqueológico no Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai. *In: Arqueologia Guarani no litoral Sul do Brasil/ Rafael Guedes Milheira, Gustavo Peretti Wagner (orgs.). Curitiba: Appris, 2014.*

OLIVEIRA, Kelly de. *Estudando a cerâmica pintada da tradição Tupiguarani: a coleção Itapiranga, Santa Catarina.* Porto Alegre: PUCRS, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de um método: estratégias do fazer história. *In: História e História Cultural.* Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural.* 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIAZZA, Walter F. Nota preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas no Estado de Santa Catarina. *In: PRONAPA,* São Paulo, 1967.

PIAZZA, Walter F. O sítio arqueológico do Rio Tavares (Santa Catarina).[SEPARATA]. *In: PRONAPA,* São Paulo, 1965.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *In: Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989. P.p.3-15.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira.* Brasília: Editora da UNB, - 2ª ed., 2002. ISBN 85-230-0316-9

ROBRAHN-GONZALES, Érica. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *In: Revista USP,* 1999/2000. N.44. P.p.10-31.

RODRIGUES, Robson. A ocupação guarani na calha do Alto Paraná: dados preliminares para futuras interpretações. *In: TOPOS,* 2008. V.2, N.2. P.p.113-152.

- ROGGE, Jairo Henrique. Fenômenos de fronteira: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. *In: Pesquisas. Antropologia*, n.62, 2005. P.p.5-119.
- ROSA, Helena Alpini. *A trajetória histórica da escola na comunidade guarani de Massiambu, Palhoça/SC – um campo de possibilidades*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2009.
- SAHLINS, Marshall. Estrutura e História. *In:_____.* *Ilhas de História*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1989. Cap. 5. P.p.172-194.
- SANTI, Juliana Rossato. *O passado no presente: vestígios pré-coloniais como suporte analítico da paisagem no Vale do Soturno, RS*. São Paulo: USP, 2009.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004, 5ª ed.
- SANTOS, Sílvio Coelho dos. A história do extermínio. *In: Índios e Brancos no Sul do Brasil*. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SCHIFFER, Michael B. Archaeological Context and Systemic Context. *In: American Antiquity*. V.37, N.2, 1972.
- SCHMITZ, Pedro I. A cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina. *In: Pesquisas, Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, N.3, 1959. P.p.267-324.
- REIS, Maria J.; FOSSARI, Teresa D. Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João Alfredo Rohr. *In: Cadernos do CEOM – Ano 22, n. 30 – Políticas públicas: memórias e experiências*. P.p.265-293.
- SCHMITZ, Pedro I. João Alfredo Rohr – um jesuíta em tempos d transição. *In: Pesquisas, Antropologia* N° 67. São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas, 2009. P.p.9-22.
- SOARES, André Luis. *Contribuição à Arqueologia Guarani: estudo do sítio Röpke*. São Paulo: USP, 2004.
- TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*./ tradução Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

URBAN, Greg. *A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas*. 1992. P.87-102.

VOLCOV, Jonas Elias. *Cerâmica Tupiguarani e os processos de interação cultural no Alto Rio Iguaçu, PR*. Curitiba: UFPR, 2011.

WATSON, Virginia Drew. Ciudad Real: um sítio Guarani-Espanhol no alto Rio Paraná. *In: Revista Arqueologia*, 16, 2003. P.p.139-155.

ZEDEÑO, María Nieves. Landscapes, Land Use, and the History of Territory Formation: An Example from the Puebloan Southwest. *In: Journal of Archaeological Method and Theory*. Plenum Press, v.4, n.1, new York and London. P.p.67-103, march 1997.

Anexo 1

Sítios Arqueológicos da Região da Serra do Tabuleiro

Referência: *Parque Estadual do Tabuleiro: aspectos culturais e sociais. Volume I. UFSC – FATMA, 1976.*

Nº	Nome	Tipo	Descrição Sumária	Localização	Bibliografia
1	SC PEST 01	Sambaqui	Presença de anomalocardia, dimensões 60X40X1m. Proprietário do terreno Brich Wesphal.	Casqueiro, no município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
2	SC PEST 02	Mancha Preta	Encontrados materiais lítico e conchas. Dimensões 20X30m. Proprietário do terreno Luiz Henrique Batistotti.	Estrada do Beijarô (Km 212 - BR 101), Localidade do Casqueiro, Município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
3	SC PEST 03	Sambaqui	Dimensões 50X50m. Proprietário do terreno Luiz Henrique Batistotti.	Estrada do Beijarô, Localidade do Beijarô, Município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
4	SC PEST 04	Mancha Preta	Com material cerâmico. Dimensões de 20X20m. Proprietário do terreno Sabino Joaquim da Silveira.	Localidade da Pinheira, Município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
5	SC PEST 05	Sambaqui	Presença de material arqueológico dos tipos lítico, conchas e material ósseo humano. Dimensões de 10X10X3m. Proprietário do terreno Bento Carioni.	Localidade da Pinheira, Município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
6	SC PEST 06	Mancha Preta	Presença de material cerâmico e lítico. Dimensões de 15X20m. Proprietário do terreno Ildefonso Vieira.	Sede do Distrito, Localidade da Gamboa, Município Paulo Lopes.	Eble & Reis, 1976
7	SC PEST 07	Mancha Preta	Presença de material lítico e cerâmico. Dimensões de 20X30m.	Dunas da Gamboa - Encantada, Localidade de Gamboa, Município Paulo Lopes.	Eble & Reis, 1976
8	SC PEST 08	Mancha Preta	Sem presença de material. Dimensões de 10X15m. Proprietário do terreno Nestor Martins de Matos.	Praia da Pinheira, Localidade do Canto da Praia de Baixo, Município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
9	SC PEST 09	Mancha Preta	Presença de material lítico. Com dimensões de 10X20m. Proprietário Pedro Paulo Goedert.	Localidade da Vargem do Braço, Município de Santo Amaro.	Eble & Reis, 1976

10	SC PEST 10	Casa subterrânea e montículos	Não há presença de material arqueológico. Dimensões de 100X100m. Proprietária do terreno Brasilpinho S/A.	Horto Florestal - Brasilpinho, Localidade Massiambu, Município de Palhoça.	Eble & Reis, 1976
11	SC PEST 11	Mancha Preta	Presença de material arqueológico lítico e cerâmico. Dimensões de 100X100m. Proprietário do terreno Saturnino Araujo dos Santos.	Porto, Localidade Albardão, Município de Palhoça	Eble & Reis, 1976
12	SC PEST 12	Sambaqui	Presença de <i>ostrea</i> , com material lítico e conchas e dimensões de 30X20m. Propriedade do sítio: Quirino José da Silva.	Roça, Localidade Albardão, Município de Palhoça	Eble & Reis, 1976
13	SC PEST 13	Sambaqui	Presença de <i>Anomalocardia brasiliensis</i> , de dimensões 20X20X4m. Apresenta material lítico e conchas. Proprietário do terreno Manoel José do Nascimento.	Roça, Localidade Três Barras, Município Palhoça	Eble & Reis, 1976
14	SC PEST 14	Sambaqui	Presença de <i>Anomalocardia brasiliensis</i> , material lítico e conchas, de dimensões 20X30X3m. Proprietário do terreno Manoel José do Nascimento.	Roça, Localidade Três Barras, Município Palhoça	Eble & Reis, 1976
15	SC PEST 15	Sambaqui	Presença de <i>Anomalocardia brasiliensis</i> , material lítico e conchas, de dimensões 20X30X3m. Proprietário do terreno Manoel José do Nascimento.	Roça, Localidade Três Barras, Município Palhoça	Eble & Reis, 1976
16	SC PEST 16	Mancha Preta	Presença de material cerâmico. Dimensões de 100X30m. Proprietário do terreno Nestor Cesário dos Santos.	Porto, Localidade Albardão, Município de Palhoça	Eble & Reis, 1976
17	SC PEST 17	Mancha Preta	Presença de material lítico e cerâmico. Dimensões de 20X20m. Proprietário do terreno Amadeu Antonio Moisés.	Areias de Paulo Lopes, Localidade da Costa do Morro, Município de Paulo Lopes.	Eble & Reis, 1976
18	SC PEST 18	Mancha Preta	Presença de material cerâmico. Dimensões de 20X20m. Proprietário do terreno Baldino Borges.	Penha, Localidade Penha, Município de Imbituba	Eble & Reis, 1976
19	SC PEST 19	Mancha Preta	Presença de material lítico e cerâmico. Dimensões de 20X20m. Proprietário do terreno Eugeniano Baldino Borges.	Penha, Localidade Penha, Município de Imbituba	Eble & Reis, 1976
20	SC PEST 20	Sambaqui	Presença de material lítico. Dimensões de 60X40X1m. Proprietário do terreno Erich Westphal.	Ponta de Imaruí, Localidade da Ponta de Imaruí, Município de Palhoça	Eble & Reis, 1976

21	SC PEST 21	Mancha Preta	Presença de material cerâmico. Dimensões de 100X100m. Proprietário do terreno Vitauro Lopes.	Praia da Gamboa, Localidade Praia da Gamboa, Município de Paulo Lopes	Eble & Reis, 1976
22	SC PEST 22	Mancha Preta	Presença de material cerâmico. Dimensões de 100X100m. Proprietário do terreno Manoel Florentino Pereira.	Praia da Gamboa, Localidade Praia da Gamboa, Município de Paulo Lopes	Eble & Reis, 1976
23	SC PEST 23	Mancha Preta	Presença de material cerâmico. Dimensões de 250X20m. Proprietário do terreno Viúva Joca Santos.	Paulo Lopes, Localidade Paulo Lopes, Município de Paulo Lopes	Eble & Reis, 1976
24	SC PEST 24		Sítio de sepultamento. Sem presença de material arqueológico. Dimensões de 40X15X1m. Proprietário do terreno Custódio Cesar Resende.	Praia do Fora, Localidade da Praia do Fora, Município de Palhoça	Eble & Reis, 1976
25	SC PEST 25		Sepultamento. Sem material arqueológico. Dimensões de 20X30X1m. Proprietário do terreno Manoel Polidoro e Didio Barbosa.	Praia do Fora, Localidade da Praia do Fora, Município de Palhoça	Eble & Reis, 1976
26	SC PEST 26	Sambaqui	Presença de material lítico. Dimensões de 100X50X3m. Proprietário do terreno João Bernardo Leandro e outros.	Capão da Garopaba, Localidade Capão da Garopaba, Município de Garopaba.	Eble & Reis, 1976
27	SC PEST 27	Inscrições Rupestres	Presença de "pinturas".	Ilha dos Corais, Localidade da Ilha dos Corais, Município de Paulo Lopes	Eble & Reis, 1976
28	SC PEST 28		Sepultamento. Presença de material cerâmico.	Ilha dos Corais, Localidade da Ilha dos Corais, Município de Paulo Lopes	Eble & Reis, 1976
29	SC PEST 29	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 3(?)X30cm de profundidade. Proprietário do terreno Martino Rohling.	Estrada São Bonifácio - Serraria, Localidade Serraria Docas, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976

30	SC PEST 30	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 3 a 4m diâmetro (?). Proprietário do terreno Gabriel Bocha.	Estrada São Bonifácio - Santo Antonio, Localidade Santo Antonio, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976
31	SC PEST 31	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 4m de diâmetro. Proprietário do terreno Augustinho Nack.	Estrada Estadual de São Bonifácio, Localidade do Alto Capivari, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976
32	SC PEST 32	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 3m de diâmetro X 1m de profundidade. Proprietário do terreno Adelino Mayer.	Estrada Estadual de São Bonifácio, Localidade do Alto Capivari, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
33	SC PEST 33	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 5m de diâmetro X 20cm de profundidade. Proprietário do terreno Itília Küol Heinzen.	Estrada Rio Engano - Rio Chicão, Localidade de Rio Engano, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976
34	SC PEST 34	Manchas Pretas	Presença de material lítico. Proprietário do terreno Balduino Defraing. Dimensões de 4m de diâmetro X 40cm de profundidade.	Estrada São Bonifácio - Rio Engano, Localidade Rio Engano, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
35	SC PEST 35	Mancha Preta	Dimensões de 4m de diâmetro X 30cm de profundidade. Proprietário do terreno Alfredo Petersen.	Estrada São Bonifácio - Rio Engano, Localidade Rio Engano, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
36	SC PEST 36	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 5m de diâmetro X 20cm de profundidade. Proprietário do terreno Silvestro Schneider.	Estrada São Bonifácio - Rio Chicão, Localidade Rio Chicão, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
37	SC PEST 37	Mancha Preta	Uma mancha preta, com presença de material lítico. Dimensões de 4m de diâmetro. Proprietário do terreno Lino Wener.	Estrada São Bonifácio - Rio Ern, Localidade Rio Ern, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976

38	SC PEST 38	Manchas Pretas	Presença de material lítico. Dimensões de 4 a 5m de diâmetro. Proprietário do terreno Teobaldo Ern.	Estrada Ern - São Bonifácio, Localidade Rio Ern, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976
39	SC PEST 39	Mancha Preta	Presença de material lítico, com dimensões de 4m de diâmetro. Proprietário do terreno Guilherme Berkenbrook.	Estrada Rio Ern - São Martinho, Localidade Rio Ern, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
40	SC PEST 40	Mancha Preta	Presença de material lítico, com dimensões de 60cm de profundidade. Proprietário do terreno João Rohling.	Rio Theiss - São Bonifácio, Localidade de Rio Theiss, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
41	SC PEST 41	Mancha Preta	Presença de materiais líticos. Proprietário do terreno Armando Petry.	Rio Theiss - São Bonifácio, Localidade de Rio Theiss, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
42	SC PEST 42	Mancha Preta	Presença de materiais líticos. Dimensões de 60cm de profundidade. Proprietário do terreno Armando Petry.	Rio Theiss, Localidade de Rio Theiss, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
43	SC PEST 43	Mancha Preta	Presença de materiais líticos. Proprietário do terreno Alberto Rohling.	Bloemer - São Bonifácio, Localidade Rio Bloemer, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
44	SC PEST 44	Mancha Preta	Presença de materiais líticos. Proprietário do terreno Alberto Rohling.	Rio Bloemer - São Bonifácio, Localidade Rio Bloemer, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
45	SC PEST 45	Mancha Preta	Presença de material lítico e cerâmico. Dimensão de 200 metros quadrados. Proprietário do terreno Marcos Sehnem.	Barra do Rio Sete - São Bonifácio, Localidade Rio Sete, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976
46	SC PEST 46	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensão de 500 metros quadrados. Proprietário Marcos Sehnem.	Barra do Rio Sete - São Bonifácio, Localidade Rio Sete, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976

47	SC PEST 47	Manchas Pretas Montículos	Presença de material cerâmico. Dimensões de 3 a 4m de diâmetro - 2 a 2,54 eixo maior X 80cm a 1m eixo menor 70 a 80 cm altura. Proprietário do Terreno Marcos Sehnem.	Barra do Rio Sete - São Bonifácio, Localidade Rio Sete, Município de São Bonifácio	Eble & Reis, 1976
48	SC PEST 48	Montículos	Não existe presença material arqueológico. As dimensões são de 2 a 3m eixo maior X 80cm eixo menor - 60 a 70cm de altura. Proprietário do terreno Simão Buss.	Santo Antonio - São Bonifácio, Localidade de São Bonifácio, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
49	SC PEST 49	Manchas Pretas	Não há a presença de material arqueológico. Dimensões de 300 metros quadrados.	Rua São Martinho - Imaruí, Localidade Vargem do Cedro, Município de São Martinho.	Eble & Reis, 1976
50	SC PEST 50	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 3 a 4m de diâmetro. Proprietário do terreno Simão Sehuem.	Desvio da Estrada São Martinho, Localidade da Vargem do Cedro, Município de São Martinho	Eble & Reis, 1976
51	SC PEST 51	Mancha Preta	Não há presença de material arqueológico. Dimensões de 200 metros quadrados. Proprietário do terreno José Hoepers.	Desvio da Estrada São Martinho - Imaruí, Localidade da Vargem do Cedro, Município de São Martinho	Eble & Reis, 1976
52	SC PEST 52	Manchas Pretas	Presença de material lítico. Dimensões de 5 metros de diâmetro. Proprietário do terreno Luiz Helmann.	Estrada São Martinho - Imaruí, Localidade da Vargem do Cedro, Município São Martinho	Eble & Reis, 1976
53	SC PEST 53	Manchas Pretas	Presença de material lítico. Dimensões de 4 a 5 metros de diâmetro. Proprietário do terreno José Preech.	Desvio da Estrada de São-Martinho - Imaruí, Localidade da Vargem do Cedro, Município de São Martinho.	Eble & Reis, 1976
54	SC PEST 54		Não contem materiais arqueológicos. Proprietário do terreno Balduino Feuser.	Vargem do Cedro - São Martinho, Localidade de Vargem do Cedro, Município de São Martinho	Eble & Reis, 1976

55	SC PEST 55	Mancha Preta	Sem presença de material. Dimensões de 5m de diâmetro. Proprietário do terreno Sebastião Feuser.	Vargem do Cedro - São Martinho, Localidade de Vargem do Cedro, Município de São Martinho	Eble & Reis, 1976
56	SC PEST 56	Mancha Preta	Sem material arqueológico. Proprietário do terreno Hugo Norkambreck.	São Luiz - Imaruí, Localidade de São Luiz, Município de São Martinho	Eble & Reis, 1976
57	SC PEST 57	Mancha Preta	Presença de 4 material lítico. Dimensões de 60 de diâmetro X 50cm de profundidade. Proprietário do terreno Evaldo Westphal.	Alto Rio Poncho - São Bonifácio, Localidade do Alto Rio Poncho, Município de São Bonifácio.	Eble & Reis, 1976
58	SC PEST 58	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 30 de diâmetro X 30cm de profundidade. Proprietário do terreno Tereza Pepler Assing.	Queçaba (sede), Localidade de Queçaba, Município de Águas Mornas.	Eble & Reis, 1976
59	SC PEST 59	Mancha Preta	Não há presença de material arqueológico. Possui dimensões de 3m de diâmetro X 25cm de profundidade. Proprietário do terreno Balduino Weber.	Queçaba - Rio Cubatão, Localidade de Queçaba, Município de Águas Mornas	Eble & Reis, 1976
60	SC PEST 60	Mancha Preta	Não há presença de material arqueológico. Proprietário do terreno Pedro Dias.	Rio Cubatão - Águas Mornas, Localidade do Rio Cubatão, Município de Pedro Dias.	Eble & Reis, 1976
61	SC PEST 61	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 2m de diâmetro. Proprietário do terreno José Loh.	Rio Cubatão - Águas Mornas, Localidade do Rio Cubatão, Município de Águas Mornas.	Eble & Reis, 1976
62	SC PEST 62	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 4m de diâmetro X 30cm de profundidade. Proprietário do terreno Armandinho Carlos Hasseg.	Queçaba - Águas Mornas, Localidade de Queçaba, Município de Águas Mornas.	Eble & Reis, 1976
63	SC PEST 63	Mancha Preta	Presença de material lítico. Proprietário do terreno Deonaldo Germano Mess.	Rio do Cedro - Águas Mornas, Localidade de Rio do Cedro, Município de Águas Mornas.	Eble & Reis, 1976
64	SC PEST 64	Mancha Preta	Não há presença de material arqueológico. Proprietário do terreno Lídia Westphal Dofrein.	Rio Engano - Águas Mornas, Localidade do Rio Engano, Município de Águas Mornas.	Eble & Reis, 1976

65	SC PEST 65	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 3m de diâmetro X 50cm de profundidade. Proprietário do terreno Germano Lückmann.	Rio Novo - Águas Mornas, Localidade de Rio Novo, Município de Águas Mornas	Eble & Reis, 1976
66	SC PEST 66	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 5m de diâmetro X 30cm de profundidade. Proprietário do terreno Manoel João Ferreira.	Santo Amaro - Cova da Onça, Localidade de Cova da Onça Município de Santo Amaro.	Eble & Reis, 1976
67	SC PEST 67	Mancha Preta	Presença de material lítico. Proprietário do terreno Antonio Besen.	Atalho Santo Amaro - Varginha, Localidade de Varginha, Município de Santo Amaro	Eble & Reis, 1976
68	SC PEST 68	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 5m de diâmetro. Proprietário do terreno José André Lhon.	Santo Amaro - Taquara, Localidade de Taquara, Município de Santo Amaro.	Eble & Reis, 1976
69	SC PEST 69	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 5m de diâmetro X 30cm de profundidade. Proprietário do terreno Danilo Hermameyer.	Braço São João - Santo Amaro, Localidade de Braço São João, Município de Santo Amaro	Eble & Reis, 1976
70	SC PEST 70	Mancha Preta	Presença de material lítico. Dimensões de 3,5m de diâmetro X 30cm de profundidade. Proprietário do terreno João Vieira.	São João - Santo Amaro, Localidade de Braço São João, Município de Santo Amaro.	Eble & Reis, 1976
71	SC PEST 71	Mancha Preta e Montículos	Presença de material lítico. Proprietário do terreno Manoel Vasco.	Pilões - Santo Amaro, Localidade de Pilões, Município de Santo Amaro.	Eble & Reis, 1976

Anexo 2



BETA ANALYTIC INC.

DR. M.A. TAMERS and MR. D.G. HOOD

4985 S.W. 74 COURT
MIAMI, FLORIDA, USA 33155
PH: 305-667-5167 FAX:305-663-0964
beta@radiocarbon.com

REPORT OF RADIOCARBON DATING ANALYSES

Dr. Lucas de Melo Reis Bueno

Report Date: 1/28/2015

Universidade Federal de Santa Catarina

Material Received: 1/12/2015

Sample Data	Measured Radiocarbon Age	$^{13}\text{C}/^{12}\text{C}$ Ratio	Conventional Radiocarbon Age(*)
Beta - 401460 SAMPLE : TRV463 ANALYSIS : RadiometricPLUS-Standard delivery MATERIAL/PRETREATMENT : (charred material): acid/alkali/acid 2 SIGMA CALIBRATION : Cal AD 1460 to 1640 (Cal BP 490 to 310)	380 +/- 30 BP	-25.8 o/oo	370 +/- 30 BP

REPORT OF RADIOCARBON DATING ANALYSES

Dr. Lucas de Melo Reis Bueno

Report Date: 2/10/2014

Material Received: 1/24/2014

Sample Data	Measured Radiocarbon Age	¹³ C/ ¹² C Ratio	Conventional Radiocarbon Age(*)
Beta - 371131 SAMPLE : TRV403 ANALYSIS : RadiometricPLUS-Standard delivery MATERIAL/PRETREATMENT : (charred material): acid/alkali/acid 2 SIGMA CALIBRATION : Cal AD 1500 to 1500 (Cal BP 450 to 450) AND Cal AD 1510 to 1600 (Cal BP 440 to 350) Cal AD 1620 to 1660 (Cal BP 330 to 290)	330 +/- 30 BP	-27.6 o/oo	290 +/- 30 BP
